

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

JANAINA PEREIRA DE ABREU

**IDEIAS E PERCEPÇÕES DOS BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA MINHA CASA
MINHA VIDA, SOBRE A POLÍTICA HABITACIONAL E OS GOVERNOS DO
PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT)**

Marília/SP
2021



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
Faculdade de Filosofia e Ciências

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

JANAINA PEREIRA DE ABREU

**IDEIAS E PERCEPÇÕES DOS BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA MINHA CASA
MINHA VIDA, SOBRE A POLÍTICA HABITACIONAL E OS GOVERNOS DO
PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP - Campus de Marília como requisito para obtenção do título de mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Prof^o. Dr. Marcelo Augusto Totti

Coorientadora: Prof^a. Dr^a Thais Regina Pavez

Marília/SP
2021

A162i

Abreu, Janaina Pereira de

Ideias e percepções dos beneficiários do Programa Minha Casa Minha Vida, sobre a política habitacional e os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) / Janaina Pereira de Abreu. -- Marília, 2022

122 p. : il., tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: Marcelo Augusto Totti

Coorientadora: Thais Regina Pavez

1. Habitação popular - Marília (SP). 2. Política habitacional - Brasil - 2003-2010. 3. Casa própria - Compra. 4. Comportamento político (Sociologia política). I. Título.

JANAINA PEREIRA DE ABREU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP - Campus de Marília como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Coorientadora: Profa. Dra. Thais Regina Pavez
Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Dr. Vinicius Saragiotto Magalhães Do Valle
Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Prof. Dr. Antonio Mendes da Costa Braga
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Marília, 29 de novembro de 2021.

À minha família.

Agradecimentos

À minha irmã Janice e às minhas tias Áurea e Olga, pelo apoio e carinho de sempre.

À professora Silvia Fernandes, pelo incentivo e ajuda com o projeto.

À professora Thais Pavez, pelas orientações, caminhos e principalmente paciência em colocar a pesquisa nos rumos.

Ao professor Marcelo Totti por todo suporte.

Ao professor Antonio Braga, a Camila Góes e ao Vinicius Do Valle pelas contribuições valiosas no exame de qualificação e banca de defesa.

Ao Marcus Vinicius Carvalho, por compartilhar sua experiência de pesquisa.

À Sabrina Del Sarto e Mariana Bueno, pelo apoio ao longo da jornada.

À Adriana Barilon, Cíntia Liberato e Michella Kaneno.

Aos participantes da pesquisa, por revelarem um pouco de suas histórias de vida, fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos companheiros de curso, especialmente Julia, Marcos e Rafael.

Aos funcionários da Unesp de Marília, especialmente da Secretaria de Pós-Graduação e Biblioteca.

“[...] Sonho é um doce difícil de conquistar.
Seu padeiro quer uma casa pra morar”.

Criolo

RESUMO

A presente pesquisa consiste em um estudo de caso realizado entre 2019 e 2021 em quatro condomínios residenciais vinculados ao Programa Minha Casa Minha Vida e situados na cidade de Marília, interior de São Paulo. Através de uma abordagem qualitativa com a realização de entrevistas com foco na história de vida, buscamos acessar, sobretudo, a percepção dos entrevistados sobre o PMCMV, uma política habitacional brasileira implantada no segundo mandato do governo Lula. Também procuramos conhecer o significado, para essas pessoas, do acesso à casa própria e finalmente, tentamos compreender como se deu o processo de elaboração de intenção de voto por parte dos participantes da pesquisa, considerando as eleições de 2014 e 2018. De acordo com as entrevistas, embora haja críticas em relação à qualidade e demora na entrega do imóvel, o PMCMV é considerado importante porque proporcionou o abandono do aluguel e a posse de um imóvel próprio, considerado, além de um lar, uma conquista, também um investimento. Outro fator revelado nas entrevistas diz respeito à relevância da casa própria, relacionada, sobretudo, ao seu caráter patrimonial, passível de resgate quando necessário.

Palavras-chave: História de vida. Programa Minha Casa Minha Vida. Marília/SP. Lulismo.

ABSTRACT

This research consists of a case study carried out between 2019 and 2021 in four residential condominiums linked to the Minha Casa Minha Vida Program and located in the city of Marília, in the interior of São Paulo. Through a qualitative approach with interviews focusing on life history, we seek to access, above all, the interviewees' perception of the PMCMV, a Brazilian housing policy implemented in the second term of the Lula government. We also sought to understand the meaning, for these people, of access to their own home and finally, we tried to understand how the process of elaborating the intention to vote by the research participants took place, considering the 2014 and 2018 elections. interviews, although there are criticisms regarding the quality and delay in delivering the property, the PMCMV is considered important because it provided for the abandonment of rent and the possession of one's own property, considered, in addition to a home, an achievement, as well as an investment. Another factor revealed in the interviews concerns the relevance of home ownership, related, above all, to its patrimonial character, which can be redeemed when necessary.

Keywords: Life's history. Minha Casa Minha Vida Program. Marília/SP. Lulism.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do Condomínio Parque Salé	47
Mapa 2 - Localização do Residencial Vida Nova Maracá	48
Mapa 3 - Localização do Condomínio Moradas Marília	49
Mapa 4 - Localização do Residencial Campina Verde	52

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Conjunto Habitacional Vida Nova Maracá	49
Figura 2 - Portaria do condomínio Moradas Marília	50
Figura 3 - Interior do condomínio Moradas Marília	51
Figura 4 – Área de lazer do condomínio Moradas Marília	51
Figura 5 – Bairro Campina Verde	53
Figura 6 – Regras de convivência no condomínio.....	58
Figura 7 – Planta baixa dos apartamentos.....	63
Figura 8 - Arredores do condomínio Parque Salé.....	64
Figura 9 – Arredores do condomínio Salé	65
Figura 10 - Condomínio Salé e arredores.....	65
Figura 11 – Área interna do Condomínio Salé.....	66

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 - Termos relacionados ao conceito de casa própria.....	90
Diagrama 2 - Diagrama com eixos temáticos das entrevistas.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Alguns dos conjuntos habitacionais aprovados em Marília a partir de 2009, com renda até 5 salários mínimos.....	37
Quadro 2 - Dados de identificação dos entrevistados	55
Quadro 3 – Principais temas de discussões no grupo de WhatsApp	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIES - Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior

NCM - Nova Classe Média

PT - Partido dos Trabalhadores

PMCMV - Programa Minha Casa Minha Vida

PROUNI - Programa Universidade para Todos

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PIB - Produto Interno Bruto

PNHR - Programa Nacional de Habitação Rural

PNHU - Programa Nacional de Habitação Urbana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Metodologia	22
1 MOBILIDADE SOCIAL LULISTA E NOVOS ATORES SOCIAIS: O DEBATE SOCIOLÓGICO	26
2 O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA	34
2.1 Alguns aspectos do programa	34
2.2 Alguns aspectos do Programa em Marília	36
2.3 Breve história de Marília	38
2.4 Estudo de caso	44
2.5 As entrevistas	53
3 O CONDOMÍNIO PARQUE SALÉ E ALGUMAS QUESTÕES DO COTIDIANO	58
4 PERCEPÇÃO DOS MORADORES	67
4.1 Sobre o bairro	67
4.2 Sobre a casa própria	76
4.3 Sobre o Programa Minha Casa Minha Vida	91
4.4 Sobre a política	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	118
APÊNDICE B – DADOS DE RENDA E VOTO	119
APÊNDICE C - MEMÓRIA E INTENÇÃO DE VOTO DOS ENTREVISTADOS	121

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa foi tentar compreender a visão de mundo e da política de sujeitos beneficiados pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), moradores de quatro condomínios residenciais situados nas regiões norte e oeste da cidade de Marília. A partir de um estudo de caso, na qual realizamos entrevistas com 16 moradores de empreendimentos habitacionais vinculados ao PMCMV, buscamos saber: o grupo pesquisado entende a conquista da casa própria como uma política social ligada à habitação ou apenas como mercadoria? Para os participantes qual o significado de casa própria? O que significou, para essas pessoas, o acesso à casa própria, sobretudo através de uma política pública federal, promovida pelo projeto lulista? Como votaram os beneficiados pelo Programa Minha Casa Minha Vida, nas eleições de 2018 para presidente da república?

Sobre o Programa Minha Casa Minha Vida podemos dizer que foi uma importante política habitacional implementada em 2009 durante o segundo mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sendo considerada um avanço por aumentar consideravelmente o número de moradias ofertadas, sobretudo para a população de baixa renda (DUMONT, 2015). O programa foi organizado por faixas de renda, sendo a Faixa 1 voltada à renda de até mil e oitocentos reais; a Faixa 1,5 voltada para renda até dois mil e seiscentos reais; a Faixa 2 para renda de quatro mil reais e a Faixa 3 para renda de nove mil reais, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento Regional (2019). O PMCMV foi pensado, entre outros elementos, como uma alternativa à crise de 2008, que se iniciou no setor imobiliário norte americano e repercutiu na economia de diversos países (ARAÚJO, 2013). A proposta, portanto, foi a de que o programa pudesse gerar empregos e movimentar a economia brasileira, amenizando os efeitos da crise.

Neste contexto, consideramos, como primeira hipótese, o fato de a política social por habitação possivelmente ter sido tratada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) como uma mercadoria, compondo o cenário de inclusão pelo consumo, uma das características das gestões petistas. Beneficiados diretos pela política habitacional promovida pelos governos do PT, consideramos

relevante investigar a forma como o grupo participante desta pesquisa enxerga o programa que os beneficiou com a posse da casa própria. Também buscamos observar como o PMCMV e o PT se relacionam com a visão de mundo das pessoas do ponto de vista dos direitos. Isto é, o grupo pesquisado entende o PMCMV e a conquista da casa própria como uma política social ligada ao direito à habitação, ou apenas como uma mercadoria? Um aspecto crítico do lulismo posto no debate acadêmico foi o de que não houve, por parte do PT, preocupação do ponto de vista dos direitos, em relação ao processo de politização da população, especialmente dos inúmeros beneficiados pelas políticas sociais lulistas. A este respeito e sobre o prisma do Bolsa Família, Bello (2016, p. 183) demonstra, através de suas pesquisas, que os beneficiários “[...] foram objeto de processos de inclusão no consumo desprovidos de politização [...]”, de maneira que não percebem o Bolsa Família como um direito. Para o autor, “[...] assim, como as outras relações das classes populares com o lulismo, a melhoria das condições de vida dos mais pobres não os retirou da condição de passividade política.” (BELLO, 2016, p. 183). A inclusão “apenas” pelo consumo, sem o processo de politização teve um efeito contrário, estimulando assim, a “[...] identificação com o individualismo consumista da classe média real, e não com a classe trabalhadora”. (ANDERSON, 2019, p. 224).

Com base nas entrevistas realizadas ao longo desta pesquisa, percebemos que, embora os beneficiados reconheçam, em certa medida, as vantagens do programa e o vinculam aos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), a ideia da aquisição da casa própria enquanto um direito constitucional e através da intervenção do Estado está pouco explícita nas falas dos participantes. Há menção, por exemplo, aos descontos e subsídios oferecidos para a aquisição dos imóveis, ou em relação à vantagem de as famílias pagarem por um imóvel próprio, abandonando o aluguel. Mas pouca referência surgiu em relação à habitação enquanto um direito previsto na Constituição.

O presente estudo se deu no contexto pós-eleitoral de 2018 no Brasil, marcado pela polarização política que vinha se destacando desde as Jornadas de Junho em 2013, quando aconteceu, em diversas capitais brasileiras, levantes, a princípio contra o reajuste da tarifa de ônibus em São Paulo, mas que depois ganhou maiores proporções e reivindicações, demonstrando uma declarada insatisfação social. (ANTUNES, 2013). De acordo com Braga (2013), a

propagação dos protestos não se alimentou apenas do reajuste das tarifas de ônibus, já que “[...] o grave problema do transporte público catalisou uma angústia social muito mais profunda e enraizada nos alicerces do atual modelo de desenvolvimento”. (BRAGA, 2013, p. 52).

Entre os participantes das Jornadas de Junho, estava também parte de uma juventude estudantil, sobretudo aquela sem experiência política, mas igualmente descontente com a sua faculdade privada cara e de péssima qualidade, e que trabalhava para conseguir pagar o transporte coletivo. (ANTUNES, 2013). Esses indivíduos podemos chamar de precariado, “[...] trabalhadores jovens, não qualificados ou semidesqualificados, precarizados, sub-remunerados (recebendo, em média, 1,5 salário mínimo) e inseridos em relações trabalhistas que bloqueiam sua organização coletiva”. (BRAGA, 2012, apud SINGER, 2018, p. 91). Um exemplo da condição de trabalhador precário é a de operador de *call center*, que, de acordo com Braga (2012), usufrui de remuneração semelhante à de balconista, por exemplo, ocupação inserida por Waldir Quadros (2014) na categoria de “Baixa classe Média”.

Esses jovens, de acordo com Antunes (2013, p. 45), eram “[...] trabalhadores inseridos em condições precárias de trabalho, além de sub-remuneradas [...]”, que tinham, como justificativa para sua insatisfação, uma quebra de expectativa em relação ao lulismo, já que puderam, através de políticas públicas, ascender na hierarquia social e compor o grupo que André Singer (2012) chama de “nova classe trabalhadora”, mas que viram em 2012 o processo de mobilidade social se reverter, graças aos efeitos da crise econômica mundial de 2008, “[...] bem como suas implicações sobre o [...] regime de acumulação brasileiro em termos de desaceleração do ritmo de crescimento econômico.” (BRAGA, 2013, p. 53). Dessa forma, a situação econômica não permitia o mesmo “[...] estímulo que lhe possibilitou surfar a onda da crise financeira global de 2008 como se fosse uma ‘marolinha’ no Brasil. O superciclo das *commodities* havia se encerrado, e todos os índices econômicos apontavam para baixo [...]” (ANDERSON, 2019, p. 228, grifo do autor).

Na medida em que houve a queda do crescimento econômico houve também a queda da mobilidade social, de forma que atingiu grande parte das pessoas que tinham melhorado de vida (ANDERSON, 2019).

A frustração com essa quebra de expectativas foi particularmente acentuada entre os jovens que se favoreceram da expansão popular – ainda que não necessariamente refletida em aumento de qualidade – do ensino superior, outro dos benefícios trazidos pelo PT aos pobres, que agora percebiam ter sido levados a aspirar a empregos que lhes eram, de fato, inacessíveis. Ali estava a massa inflamável que teve papel fundamental no grande levante de rua de junho de 2013 [...] (ANDERSON, 2019, 225).

Nesse sentido, alguns dos resultados da profunda crise econômica e da desintegração das políticas públicas foram, além da precariedade e da frustração com a política de “inclusão pelo consumo”, também o surgimento do “empreendedor”, o empresário de si, em suas mais variadas formas (COSTA, 2020). Em sua pesquisa realizada na capital paulista, Costa (2020) afirma que o “empreendedorismo popular” está presente em toda parte na periferia de São Paulo.

[...] existem aos milhares e, mais ou menos bem-sucedidos, se identificam entre si pela necessidade de *gerar renda*, ou seja, o desafio de movimentar a economia em um lugar onde quase não há empregos qualificados e nem geração de valor endógeno. (COSTA, 2020, p. 6, grifo do autor).

Os empreendedores, portanto, diante das intensas mudanças a que foram submetidos, tentam encontrar formas de driblar o desemprego e se colocar no mercado de trabalho, ainda que informal. Costa (2020) afirma que a essência do empreendedorismo popular está em sua ética do trabalho, “[...] em que o trabalho predomina sobre a maneira como o indivíduo se identifica e se posiciona em relação ao mundo [...]” (COSTA, 2020, p. 11). Nesta ética estão presentes elementos do discurso neoliberal, bastante disseminado e absorvido pelos empreendedores populares, de forma a ser possível identificar, por exemplo, uma ênfase na opinião negativa sobre o Estado (COSTA, 2020).

Tal cenário de tantas crises, decepções e mudanças fomentou reações que serviram de base para as eleições presidenciais de 2018. A este respeito, Cesarino (2020, p. 107, grifo da autora) afirma que:

Nos últimos anos, o processo de transformação de uma multidão insatisfeita heterogênea, que se formou espontaneamente em reação a uma sensação difusa de crise e desordem, no ‘povo’ que formaria a base eleitoral da liderança que alegava vir de fora do sistema para restituir a ordem em novas bases, seguiu uma

progressão bem nítida. Ela é evidente inclusive na estética dos movimentos de rua: começando com os protestos difusos reivindicando ‘demandas sociais’ de 2013 [...], que foram gradualmente ganhando uma estrutura antagonística mais clara através dos movimentos anticorrupção e *pró-impeachment* em 2015 e 2016 [...].

Dessa forma, o efeito das transformações e acontecimentos refletiu diretamente no resultado das eleições presidenciais de 2018, em que houve a vitória no segundo turno do candidato da ultra-direita, Jair Bolsonaro, com 55,13 % dos votos, contra 44,87% de Fernando Haddad¹. No estado de São Paulo, os dados são de 67,97% para Bolsonaro e 32,03% contra Fernando Haddad e em Marília, cenário onde a pesquisa se aplicou, Bolsonaro obteve a vitória com 80% dos votos, o equivalente a 94.124 votos, contra 23.536 votos de Haddad. (TEM NOTÍCIAS, 2018).

Para o desenvolvimento da pesquisa, consideramos como segunda hipótese o fato de que parte do grupo de renda de 2 a 5 salários mínimos considerado por André Singer (2012) como a “nova classe trabalhadora”, abandonou a base lulista e se deslocou, em 2018, para a oposição (PSDB e Bolsonaro).

Em janeiro de 2006, enquanto os mais ricos apoiaram em massa (65%) o candidato do PSDB, entre o grupo de renda até cinco salários mínimos houve o aumento dos índices de satisfação em relação ao mandato de Lula (SINGER, 2009). De acordo com pesquisa de intenção de votos publicada pelo Instituto Datafolha (2006), entre os eleitores que ganhavam entre dois e cinco salários mínimos, Lula teve apoio de 47%, enquanto Alckmin recebeu apoio de 45%. Já em 2018, entre os eleitores mais pobres de Bolsonaro, com renda familiar de até 2 salários, 18% diziam que a razão para seu voto era a aversão ao PT. Na faixa seguinte, de renda de 2 a 5 salários, 25% justificaram seu voto em Bolsonaro pela rejeição ao PT. (DATAFOLHA, 2018).

O abandono ao PT, no entanto, já vinha acontecendo antes das eleições de 2018. Jairo Nicolau (2020) apresenta dados indicando, por exemplo, que em 2018 entre os eleitores de baixa e média escolaridade, o PT sofreu uma forte

¹ Resultado da apuração para presidente no 2º turno. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/apuracao/2turno/brasil/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

queda nos votos², identificada desde 2014, quando o apoio ao lulismo já se mostrava frágil.

Perry Anderson (2019) também afirma que o antipetismo já há tempos representava uma forte influência na cultura política brasileira. Dessa forma, consideramos que paradoxalmente entre os beneficiários das políticas públicas, surge um forte sentimento anti-PT, pois muitos são críticos sobre o projeto do lulismo. Esse fenômeno teria se dado não só no caso das políticas de habitação, mas também para outras políticas públicas como o Programa Universidade para Todos - Prouni, por exemplo, fato demonstrado por Costa (2015).

Nesse sentido e após uma leitura assídua das informações recebidas, observamos que parece haver uma tentativa de replicação de um modelo vivido pela classe média brasileira entre as classes mais baixas. Para melhor compreender esta ideia, podemos voltar para algumas características fundantes da própria classe média.

Em primeiro lugar, sabemos que esta classe possui - na maioria dos casos - uma descendência já de classe média ou alta, com um capital material sólido. Além disso, desenvolvem um modelo de capital cultural que parece ser "necessário" para todas as classes. O estilo de vida é uma questão fundamental, porque ele é replicado para as outras classes, e neste ponto não se considera tão somente a questão material, mas também elementos imateriais e subjetivos que criam uma normatividade coercitiva que tem tendência de medir sucesso ou criar um exemplo de "boa vida". (SOUZA, 2012).

De acordo com Souza e Lamounier (2010), alguns elementos podem ser considerados para tentar definir o conceito de classe média. Entre eles está a educação, que tem sido, tradicionalmente no Brasil, a chave para oportunidades de ingresso na classe média. Para os autores, a importância da educação está relacionada com as ocupações existentes, "[...] constituindo fator determinante tanto da ocupação exercida pelos indivíduos no presente como das chances de mobilidade ocupacional de que eles desfrutarão no futuro.". (SOUZA; LAMOUNIER, 2010, p. 14). A renda é outro dado a ser considerado. Neste caso,

² Nicolau (2020) mostra que nas eleições de 2010, quase 60% dos eleitores votaram no PT, enquanto que em 2014 a porcentagem cai para aproximadamente 55%. Já nas eleições de 2018, os números continuam a cair, de forma que menos de 40% dos votos dos eleitores com ensino médio foram direcionados ao PT.

a classe média seria constituída pelas famílias com a renda média da sociedade. O potencial de consumo das famílias é uma variante da renda e diz respeito às classes econômicas A, B, C, D e E, estas definidas através de pontuação relacionada à posse de bens duráveis como carro, televisão, máquina de lavar roupa, geladeira, por exemplo, ao número de empregadas domésticas, à quantidade de banheiros existentes na moradia e ao nível de instrução do chefe da família. (SOUZA; LAMOUNIER, 2010, p. 15).

Além disso, entre as famílias típicas da classe média tradicional existe “[...] substancial proteção embutida nos níveis de renda mais elevados, na maior demanda pelo seu trabalho, na participação de seus membros em redes sociais importantes e [...] flexibilidade cultural para adaptar-se a situações de risco.” (SOUZA; LAMOUNIER, 2010, p. 5).

Estas características, quando aplicadas às classes baixas assumem outros contornos. Isso ocorre, principalmente, porque esse grupo vive vendendo sua própria força de trabalho, com condições de vida muito inferiores, descendências sem posse e, muitas vezes, com um acesso limitado ao capital cultural. Neste sentido, parece haver um estilo de vida diferente que não possibilita à classe baixa os mesmos benefícios das classes médias. (SOUZA, 2012). A ilusão meritocrata alimenta essa tendência e faz com que a classe baixa trabalhe cada vez mais para alcançar o status de classe média, mesmo que ideologicamente.

Um exemplo interessante pode ser pensado a partir dos próprios condomínios do PMCMV. A ideia de uma vida em um condomínio, com porteiro, acesso restrito e câmeras de segurança ilustra esse estilo de vida replicado nas classes baixas.

Do ponto de vista do voto, buscamos investigar se essa replicação de estilo de vida incidiria na escolha dos candidatos. Um exemplo disso seria a vitória de Jair Bolsonaro à presidência do país em 2018.

Metodologia

A pesquisa, de natureza qualitativa, configura-se como um estudo de caso que procurou investigar, através da técnica de entrevista com foco na

história de vida³ dos sujeitos, a relação com o bairro e com a cidade, as expectativas, e, enfim, seu comportamento eleitoral. Sobre o estudo de caso, Antonio Carlos Gil afirma que sua utilização, pode ser adotada com diferentes propósitos como por exemplo:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) formular hipóteses ou desenvolver teorias; e
- e) explicar as variáveis que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos. (GIL, 2017, p. 34).

Sendo assim, buscamos ativar a memória de voto dos entrevistados, através de sua história oral, esta, que pode ser

Colhida por meio de entrevista de variada forma, [...] registra a experiência de um só indivíduo de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo [...]. (QUEIROZ, 1991, p. 5).

Foi este um dos intuitos da pesquisa, quando buscamos analisar aspectos de um determinado acontecimento, no caso, o fenômeno do lulismo, e seu impacto sobre uma coletividade, sendo ela, no nosso caso, os beneficiados pelo PMCMV, moradores dos condomínios a que nos propusemos estudar.

Para a seleção dos entrevistados foram considerados os critérios de renda, no caso, de dois a cinco salários mínimos, e a posse do imóvel através do Programa Minha Casa Minha Vida.

A coleta dos dados consistiu em entrevistas realizadas em duas etapas via conversa telefônica em virtude da pandemia do novo Coronavírus. O grupo de participantes foi composto de homens e mulheres, a maior parte casada, autodeclarada parda, praticante de religiões cristãs e natural da cidade de Marília. Uma característica importante deste grupo, além da diversidade das ocupações exercidas, diz respeito ao alto nível de escolaridade, indo do ensino médio completo até o mestrado acadêmico.

³ De acordo com Severino (2014), esta técnica consiste na coleta de informações da vida pessoal de um ou mais informantes, podendo assumir variadas formas capazes de expressar as trajetórias pessoais dos participantes.

É possível dizer que este grupo apresenta características específicas que o inserem na categoria de "Nova Classe Trabalhadora", desenvolvida por André Singer. Um paralelo pode ser traçado também com parte dos integrantes das Jornadas de Junho no que diz respeito a renda e nível de escolaridade.

São diversas as pesquisas que abordam os governos petistas e o lulismo enquanto fenômeno social. Singer (2009, 2012, 2014, 2018) oferece um panorama das ações e dos impactos das gestões de Lula e Dilma para o país, especialmente para a população. Paraizo (2017) também aborda o lulismo, sob uma perspectiva crítica do modelo desenvolvimentista implantado no respectivo período.

A estrutura da pesquisa é composta pela presente introdução, com a apresentação do tema e metodologia de pesquisa. O primeiro capítulo é denominado "Mobilidade social lulista e novos atores sociais: o debate sociológico" e apresenta alguns elementos do lulismo enquanto fenômeno social e político brasileiro, centrando-se principalmente no debate sociológico em relação às categorias sociais para apreender o fenômeno de mobilidade social lulista: classe média, nova classe média, nova classe trabalhadora e batalhadores.

O segundo capítulo é denominado "O Programa Minha Casa Minha Vida", e apresenta um breve panorama desta política habitacional, incluindo alguns aspectos na cidade de Marília, onde o estudo foi realizado. Ainda neste capítulo é apresentado um breve histórico da cidade, além de um subtópico com elementos do estudo de caso, alguns detalhes sobre os condomínios estudados e as entrevistas realizadas.

No terceiro capítulo, intitulado "O condomínio Parque Salé e algumas questões do cotidiano", são abordadas com maior atenção algumas características e temas que retratam parte do cotidiano do condomínio do qual pertence a maior parte dos entrevistados.

O quarto capítulo, denominado "Percepção dos moradores", traz elementos da compreensão dos entrevistados acerca do conceito de casa própria; elementos, através da história de vida dos participantes da pesquisa, sobre os bairros habitados por essas pessoas ao longo de suas trajetórias em Marília; elementos da percepção sobre o Programa Minha Casa Minha Vida da qual foram beneficiados; e finalmente, são apresentados elementos da coleta de

dados que revelam alguns aspectos do voto dado pelos participantes da pesquisa nas eleições de 2014 e 2018 para presidente da república, além da percepção dos participantes sobre a política brasileira, perpassando os governos do Partido dos Trabalhadores até o atual governo.

Finalmente, são apresentadas algumas considerações, relacionadas, por exemplo, a ideia de movimento, mobilidade, mudança, presentes na percepção de casa própria dos entrevistados.

1 MOBILIDADE SOCIAL LULISTA E NOVOS ATORES SOCIAIS: O DEBATE SOCIOLÓGICO

Em 2002, após tentativas e derrotas, o Partido dos Trabalhadores (PT) venceu as eleições presidenciais com uma diferença de 20 milhões de votos (SINGER, 2012), tendo como seu representante Luiz Inácio Lula da Silva.

A eleição do PT, sobretudo tendo Lula como candidato vitorioso, significou um marco para a história do Brasil. Pela primeira vez, um membro da classe trabalhadora havia sido eleito e a expectativa por mudanças era grande.

A eleição e posse de Lula [...] inaugurou um novo ciclo na política brasileira, do ponto de vista sociológico – pela origem do presidente (retirante nordestino, vítima da seca) e por sua trajetória forjada na luta sindical contra a ditadura militar e as injustiças sociais – e também do ponto de vista político [...], pela agenda programática com elevada ênfase social. (FREITAS, 2007, p. 65).

De acordo com os estudos de André Singer (2012), acredita-se que a partir de 2003, primeiro ano do mandato de Lula, foi possível a implantação de políticas públicas voltadas para a redução da miséria. Tais ações, aliadas a outros fatores como escândalos de corrupção envolvendo o PT, por exemplo, teriam provocado um realinhamento eleitoral que se concretizou em 2006, dando forma ao fenômeno do lulismo.

O realinhamento político, segundo Singer (2012), consiste em uma mudança de postura por parte do eleitorado que se estende por um longo ciclo político. Dentro do conceito de realinhamento eleitoral, objeto de discussões na ciência política, Singer (2012, p. 13) destaca “[...] a ideia de que certas conversões de blocos de eleitores são capazes de determinar uma agenda de longo prazo, da qual nem mesmo a oposição ao governo consegue escapar”.

Além do aspecto temporal prolongado, o realinhamento de 2006 está também relacionado ao fato de o bloco de eleitores responsável por oferecer considerável apoio a Lula nas eleições de 2002 mudar seu comportamento devido a insatisfações causadas por determinadas decisões do governo no primeiro mandato. Nesse sentido, é possível dizer que a classe média se afastou do governo, permitindo que os pobres, ao contrário, se aproximassem.

“Embora o processo de mudança tenha começado em 2002, a eleição decisiva do ponto de vista das classes, na qual o subproletariado adere em bloco a Lula e a classe média ao PSDB, é a de 2006” (SINGER, 2012, p. 14). Este ano, portanto, marcou não apenas o surgimento do lulismo, cujo pivô, para Singer (2012), foi, entre outros elementos, a relação de Lula com os mais pobres, diretamente beneficiados pelas políticas sociais voltadas para oferecer melhorias em suas condições de vida, como também, a cisão política entre ricos e pobres. Além disso, “[...] decorre do realinhamento o antilulismo que se encontra no PSDB e afasta a classe média de Lula e do PT, criando-se uma tensão social que desmente [...] a hipótese de despolarização da política brasileira pós-ascensão de Lula” (SINGER, 2012, p. 16).

Importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que o lulismo elevou a qualidade de vida dos mais pobres por meio de políticas sociais de combate à miséria, também se empenhou em sustentar a ordem neoliberal já estabelecida por Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso (SINGER, 2012), de modo a configurar um modelo incoerente por beneficiar os mais pobres, mas sem enfrentar o capital. O lulismo é, portanto, nas palavras de Singer (2018, p. 18), “[...] profundamente contraditório e se apresenta a inúmeros gêneros de mistificação, por ser regressivo e progressivo ao mesmo tempo”.

A este respeito, Paraizo (2017, p. 16) reforça que, com a chegada de Lula ao poder, determinados elementos de esquerda antes defendidos pelo PT

[...] foram substituídos por políticas sociais adequadas aos interesses do capital. [...] Os interesses do capital passam a ser o eixo estruturante das políticas do governo em questão, fato já anunciado durante a campanha eleitoral de 2002 na chamada “Carta ao povo brasileiro”, documento cujo objetivo foi transmitir segurança ao bloco no poder, trazendo em seu corpo elementos que denotam a valorização do agronegócio, redução da taxa de juros de forma sustentada, manutenção do equilíbrio fiscal e do superávit primário.

Ainda que os interesses e o discurso do PT tenham mudado, as políticas implantadas proporcionaram, sem dúvida, importante processo de mobilidade social. O lulismo, para Singer (2012), foi responsável, entre outros fatores, pela diminuição da desigualdade através de medidas que aceleraram o crescimento econômico e consequentemente, integraram o subproletariado à condição de proletários através do emprego formal.

Na hipótese de Singer, o subproletariado passou, então, a dar suporte ao lulismo porque viu ali a plataforma representante de suas demandas. Tal apoio contribuiu para o avanço do lulismo, de forma a garantir a vitória de Dilma e a manutenção do projeto petista até 2014. Lula foi eleito, por exemplo, em 2006, pelo apoio que recebeu do segmento de baixíssima renda “[...] enquanto Alckmin contou, além do voto dos mais ricos, com certa sustentação na fatia de eleitores de classe média baixa, que vagamente corresponde ao que os especialistas de mercado chamam de ‘classe c’”. (SINGER, 2009, p. 85).

Ainda que os primeiros anos da gestão de Lula tenham sido marcados por dificuldades, já que houve queda no crescimento do PIB, aumento do desemprego e diminuição da renda média do trabalhador (SINGER, 2012), em 2010, por exemplo, a direção do governo era outra, havendo considerável recuperação, graças às medidas e políticas sociais implementadas por Lula, que

Aumentou o valor real do salário mínimo, gerou milhões de empregos, criou o Bolsa Família (BF), o crédito consignado, a Farmácia Popular, a extensão do Benefício de Prestação Continuada (BPC), o Programa Universidade para Todos (Prouni), o Minha Casa Minha Vida (MCMV), promoveu a ampliação do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), a construção de cisternas no semiárido, o reconhecimento dos territórios dos quilombolas e o incentivo à agricultura familiar, entre outras coisas. (SINGER, 2018, p. 25).

Tais ações do governo atingiram milhões de pessoas de forma a proporcionar melhora em suas condições de vida. Essa mudança levou a um importante debate na sociologia brasileira sobre as categorias e o fenômeno de mobilidade social lulista.

A ascensão social por parte dessa considerável parcela da população levou a construção de uma narrativa que, segundo Bartelt (2013, p. 4), “[...] organiza os ganhos reais dos salários de pessoas de baixa renda no Brasil e os avanços nas políticas sociais sob [...]” o título de Nova Classe Média (NCM) ou classe c.

Marcelo Neri, economista responsável pelo termo, considera como critério principal de classificação de renda a capacidade de consumo, no caso, o acesso a bens duráveis e a quantidade desses bens. Em sua obra *“A Nova Classe Média”* (2008), o autor realiza a combinação de renda com a tradicional utilização a determinados bens de consumo. Dessa forma, Neri se propõe a

[...] medir a classe média a partir da capacidade de geração e manutenção da riqueza a prazo mais longo. No primeiro elemento temos acesso a universidade pública ou privada, acesso a escola de qualidade (privada?), a elementos da era da Tecnologia da Comunicação e da Informação como computadores conectados a internet e além da renda corrente, a renda permanente estimada a partir de características sócio-demográficas fixas (como sexo, idade, região etc mas especialmente estoque de educação). Já no aspecto de manutenção a prazo mais longo da situação financeira familiar temos desde acesso a emprego formal que garante um nível de proteção social maior, acesso a previdência privada, acesso a crédito imobiliário, posse legal de casa própria (com padrão mínimo de qualidade: banheiros, tipo de construção etc), seguro-saúde. (NERI, 2008, p. 22).

O grupo chamado por Neri de “nova classe média” foi o principal favorecido pelo aumento da formalização do trabalho, expansão do crédito, valorização do salário mínimo, inserção no mundo do consumo, aquisição da casa própria, entre outras políticas implantadas pelo lulismo. “Todos os indicadores, seja do ponto de vista do consumidor, seja do produtor, apontam para o boom da classe C: casa, crédito, computador e carteira de trabalho, todos em meados de 2008, estão nos seus recordes históricos” (NERI, 2008, p. 7).

A categoria “nova classe média” empregada por Neri, ainda que tenha sido adotado como projeto político, passou por diversas refutações no meio acadêmico, isso porque não se considera que a “classe c” tenha, de fato, as características de uma classe média, menos ainda a tradicional.

Nas palavras de Quadros, Gimenez e Antunes (2012, p. 9), por exemplo,

A chamada classe C ou a nova classe média, símbolo da retomada do crescimento no Brasil neste início do século XXI, está longe dos estilos de vida que caracterizavam a nova classe média ou classe C – auxiliares de escritório, atendentes, vendedores, garçons, professores primários, policiais, auxiliares de enfermagem etc.[...].

Para esses autores, este grupo que ascendeu socialmente possui carências em diversos aspectos de seus padrões de vida.

Nesse sentido, o sociólogo Jessé Souza, em sua obra “*Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?*” (2012), afirma que o conceito de classe média é vago, mas ainda assim, apresenta elementos característicos das classes mais altas. Segundo ele, as classes média e alta podem ser delineadas “[...] pelo acesso aos dois capitais impessoais que asseguram, [...] todo tipo de acesso privilegiado a literalmente todos os bens

(materiais ou ideais) ou recursos escassos em uma sociedade de tipo capitalista moderna”. (SOUZA, 2012, p. 48). A classe média, portanto, possui uma forma típica de distinção social, um estilo de vida, capaz de afastar de si as classes populares e ao mesmo tempo, aproximar-se das classes altas.

Em tal estilo de vida está presente, além do aspecto material, que envolve, por exemplo, o acesso a belas casas, bons carros, vinhos, roupas de grife, viagens, etc., também o aspecto imaterial, que se dá pela “[...] transmissão afetiva, invisível, imperceptível [...] cotidiana e dentro do universo privado da casa, das condições que irão permitir aos filhos dessa classe competir, com chances de sucesso, na aquisição e reprodução de capital cultural.” (SOUZA, 2012, p. 24). Como o próprio autor exemplifica, uma criança integrante da classe média se acostuma, desde muito cedo, a ver seu pai lendo o jornal e sua mãe lendo um romance. Se acostuma a ouvir um tio falando o idioma inglês fluente e o irmão dominado a tecnologia de um computador através de jogos. (SOUZA, 2012).

Sendo assim,

O processo de identificação afetiva – imitar aquilo ou a quem se ama – se dá de modo ‘natural’ e ‘pré-reflexivo’, sem a mediação da consciência, como quem respira ou anda, e é isso que o torna tanto invisível quanto extremamente eficaz como legitimação do privilégio. Apesar de invisível, esse processo de identificação emocional e afetiva já envolve uma extraordinária vantagem na competição social, seja na escola, seja no mercado de trabalho, em relação às classes desfavorecidas. (SOUZA, 2012, p. 24).

Uma das críticas de Jessé Souza a visão que ele chama de economicista, como a de Marcelo Neri, é o fato de ela levar em conta apenas a renda como fator de classificação das faixas sociais, e pouco considerar os aspectos imateriais já mencionados, o que acaba por universalizar os pressupostos da classe média para as classes baixas, como se as condições de vida fossem as mesmas. (SOUZA, 2012). Jessé Souza, em entrevista a Gilberto Maringoni, afirma que “essa noção de nova classe média é ilusória, por eliminar todos os dados de privilégio de nascimento que estão envolvidos no pertencimento à classe média. Os pobres não têm privilégios de nascimento. Aliás, não têm nenhum. (MARINGONI, 2015, p. 12).

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Jessé Souza, Kerstenetzky e Uchôa (2013, p. 16), afirmam que “entre os anos de 2003 e 2011, cerca de 9

milhões de domicílios, mais de 30 milhões de pessoas ultrapassaram a linha de pobreza equivalente a um quarto do salário mínimo [...]”. Em suas pesquisas, as autoras indagam sobre para quais condições e posição social teriam se deslocado essas pessoas e se tal deslocamento estaria provocando o surgimento de uma nova classe média. Para Kerstenetzky e Uchôa (2013) a resposta é complexa, defendendo que apenas o critério de renda das famílias é insuficiente para definir uma classe social, sendo necessário o emprego de aspectos sociológicos na análise. Além disso, seria preciso avaliar

[...] a estabilidade e sustentabilidade das novas posições atingidas diante de legados materiais e simbólicos, além de riscos óbvios, como, a situação dos chefes de domicílio no mercado de trabalho ou conjunturas econômicas adversas que cancelasse frágeis ganhos. (KERSTENETZKY; UCHÔA, 2013, p. 17).

De acordo com o observado pelas autoras, não há confirmação do diagnóstico otimista de inserção dos chamados menos empobrecidos na classe média. Além disso, são poucas as oportunidades de crescimento disponíveis para os filhos dessas famílias. (KERSTENETZKY; UCHÔA, 2013).

Os membros da "classe c" são denominados por Jessé Souza como ‘batalhadores’, ou seja, um grupo composto por milhões de pessoas que lutam, por exemplo, para conseguir abrir e manter funcionando pequenos empreendimentos e também para conseguir crescer na hierarquia das empresas em que trabalham, estudando no período noturno e, muitas vezes, se convertendo às novas igrejas e participam de novas associações. Por fim, são aqueles que adotam uma cultura de iniciativa própria e autoajuda. (SOUZA, 2012).

Para o autor, trata-se de uma nova classe social que está inserida no sistema econômico, resultado das transformações que o capitalismo mundial vem sofrendo. Ela pode ser vista, tanto como produtora de bens e serviços como também, como consumidora de bens duráveis, antes acessíveis apenas pelas classes média e alta. (SOUZA, 2012). Os batalhadores, sendo assim, compõem uma classe que

[...] se reinventou sozinha sob as piores condições, se assemelham muito mais a uma classe trabalhadora precarizada, típica do contexto social do pós-fordismo, sem direitos e garantias sociais, que trabalha de 10 a 14 horas ao dia, estuda

à noite e faz bicos nos fins de semana. Seu potencial de consumo pressupõe extraordinário esforço pessoal, sacrifício familiar de todo tipo, além de todo tipo de sofrimentos e dores silenciadas pelo discurso triunfalista dominante. (SOUZA, 2011, p. 4).

Essa nova classe, portanto, não consiste em uma nova classe média porque considerá-la como tal seria, para Jessé Souza, como dizer que o Brasil estaria se tornando um país de primeiro mundo como os Estados Unidos, a França ou a Alemanha, nações “[...] onde as classes médias e não os pobres, os trabalhadores e os excluídos formam o fundamento da estrutura social” (SOUZA, 2012, p. 20), o que não é o caso.

Para André Singer (2018), se forem consideradas características como a precarização dessa camada, sua presença acentuada no setor de serviços e os aspectos mais recentes de luta, esta última relacionada às frustrações com relação às colocações de trabalho não compatíveis com o nível educacional, obtidos via Prouni e Fies, é possível falar em “nova classe trabalhadora” para se referir ao grupo que ingressou na condição de proletária graças ao lulismo.

[...] parte daqueles que Neri considera como tendo ingressado na ‘nova classe média’ durante o lulismo na verdade é composta de trabalhadores que teriam passado a fazer parte de um contingente que superou a pobreza por meio de um emprego com carteira de trabalho, baixa remuneração e condições de trabalho precárias. (SINGER, 2018, p. 92).

Esses trabalhadores passam por uma situação ambígua, porque, ao mesmo tempo em que não pertencem a base da sociedade brasileira, já que abaixo deles está o subproletariado, também não possuem nada em comum com a classe média tradicional. (SINGER, 2018).

Um outro conceito também adotado para se referir ao grupo que se beneficiou das políticas do lulismo é o subproletariado, integrado por sujeitos muito pobres, com renda de até 2 salários mínimos, que conseguiram abandonar a condição de miséria. Nas palavras de Singer (1981, apud SINGER, 2009, p. 98), “[...] oferecem sua força de trabalho sem encontrar quem esteja disposto a adquiri-la por um preço que assegure sua reprodução em condições normais”.

Um segundo grupo, o proletariado, corresponde aos indivíduos que atribuíram sua melhora de vida aos seus esforços individuais e não às políticas sociais e econômicas implementadas pelos governos petistas.

Esses mesmos indivíduos mudaram, portanto, seu comportamento de voto e expectativas, a ponto de já não reconhecerem no PT e no lulismo um ator representante de sua classe e seus interesses, sendo o principal deles a contínua ascensão social.

De acordo com Singer (2018), esse grupo de eleitores antes contrário aos candidatos de esquerda passou a aderir à proposta de Lula em 2006 “[...] depois de ver implementado um programa de governo que, de forma não revolucionária, reduziu a pobreza sem alterar o status quo da sociedade brasileira, o chamado lulismo”. (SINGER, 2018, BBC). A melhora nas condições de vida dessas pessoas, através das políticas sociais, remanejou este grupo para o que Singer (2018) chama de nova classe trabalhadora. Esta nova categoria, no entanto, não recebeu, segundo Singer (2018), o devido trabalho de politização por parte dos governantes do PT, já que acreditam ter melhorado de vida através de seus próprios méritos individuais, desconsiderando toda uma conjuntura política e econômica. A nova classe trabalhadora “[...] precisaria ter sido conscientizada de que não estava mudando de condição apenas por seus próprios méritos, mas, sim, porque houve um conjunto de políticas públicas orientadas para ajudar esse setor a mudar de condição”. (SINGER, 2018, BBC).

Para Singer (2018), os antigos miseráveis beneficiados pelo lulismo se tornaram fiéis a Lula, enquanto os outros, os que saíram da pobreza

[...] não tiveram essa percepção, uma parte significativa dos antigos pobres que se tornaram classe trabalhadora não perceberam esse movimento como um resultado de lulismo e não estabeleceram esse canal de lealdade que os antigos miseráveis estabeleceram. (SINGER, 2018, BBC).

Ainda segundo Singer (2018), essa mesma classe trabalhadora, acreditamos, não reconhece as políticas sociais implantadas ao longo dos governos PT, assim como também não se reconhecem nessas ações. Não percebem que fazem parte de uma numerosa parcela da população brasileira que, mesmo tendo melhorado de vida, necessita de ações sociais do Estado, já que sozinhas, ao contrário do que alguns acreditam, não possuem as ferramentas para se elevarem na hierarquia social.

2 O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA

2.1 Alguns aspectos do programa

Entre as políticas que se tornaram centrais durante os governos do PT está o Programa Minha Casa Minha Vida, implantado em 2009 e considerado um avanço no que diz respeito ao aumento do número de moradias, principalmente para a população de baixa renda, contempladas pelas faixas 1 e 1,5 do Programa (DUMONT, 2015).

O PMCMV foi lançado em meio ao cenário de crise, iniciada no setor imobiliário norte americano e que se estendeu a nível global atingindo a economia de diversos países (ARAÚJO, 2013). Entre outros, o setor da construção civil é diretamente afetado, “[...] em especial pela entrada das empresas em operações de capital aberto, sendo que as constantes quedas dos índices das bolsas de valores em todo mundo passam a afetar também as construtoras”, como afirma Araújo (2013, p. 68).

Diante da crise e como resposta a seus efeitos para a construção civil, o governo Lula lança o PMCMV, apoiando-se na construção, inicialmente, de um milhão de moradias, oferecendo mecanismos de sobrevivência às construtoras através da criação de empregos diretos e indiretos. (ARAÚJO, 2013).

Para Dumont (2015, p. 53), o Programa Minha Casa Minha Vida seria duplamente atraente, pois, em primeiro lugar, “[...] estimularia a economia com uma medida anticíclica para um período de crise financeira mundial, gerando empregos e aquecendo a economia nacional [...]”, e, em segundo lugar, seria uma forma de enfrentar a precariedade das habitações da população de baixa renda, uma questão cara para a história brasileira.

O programa, portanto, foi pensado com o intuito de produzir e ofertar

[...] novas unidades habitacionais para famílias com renda até 10 salários mínimos, posteriormente anunciando a distribuição das quantidades por faixa de renda, assim definidos por (i) famílias com renda até 3 salários mínimos: 400 mil unidades habitacionais; (ii) famílias com renda de 3 a 6 salários mínimos: 400 mil unidades habitacionais; (iii) famílias com renda de 6 a 10 salários mínimos: 200 mil unidades habitacionais; perfazendo o total de 1 (um) milhão de unidades habitacionais. (ARAÚJO, 2013, p. 82).

Estima-se que o PMCMV tenha beneficiado 6,4 milhões de pessoas e investido R\$361,6 bilhões, sendo 60% destinados para a menor faixa de renda, indicando o direcionamento do programa para as pessoas com menor poder aquisitivo, como afirmam Carvalho e Stephan (2016). Com grandes proporções e de alcance nacional, "[...] na primeira fase do Programa, que corresponde aos anos de 2009 e 2010, foram contratadas 1,005 milhão de moradias. Já na segunda fase, que começou em 2011, foram contratadas 2,385 milhões de unidades". (CARVALHO; STEPHAN, 2016, p. 286).

De acordo com Dumont (2015), foi dividido em duas partes, sendo, Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) e Programa Nacional de Habitação Urbana (PNHU). No caso do segundo segmento, foco desta pesquisa, também há uma divisão em duas vertentes, que diz respeito à renda da população demandante por moradia.

A primeira vertente se voltou para a população com renda de zero até três salários mínimos. Neste caso, o atendimento foi realizado através da Habitação de Interesse Social (DUMONT, 2015). Já a segunda vertente pretendeu maior alcance, abrangendo a população que recebe até dez salários mínimos, denominada segmento econômico (DUMONT, 2015, p. 54). As faixas de renda contempladas pelo PMCMV foram: Faixa 1 com renda de até R\$1.800,00; Faixa 1,5 com renda até R\$2.600,00; Faixa 2 com renda R\$4.000,00 e Faixa 3 com renda de R\$9.000,00, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Regional (2019).

A criação e implantação do PMCMV revelou a mescla de elementos de uma política pública habitacional com os de uma política de geração de emprego e renda. (ARAÚJO, 2013). Além disso, o programa reestabeleceu a hegemonia da modalidade de aquisição de moradia através do financiamento, interrompendo a política de arrendamento promovida pelo Programa de Arrendamento Residencial - PAR. (ARAÚJO, 2013).

Ainda que o PMCMV tenha proporcionado a realização do sonho da casa própria para muitos brasileiros que pagavam aluguel ou viviam em favelas, uma das características mais evidentes apontadas por pesquisadores do tema é a localização dos empreendimentos na malha urbana.

[...] vários pesquisadores têm apontado a má qualidade da produção habitacional do Programa, bem como a localização

periférica dos empreendimentos, ditada na maioria das vezes por interesses especulativos do mercado de terras [...] (CARVALHO; STEPHAN, 2016, p. 287).

Para Dumont (2015), o avanço no quadro de moradias não está necessariamente relacionado ao intuito de inserir os moradores à dinâmica da cidade, o que faz com que essas pessoas estabeleçam-se distantes da área central e, conseqüentemente, do acesso aos bens sociais e coletivos, tais como emprego, saúde, educação, lazer, por exemplo.

2.2 Alguns aspectos do Programa em Marília

A produção do espaço urbano nas cidades contemporâneas vem sofrendo inúmeras mudanças ao longo do tempo e muitos estudiosos do tema reconhecem que o modelo de cidade fordista foi superado, dando lugar a uma cidade “pós-moderna, difusa ou fragmentada”. (SPOSITO, 2006). Na maioria dos casos, as análises dos especialistas são voltadas para importantes cidades por ocuparem posição de centralidade nos sistemas urbanos nacionais e internacionais tanto no âmbito político, como econômico e cultural. (SPOSITO, 2006).

A cidade de Marília faz parte deste contexto, abordado por Sposito (2006) sob a perspectiva dos loteamentos fechados enquanto novas formas de *habitat* urbano. Para a autora, embora essa forma de habitar não seja algo recente na história da urbanização, eles “[...] representam novos *habitats* urbanos, porque rompem com os princípios de unidade e de integridade socioespaciais que sempre marcaram a cidade [...]”. (SPOSITO, 2006, p. 176).

De acordo com a autora (2006) os loteamentos fechados merecem ser estudados porque tem sido produtos com considerável impacto no mercado imobiliário nas últimas décadas.

O número deles, a diversidade de suas formas de produção e uso, bem como as decorrências desse fenômeno são de tamanha dimensão que se pode afirmar que tem grande peso na reestruturação das cidades contemporâneas em que aparecem e nas práticas socioespaciais dos moradores desses espaços, bem como dos que ficam fora de seus muros. (SPOSITO, 2006, p. 176).

Em Marília, a implantação de loteamentos fechados⁴ teve início em 1993 (ZANDONADI, 2004 apud SPOSITO, 2016) e desde então, independente dos nomes e conceitos utilizados para fazer referência a esta nova forma de habitats urbanos, vem se multiplicando e ocupando importantes regiões da cidade. (SPOSITO, 2006).

O Programa Minha Casa Minha Vida, ainda que de maneira diversa por se tratar da instalação de empreendimentos habitacionais sobretudo de interesse social, contribuiu para a proliferação de condomínios verticais e horizontais localizados em diversas regiões da cidade.

Através da realização de um diagnóstico e da criação de mecanismos legais o PMCMV passa a se estabelecer em Marília nos anos de 2009 e 2010, com a criação do primeiro empreendimento chamado Conjunto Habitacional Jardim Damasco III, situado na zona sul da cidade e oferecendo 86 casas para famílias com renda de 3 a 6 salários mínimos. (DUMONT, 2014). Na zona norte, especificamente no distrito de Padre Nóbrega, foi criado o “[...] Residencial Trieste Cavichioli, com 358 casas e em seguida o Conjunto Habitacional Altos de Nova Marília, com 246 casas, sendo este localizado na zona sul da cidade”. (DUMONT, 2014, p. 42). Já na zona oeste, foi aprovado o Conjunto Habitacional Vereador Eduardo de Andrade Reis, com a oferta, inicialmente, de 1.172 unidades, número posteriormente alterado para 1.803, mediante novo projeto. (DUMONT, 2014).

Quadro 1 - Alguns dos conjuntos habitacionais aprovados em Marília a partir de 2009, com renda até 5 salários mínimos.

RESIDENCIAL	BAIRRO - ZONA	HABITAÇÕES
Moradas de Marília I	Jardim Nazaret - Zona Norte	386
Trieste Cavichioli	Padre Nobrega - Zona Norte	358
Campina Verde	Jardim Julieta - Zona Norte	367
Palmital	Bairro Palmital - Zona Norte	192
Palmital II	Bairro Palmital - Zona Norte	192
Altos do Palmital	Bairro Palmital - Zona Norte	76
Residencial 1º de Maio	Cerqueira César - Zona Norte	80
Residencial Marina Moretti	Jardim Primavera - Zona Norte	577

⁴ Embora nem todos os loteamentos fechados sejam classificados, juridicamente, como condomínio, estes estão entre os loteamentos fechados e são definidos por Sposito (2006, p. 178) como “[...] grandes empreendimentos imobiliários que se constituem por condomínios residenciais agregados a centros empresariais e de negócios, implantados no entorno de grandes áreas metropolitanas”.

Altos do Nova Marília	Nova Marília - Zona Sul	246
Residencial das Grevilhas	Nova Marília - Zona Sul	193
Damasco III	Jardim Damasco III - Zona Sul	83
Residencial Jardim Verona	Jardim Planalto - Zona Sul	136
Residencial Portal do Sol	Via Expressa - Zona Sul	348
Moradas do Bosque	Jardim Alvorada - Zona Leste	352
Residencial Girassóis	Jardim Colibri - Zona Leste	36
Residencial Village Barcelona	Jardim Bandeirantes - Zona Oeste	56
Vereador Eduardo Andrade Reis	Jardim Cavaleri - Zona Oeste	749
Vereador Eduardo Andrade Reis	Jardim Cavaleri - Zona Oeste	1.054
Residencial Terra Verde	Jardim Presidente - Zona Oeste	416
Vila Bela	Zona Não Identificada	206
Residencial Barão do café	Zona Não Identificada	240
Total de unidades habitacionais distribuídas em 21 empreendimentos		6.340

Fonte: Araújo, 2013 (adaptado).

A tabela acima apresenta alguns dos empreendimentos estabelecidos em Marília através do Programa Minha Casa Minha Vida. Sabemos, no entanto, que há conjuntos habitacionais e condomínios que foram construídos após a elaboração do estudo realizados por Araújo (2013), não estando, portanto, nesta relação, como é o caso do Residencial Marrocos, do qual faz parte o Parque Salé, e do Residencial Vida Nova Maracá, aqui estudados.

2.3 Breve história de Marília

Antes de sua fundação oficial em 1929, Marília já se constituía cidade, graças, principalmente, à expansão cafeeira e, conseqüentemente, ao fluxo migratório de pessoas vindas para trabalhar nas lavouras. A cidade de Marília surge com o avanço da cultura do café no oeste paulista, a partir de 1915, quando as primeiras plantações são feitas na “Fazenda Cincinatina”, em uma área que atualmente corresponde a uma parte central da cidade.

A “Companhia Paulista de Estradas de Ferro” finca, em 1916, o marco no futuro local da estação ferroviária do município. Pouco depois, em 1922, é formado o “Patrimônio do Alto Cafezal”. Em 1926, formou-se o “Patrimônio da Vila Barbosa” e, em 1927, o “Patrimônio Marília”. Em 1929, o município de Marília

é oficializado, tendo como data de aniversário o dia 4 de abril. Em 1933, Marília é designada como “Comarca”, sede do judiciário regional, com aproximadamente 13 mil habitantes. (GUIDUGLI, 1980 apud BISPO, 2017, p. 21).

Segundo Valera (2017, p. 29), os três patrimônios fundadores da cidade de Marília, não foram, a princípio, pensados para se tornarem a base da cidade. Este fato, podemos dizer, tornou a unificação desses territórios algo complexo, devido, entre outros aspectos, a conflitos de interesses. Para Bispo (2017, p. 21), é evidente até os dias de hoje, que a junção dos três territórios “[...] não foi algo planejado, principalmente quando se trata das vias públicas de acesso entre as partes de “cima” e de “baixo” da cidade, divididas aparentemente pela avenida principal, Sampaio Vidal”. Ainda assim, de acordo com Bispo (2017, p. 22), “no final da década de 1930, Marília já assumia ares de “capital regional”, com o processo de urbanização desenvolvido em relação à infraestrutura mínima, como pavimentação de ruas centrais, abastecimento público de água e coleta de esgoto, por exemplo”.

Quanto à fundação de Marília, são responsáveis alguns nomes, com destaque para Bento de Abreu Sampaio Vidal e Antonio Pereira da Silva. Bento era natural de São Carlos, filho de fazendeiro e herdeiro de considerável riqueza, tal como “[...] 400 escravos, 400 mil pés de café e também da casa grande, que fora construída por 40 carpinteiros; resultando, assim, numa família rica e, para os padrões da época, com grande peso político” (BISPO, 2017, p. 23). Foi responsável, através de seu poder político e econômico, por “[...] conseguir, através de benfeitorias, armar uma estrutura básica para aportar o surgimento de uma cidade que estava em curso”, como afirma Bispo (2017, p. 24).

Já Antônio Pereira da Silva, nasceu em Portugal e veio para o Brasil em 1881, aos 14 anos de idade. Viveu no Rio de Janeiro, trabalhando como servente de pedreiro até seus 18 anos, de acordo com Bispo (2017, p. 26). Já viúvo, mudou-se para São Paulo e, tempos depois, tornou-se administrador da fazenda Cincinatina. Com a perspectiva da estrada de ferro por perto, Antônio Pereira da Silva sentiu-se encorajado e começou a realizar um loteamento nas proximidades, estabelecendo ali alguns pontos importantes, como o local de construção da Igreja Santo Antônio e também o local que viria a ser o Mercado Municipal. (BISPO, 2017, p. 26).

O rápido desenvolvimento da cidade abrangeu também o âmbito cultural. Nesse sentido, o 34 [...] processo de urbanização e venda de lotes culminou também na abertura de cinemas pela cidade, como, por exemplo: o Cine Municipal, fundado em 1927, de propriedade de Francisco Rodrigues Souto; o Cine Popular, em 1929, fundado por Said Nunes e Arquimedes Manhães; o Cine Teatro São Bento, em 1930, e o Cine Teatro São Luís, aberto em 1930 por Frediano Giometti. (BISPO, 2017, p. 31). Segundo Bispo (2017, p. 28), um outro ponto que ilustra [...] o desenvolvimento que estava acontecendo na cidade de Marília no início da década de 30, mais específico no ano de 1934, é a grande quantidade de automóveis que circulavam no município, podendo-se observar o avanço econômico e social que os cafezais começavam a proporcionar para seus moradores.

Além da forte produção de café, havia também o cultivo de algodão, amendoim e a criação do bicho da seda “[...] o que possibilitou o surgimento de indústria de bens de consumo não duráveis, tais com a indústria têxtil e a de óleo comestível” (RIBEIRO, 1996, p. 24). Tais fatores contribuíram para o processo de urbanização, ocorrido na cidade a partir da década de 1940. Para autores como Flora Ohtake, a cidade de Marília pode ser considerada importante expressão do processo de ocupação do oeste paulista. Nela aparece com muita nitidez a relação que houve entre o desenvolvimento urbano e a ocupação de terras. E seu crescimento representa muito bem uma certa fase do processo de urbanização do estado, pois expressa o lado urbano do reinado dos dois produtos que praticamente deram ao “oeste pioneiro”: o café e o algodão. (OHTAKE, 1982 apud BALESTRIERO, 1984, p. 53).

Sobre a industrialização da cidade, Balestriero (1984, p. 66) afirma que entre o período de 1931 a 1945, instalaram-se na cidade de Marília “[...] 11 indústrias que beneficiavam algodão, 2 fábricas de óleo [...], 14 fiações de seda [...]”, que enviavam seus produtos tanto para a capital, como para o exterior. Surgiram também as indústrias destinadas ao mercado local e regional. Segundo Balestriero (1984, p. 66) essas fábricas, mesmo sendo de menor porte, foram importantes, já que 35 permaneceram na cidade, sendo elas do ramo de bebidas, móveis, massa alimentícia, tecidos e serralheria.

Sobre o sistema bancário de Marília, segundo Balestriero (1984, p. 62), entre 1934 e 1939, Marília já possuía 4 bancos, como a Casa Bancária Almeida,

que se tornaria em 1955, o Bradesco, e entre 1940 e 1945, foram instaladas mais 9 agências bancárias. Balestrieri (1984, p. 69) identifica dois momentos principais no processo de industrialização e urbanização da cidade de Marília.

O primeiro aconteceu de 1946 a 1960, caracterizado, por exemplo, 1) “pela transformação industrial baseada na produção de óleos alimentícios, determinando o sentido das transformações de toda a indústria e da agricultura, onde o algodão é substituído pelo amendoim” (BALESTRIERO, 1984, p. 69); 2) onde se percebe a influência da indústria sobre a agricultura, e não mais o contrário como em décadas passadas; 3) o capital industrial passa a determinar a dinâmica do sistema econômico.

O segundo momento apontado pelo autor se iniciou em 1960, quando passou a haver “[...] a consolidação da tendência à concentração do parque industrial brasileiro na ou em torno da metrópole, com a ampliação da indústria pesada [...]” (BALESTRIERO, 1984, p. 69), que exerceu influência sobre a indústria de Marília. Quanto ao processo de desenvolvimento da cidade, especialmente relacionado à industrialização, Balestrieri (1984, p. 80) afirma que a forte influência capitalista foi responsável por impulsionar e, ao mesmo tempo, subordinar os processos industriais na cidade. Para o autor (1984, p.80), fica claro que “[...] a indústria local está subordinada ao processo de desenvolvimento capitalista no Brasil. [...] A própria história da industrialização de Marília pode ser interpretada como a história de constituição de um setor de transformação sob um movimento exógeno e sua metamorfose para uma economia com as determinações localizadas num movimento endógeno de acumulação. (BALESTRIERO, 1984, p. 80).

Relacionado a este aspecto, Bispo (2017, p. 36) afirma que, desde o início da cidade de Marília, é possível perceber uma desigualdade que persiste até os dias de hoje. Para o autor, a formação da cidade reflete uma sociedade [...] economicamente desigual com grande concentração de renda, um privilégio para aqueles que são letrados em detrimento dos que não possuíam alfabetização, engessados em uma disputa que está para além de simplesmente “quem é o fundador?”, e sim um jogo de poder travado por seus iguais e por uma multiplicidade cultural que se choca cotidianamente, moldando assim, com o passar dos anos, a Marília atual, em que muitos desses problemas se agravaram, e justificando assim uma contribuição, mesmo que pequena e

subliminar, para o distanciamento entre o próprio mariliense. (BISPO, 2017, p. 36).

Dessa forma, podemos notar que a cidade de Marília, desde o início de sua formação “[...] se definiu de acordo com os benefícios dos progressos técnicos decorrentes do Capitalismo, mas também com características discriminatórias e problemas sociais decorrentes do ritmo acelerado de urbanização” (VERDI, 2010, p. 17). O aumento da população urbana, e a não completa absorção dessa mão de obra pelo mercado de trabalho local, intensificaram, segundo Verdi (2010, p. 18) “[...] ainda mais as segregações e outros problemas sociais, a exemplo de algumas situações específicas como o desemprego, a vadiagem, a mendicância e a rejeição aos imigrantes japoneses em Marília”.

De certa forma, esse cenário está relacionado também à disposição e ocupação do espaço urbano. De acordo com Ferreira (2016, p. 2),

[...] os segmentos de alta renda residiram no centro das cidades, enquanto os segmentos de baixa renda, nas periferias geométricas destas, embora algumas dinâmicas controversas a este quadro típico puderam ser observadas. Sendo o espaço urbano fortemente marcado pelos processos de diferenciação e segmentação socioespaciais [...].

traços presentes na cidade de Marília, assim como na maioria das cidades brasileiras. Diferentemente do centro comercial da cidade de Marília, os bairros que se formaram às margens, tiveram como característica principal a distância dos investimentos públicos, tais como quadras poliesportivas, teatro municipal, cinemas, escolas com boa infraestrutura e hospitais, sendo então, lançados à própria sorte, e excluídos de atividades de entretenimento e incentivo à cultura, como afirma Santos (2008, p. 12). Para esta autora, os dirigentes políticos de Marília orientados por uma visão elitista e impositiva, consideram a política local como um reduto reservado a poucos, esta postura tem seus reflexos na relação deles com a população, marcada pela falta de compromisso público. (SANTOS, 2008, p. 12).

Em relação a ocupação e expansão do espaço urbano de Marília, é importante considerar alguns aspectos geográficos da cidade. De acordo com Santos (2009, p. 14), Marília está situada na morfoestrutura da Bacia Sedimentar do Paraná e na morfoescultura do Planalto Ocidental Paulista, especificamente

no Planalto Residual de Marília. Tal localização oferece à cidade um relevo típico, denominado Tabuliforme, “[...] caracterizado por uma sequência de camadas sedimentares horizontais ou subhorizontais, associadas ou não a derrames basálticos intercalados [...]” Casseti ([2005], p. 54). De acordo com o mesmo autor, “os relevos tabulares tendem a ocorrer com maior frequência no interior das bacias sedimentares, dada a disposição horizontalizada dos estratos. As formas mais comuns nas estruturas concordantes se caracterizam por chapadões, chapadas e mesas, em ordem de grandeza”. (CASSETI, [2005], p. 54).

Tais características do território de Marília contribuíram desde o início de sua formação, para que houvesse uma fragmentação da malha urbana, dificultando assim, sua expansão e gerando “[...] problemas de mobilidade e conexão entre as diversas regiões da cidade” (VALERA, 2017, p. 29).

Atualmente, com uma população estimada de 240.590⁵ habitantes, segundo o IBGE e, de acordo com o censo de 2010, com densidade demográfica de 185,21 habitantes por quilômetro quadrado, Marília enquadra-se na categoria de cidade média, devido, entre outros aspectos, a critérios demográficos e de relevância regional, além de fazer parte do grupo de cidades “[...] distantes das áreas metropolitanas, mas com capacidade atrativa dos investidores em relação às cidades ao seu redor, o que reafirmaria seu destaque regional” (VIEIRA; NUNES; GUIMARÃES, 2010, p. 61). A cidade média, segundo Valera (2017, p. 16),

É produto de um longo processo histórico em que dinâmicas se compõem e se contradizem, elas são ao mesmo tempo exemplos e exceções; são caixa de ressonância de conflitos e espaço de experimentações de representações sobre o que é o urbano no Brasil.

Já de acordo com Schmidt (2013, p. 29), a cidade média é atenta aos elementos diferentes, porém, é também um espaço “[...] onde o individualismo e as relações são ego centradas, promovendo distanciamentos, relações de mínimo contato, bem como as construções voltadas para o isolamento e

⁵ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/marilia.html>.

restrição [...]”. Ao mesmo tempo em que cidades como Marília são enquadradas em uma hierarquia, devido a suas características, algumas já mencionadas, relacionadas, muitas vezes a avanço e desenvolvimento, estas mesmas cidades são também colocadas em uma hierarquia, mas nesse caso, de contradições e desigualdades.

No âmbito habitacional, por exemplo, dando ênfase para o mercado imobiliário, é possível dizer que

[...] por trás das ações do mercado encontram-se grupos de interesse os mais variados possíveis. [...] Além disso, o mercado imobiliário também exerce sua influência no processo de inclusão/exclusão social a partir da construção de cenários e necessidades imaginários, vendidos para uma parcela da população em busca de status, por meio de grandes campanhas de marketing, como a venda de lotes/terrenos a altos preços em condomínios e loteamentos fechados. (VIEIRA; NUNES; GUIMARÃES, 2010, p. 63).

Esse cenário se mostra presente em cidades médias do estado de São Paulo, inclusive Marília, e em relação a esse assunto, Maricato (2000, p. 159 apud VIEIRA; NUNES; GUIMARÃES, 2010, p. 63) considera que “[...] a escassez de moradias e a segregação territorial são produtos de um mercado imobiliário que [...] vende o cenário e a paisagem como signos de distinção de renda e de poder [...]”, fato que agrava ainda mais os processos de exclusão presentes nos espaços urbanos. Apesar dessa realidade, a cidade de Marília, de acordo com Valera (2017, p. 41), possui “[...] importantes leis que definem a forma de ocupação do espaço urbano”. Para a mesma autora, o processo de regulamentação do uso do solo, segundo a autora, passou a ter ênfase por volta do fim dos anos 1980 e início dos anos 1990. No entanto, a existência das leis não garante sua efetividade.

2.4 Estudo de caso

Durante o ano de 2019, após a seleção de dois condomínios residenciais localizados nas regiões norte e oeste da cidade de Marília, fomos a campo para uma pesquisa exploratória. No condomínio da zona oeste, conseguimos acesso a cinco moradoras que eram, em sua maioria, locatárias do apartamento, não sendo, assim, beneficiadas pelo PMCMV e não atendendo ao intuito da

pesquisa. Já no condomínio da zona norte, encontramos resistência por parte dos moradores em participar da pesquisa. Conseguimos, no entanto, uma entrevistada que nos sugeriu retomar o contato, que já havia sido feito, com o síndico do condomínio, solicitando a participação no grupo de moradores no aplicativo WhatsApp. Entramos em contato novamente, e ele nos forneceu o contato da pessoa responsável pelo grupo.

Ocorreu que o condomínio em questão não era aquele da zona norte, mas um outro localizado na zona oeste. Entramos em contato com a Roberta, moradora do condomínio residencial Parque Salé, um dos condomínios do empreendimento Marrocos. Ciente da nossa demanda, Roberta me inseriu no grupo de Whatsapp e ali tive contato com demais moradores. Dos 134 participantes do grupo, vinte e quatro deram algum retorno, positivo ou não. Após as manifestações de interesse, agendamos individualmente as entrevistas, que foram realizadas via chamada de voz pelo celular. Nossa proposta era que todos os entrevistados e entrevistadas fossem moradores do Parque Salé, o que não foi possível, pois a maioria não demonstrou interesse em ser entrevistada e algumas pessoas que haviam sinalizado interesse desistiram de participar. Ainda assim, conseguimos realizar dez entrevistas, duas delas pessoalmente, já que as regras de isolamento social devido a pandemia ainda não estavam em vigor.

A pesquisa de campo foi realizada em dois momentos distintos, sendo o primeiro entre fevereiro e outubro de 2020, quando foram realizadas as dezesseis entrevistas com dez moradores do condomínio Salé, na zona oeste da cidade, três moradores do condomínio Moradas Marília, localizado na zona norte, dois moradores do bairro residencial Campina Verde, também na zona norte, e uma moradora do bairro residencial Vida Nova Maracá, em Padre Nóbrega, distrito de Marília, e o segundo momento, que ocorreu entre setembro e outubro de 2021, com a realização da segunda entrevista, concretizada com 7 dos 16 participantes, também por chamada de voz.

Com exceção das entrevistas presenciais, que aconteceram no apartamento das entrevistadas Roberta e Fabiana e tiveram duração de uma hora e meia cada, as demais entrevistas aconteceram via chamada de voz, com duração de cerca de quarenta minutos cada uma.

Consideramos relevante trazer aqui um conceito presente nas falas dos participantes, tanto nas entrevistas como na análise das conversas de WhatsApp

do Parque Salé. Este conceito diz respeito aos “enclaves fortificados” trabalhados por Teresa Caldeira (2003) enquanto espaços privatizados, fechados e monitorados, que se justificam pelo medo do crime violento. Para a autora (2003, p. 57), “embora todos os grupos sociais sejam vítimas do crime, elas são vítimas de diferentes tipos de delitos, sendo as classes trabalhadoras as mais vitimizadas pelos crimes violentos”.

Os “enclaves fortificados” expressam, de acordo com Caldeira (2003), uma das três⁶ formas mais evidentes de segregação social presentes no espaço urbano de metrópoles como São Paulo, onde o estudo da autora foi realizado, alcançando também cidades de menor porte, como é o caso de Marília. Nessa terceira forma de segregação social, embora possamos dizer que outras tenham se desenvolvido desde a realização do estudo pela autora, “[...] diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns.”. (CALDEIRA, 2000, p. 211).

Exemplos desses espaços são os conjuntos de escritórios, shopping centers instituições de ensino, condomínios residenciais fechados, considerados

O condomínio parque Salé, embora não tenha sido criado para atender a classe alta, por se tratar de um empreendimento vinculado às faixas intermediárias do Programa Minha Casa Minha Vida, também se configura como um “enclave fortificado”, já que nele estão presentes os muros, os portões de acesso, a portaria com segurança privada, as câmeras de monitoramento no interior do condomínio, elementos estes que expressam um estilo de vida.

⁶ A primeira forma, segundo Caldeira (2003, p. 211), “[...] produziu uma cidade concentrada em que os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena e estavam segregados por tipos de moradia”. Na segunda forma, ainda para a autora, “[...] diferentes grupos sociais estão separados por grandes distâncias: as classes médias e altas concentram-se nos bairros centrais com boa infra-estrutura, e os pobres vivem nas precárias e distantes periferias.”. (CALDEIRA, 2003, p. 211).

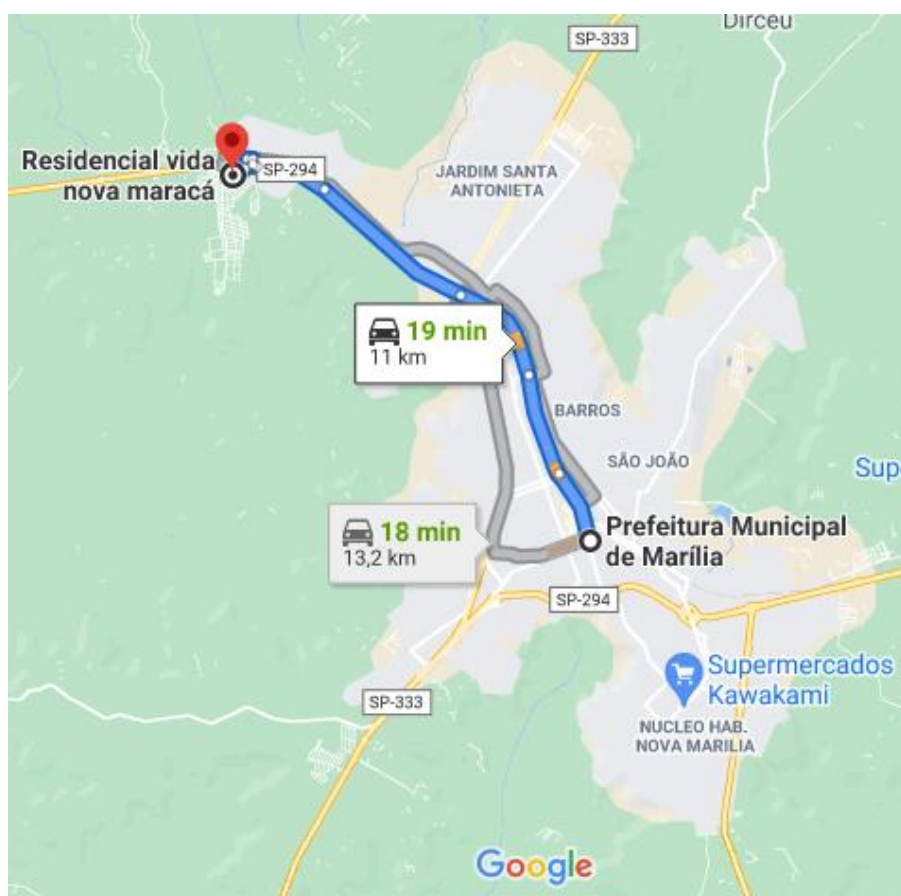
Mapa 1 - Localização do Condomínio Parque Salé



Fonte: Google Maps (2021).

O Condomínio Parque Salé é parte do complexo Marrocos, entregue aos moradores a partir de 2018 pela MRV. Localizado no bairro Jardim Califórnia, zona oeste da cidade de Marília, é um condomínio fechado vertical e oferece, por exemplo, vaga de garagem, área de lazer e segurança privada. Próximo ao condômino há a oferta de estabelecimentos comerciais como supermercados, escolas públicas, e posto de saúde, por exemplo. De acordo com o site da MRV⁷, o condomínio possui fácil acesso ao centro da cidade e as principais vias de acesso são a rodovia BR 153 e a Avenida Hércules Galleti.

⁷ Informações retiradas do site MRV. Disponível em: <https://mrventrega.com.br/detalhe/marrocosresidenciais-sale>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Mapa 2 - Localização do Residencial Vida Nova Maracá

Fonte: Google Maps (2021).

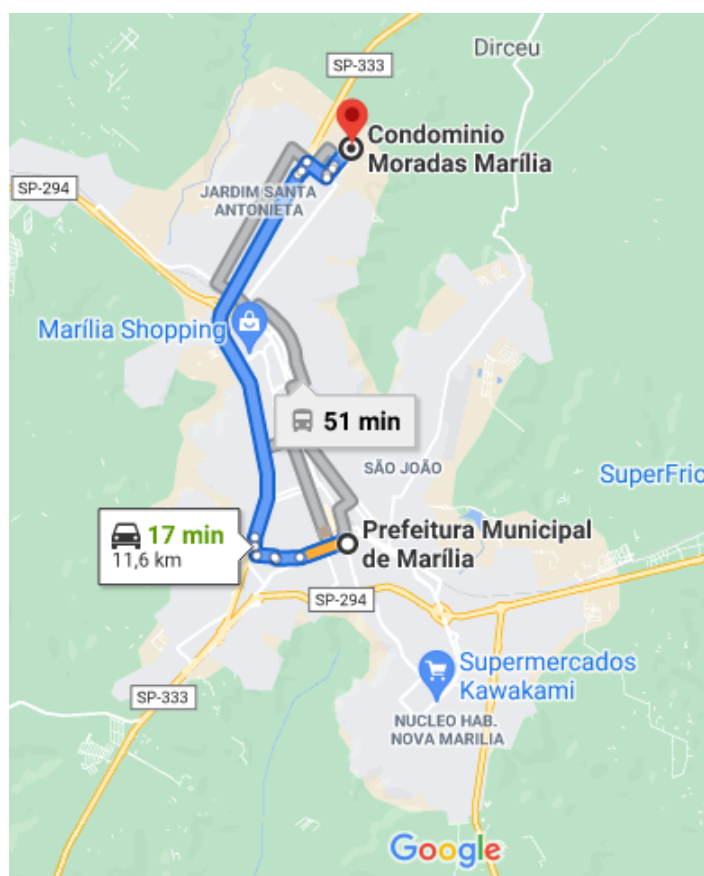
O Conjunto habitacional Vida Nova Maracá 1, 2 e 3 está situado no distrito de Padre Nóbrega, localizado na zona norte da cidade de Marília. Como é possível observar no mapa acima, o bairro é afastado do centro comercial de Marília, o que pode ser um problema para os moradores que necessitam adquirir algum item ou contratar algum serviço. A distância se torna maior devido às poucas linhas de ônibus oferecidas pela empresa de transporte coletivo responsável pela região, a Grande Marília.

Figura 1 - Conjunto Habitacional Vida Nova Maracá



Fonte: Marília Notícia. Disponível em: <https://marilianoticia.com.br/vida-nova-maraca-ganha-terceira-fase-com-856-casas/>. Acesso em: 26 maio 2021.

Mapa 3 - Localização do Condomínio Moradas Marília



Fonte: Google Maps (2021).

O condomínio Moradas Marília foi idealizado pela empresa Rodobens e configura um dos três segmentos da empresa, tendo como características o

preço de venda, que varia entre R\$50.000,00 e R\$75.000,00 mil reais⁸. Está localizado no bairro Jardim Nazareth, situado na zona norte da cidade de Marília e possui em seu entorno estabelecimentos comerciais de diferentes naturezas, como padarias, oficinas mecânicas, entre outras. O bairro, no entanto, está localizado em uma área distante do centro comercial da cidade. Mesmo assim, o acesso dos moradores a outras regiões da cidade é facilitado, sobretudo, pelo fluxo da rodovia Transbrasiliana.

Figura 2 - Portaria do condomínio Moradas Marília



Fonte: Pontual Consultoria Imobiliária. Disponível em: <https://www.pontualmoveismarilia.com.br/comprar/sp/marilia/condominio-moradas-marilia/casa/67804714>. Acesso em: 19 maio 2021.

Embora a estrutura do condomínio Moradas Marília seja diferente, por exemplo, do condomínio Salé, principalmente por ser horizontal, também podemos notar os elementos característicos dos enclaves fortificados. Neste caso, vemos as grades e portões, que permitem e, ao mesmo tempo, restringem o acesso ao condomínio e a guarita com segurança monitorada.

⁸ Rodobens negócios imobiliários. 2009. Disponível em: http://www.mzweb.com.br/rodobens2008/web/arquivos/RNI_ApresCorp_Mar09_Port_.pdf. Acesso em: 26 maio 2021.

Figura 3 - Interior do condomínio Moradas Marília



Fonte: Sub100 Imóveis. Disponível em: <https://sub100.com.br/imoveis/29510012106/venda/casa-e-sobrado-em-condominios-em-marilia-sp/jardim-nazareth>. Acesso em: 18 jun. 2021.

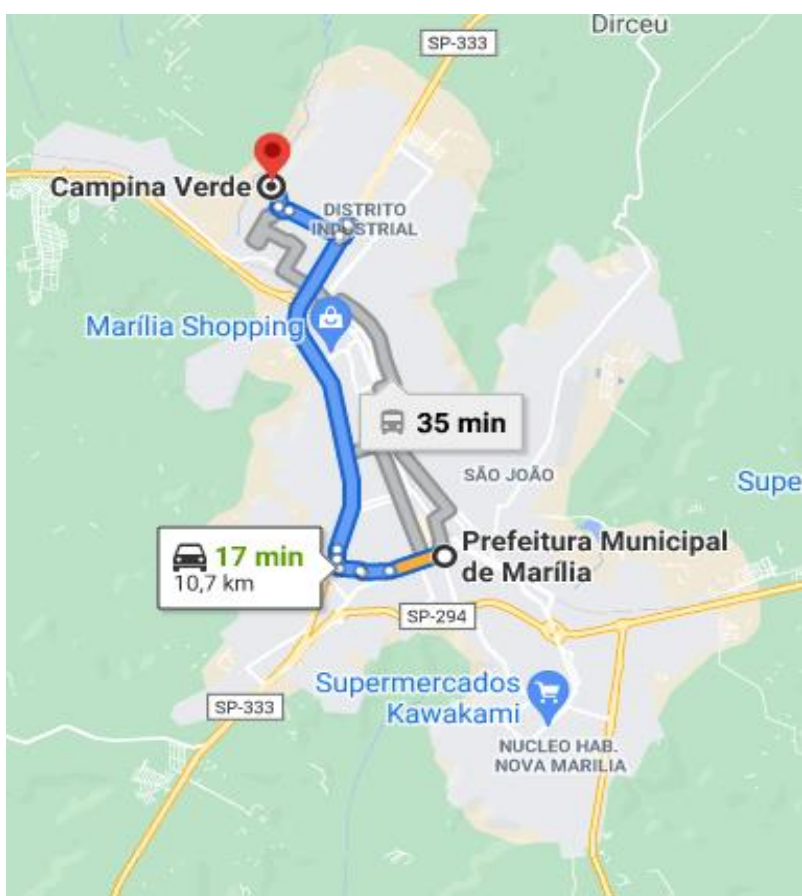
Figura 4 – Área de lazer do condomínio Moradas Marília



Fonte: Sub100 Imóveis. Disponível em: <https://sp.mgfimoveis.com.br/sp-marilia-casa-condominio-moradas-marilia-marilia-sp-tipo-aluguel-casa-39503426>. Acesso em: 21 maio 2021.

Embora o condomínio se caracterize como um enclave fortificado, devido ao isolamento, limpeza e segurança privada em torno do lugar, seu interior não contém muros ou portões que limitam as áreas dos imóveis. Este aspecto pode transmitir a sensação de liberdade que é compensada pelo aparato tecnológico de segurança em torno do condomínio.

Mapa 4 - Localização do Residencial Campina Verde



Fonte: Google Maps (2021).

O bairro Campina Verde é um conjunto habitacional horizontal com 367 residências e situado na zona norte da cidade de Marília. Foi lançado em outubro de 2011, com a entrega de 108 habitações na primeira fase, em 2013, e 101 habitações na segunda fase, em março de 2014. O bairro está próximo a escola municipal de ensino fundamental Governador Mário Covas, e, embora ainda possua poucos estabelecimentos comerciais, está próximo a uma região com forte comércio e prestação de serviços, como é o caso do bairro Jardim Julieta, por exemplo.

Figura 5 – Bairro Campina Verde



Fonte: Elaboração própria (2020).

Mesmo sendo um condomínio, com uma entrada/saída, de acordo com nossa entrevistada, o lugar possui aspecto semelhante ao de um bairro comum, com ruas largas e, na maioria das vezes, casas muradas e protegidas da interferência externa, como vemos na imagem. Assim como o condomínio Salé e o condomínio Moradas Marília, o Campina Verde também apresenta características do isolamento e da segurança trazidos pelo conceito de enclaves fortificados. No entanto, quando realizamos a visita ao local, vimos crianças brincando em torno das áreas verdes do bairro, espaços que os moradores chamam de praças, embora não tenham a estrutura e acabamento típicos. Também vimos residências com os portões suspensos e famílias reunidas nas garagens festejando, ao que parecia, um dia de descanso.

2.5 As entrevistas

No decorrer da pesquisa, foram propostas duas entrevistas para cada participante. A primeira entrevista foi realizada com base em um roteiro com três

blocos de questões⁹. O primeiro bloco foi composto de perguntas com fins de identificação, tais como nome do participante, idade, sexo, estado civil, bairro onde mora, autodeclaração de cor, nacionalidade, nível de escolaridade, religião, ocupação já exercida, ocupação atual e finalmente, o local de votação, embora não seja esse um dado de identificação. Tais dados, de acordo com Queiroz (1991), compõem o que a autora chama de ficha de informante ou ficha de identificação. Através dela são registrados dados fundamentais para a análise correta das entrevistas.

No segundo bloco, buscamos conhecer um pouco da história de vida do participante através de elementos de sua infância e adolescência. Pedimos para que a pessoa nos falasse um pouco sobre o(s) bairro(s) onde viveu e sobre como é viver no endereço atual. Além disso, questionamos sobre como foi o processo de aquisição da casa própria através do Programa Minha Casa Minha Vida e o mais importante, a percepção sobre o programa e o que ele representou para os entrevistados.

Finalmente, no terceiro bloco da entrevista buscamos conhecer um pouco das lembranças que ficaram das gestões de Lula e Dilma. Questionamos também em quem haviam votado nas eleições de 2014 e 2018, qual a opinião sobre a atual política federal e quais as expectativas para as eleições de 2022.

Em outro momento da pesquisa, buscamos realizar uma segunda entrevista com cada um dos participantes. Neste caso, utilizamos de um bloco de questões com o intuito de captar a percepção dos entrevistados sobre o conceito de casa própria e o papel do Estado na oferta e aquisição deste bem.

Nesta pesquisa, como citado anteriormente, foram realizadas entrevistas com um grupo de 16 moradores beneficiados pelo Programa Minha Casa Minha Vida em Marília/SP. De dimensão socioeconômica, o principal critério de seleção foi o de os participantes comporem o grupo de renda de 2 a 5 salários mínimos. Além disso, o entrevistado deveria ser necessariamente beneficiado pelo PMCMV e residir no imóvel.

Este grupo de renda se destaca por representar uma categoria social fruto de um processo econômico gerado pelo lulismo durante as gestões petistas (2002 – 2015). Como já mencionamos, este grupo recebeu dos principais

⁹ Ver Anexo 1 com roteiro de entrevistas.

estudiosos do tema, diferentes denominações tais como “nova classe média” (NERI, 2008), “nova classe trabalhadora” (SINGER, 2012), “precariado” (BRAGA, 2012) e “batalhadores” (SOUZA, 2012). Cada categoria expressa uma espécie de diagnóstico da experiência da mobilidade social oferecida pelo lulismo para o grupo com renda de 2 a 5 salários mínimos.

Quadro 2 - Dados de identificação dos entrevistados

Nome ¹⁰	Idade	Estado Civil	Bairro	Escolaridade	Ocupação	Religião	Cor	Naturalidade
Luiz	41	Divorciado	Cond. Salé	Superior completo (Téc. Processos Gerenciais)	Almoxarife	Evangélico	Pardo	Santo André
Roberta	33	Solteira	Cond. Salé	Superior completo (Enfermagem)	Enfermeira /Cuidadora	Espirita/ Candomblé	Negra	Marília
Katia	25	Solteira	Cond. Salé	Mestrado (Educação)	Professora de história	Não tem	Branca	Marília
Fabiana	37	Solteira	Cond. Salé	Superior completo (bióloga)	Corretora de imóveis	Evangélica	Parda	São Paulo
Karina	27	Solteira	Cond. Salé	Ensino médio completo	Balconista	Católica	Parda	Marília
Rogério	23	Solteiro	Cond. Salé	Superior completo (Administração)	Subgerente	Católico	Branca	Marília
Rafael	29	Casado	Cond. Salé	Superior completo (Ciências Sociais)	Professor de inglês	Agnóstico	Pardo	São Paulo
Vanessa	38	Casada	Cond. Salé	Superior completo (Técnico em produção)	Desempregada	Evangélica	Parda	Garça
Rosa	58	Casada	Cond. Salé	Superior incompleto (Serviço social)	Aposentada e recepcionista	Evangélica	Branca	Marília
Wagner	25	Casado	Cond. Salé	Ensino Médio Completo	Montador e instalador de autos	Evangélico	Pardo	Marília

¹⁰ Nomes fictícios.

Marcia	39	Casada	Cond. Moradas	Mestrado (Filosofia)	Editora de revista local	Sem religião	Branca	São Caetano do Sul
Isaque	34	Casado	Cond. Moradas	Superior completo (Ciências Sociais)	Professor	Católico	Branco	São Manoel
Luiza	53	Casada	Cond. Moradas	Ensino Médio Completo	Do Lar	Católica	Parda	Presidente Bernardes
Talita	32	Casada	Bairro Campina Verde	Superior completo (Administração)	Autônoma (setor de cosméticos)	Católica	Parda	Marília
André	34	Casado	Bairro Campina Verde	Pós-graduação (Marketing)	Consultor de e-commerce	Católica	Pardo	Marília
Laila	32	Casada	Residência al Maracá	Ensino médio completo	Desempregada	Evangélica	Parda	Marília

Fonte: Elaboração própria.

O painel dos entrevistados é composto por homens e mulheres, a maior parte casada e autodeclarada parda, praticantes sobretudo das religiões evangélica e católica, naturais de Marília em sua maioria, mas vindos em busca de oportunidades de trabalho e estudo, também de São Paulo e região metropolitana como Santo André e São Caetano do Sul, além de outras localidades do estado, a exemplo de São Manoel, Presidente Bernardes e Garça.

O perfil profissional do grupo é diverso e contempla formação básica como o ensino médio completo, profissões da área de gestão como técnico em processamentos gerenciais, técnico em produção e administração, profissões da área de saúde como enfermagem, e profissões da área de educação, como licenciatura em História e Ciências Sociais e mestrado em Educação e Filosofia.

Exercem ocupações diversas como de balconista, almoxarife, enfermeira, montador e instalador de autos, subgerente e editora de revista. As idades variam entre 23 e 58 anos, e a renda entre 2 a 5 salários mínimos no momento da realização da entrevista, com exceção de uma entrevistada, que declarou possuir renda superior.

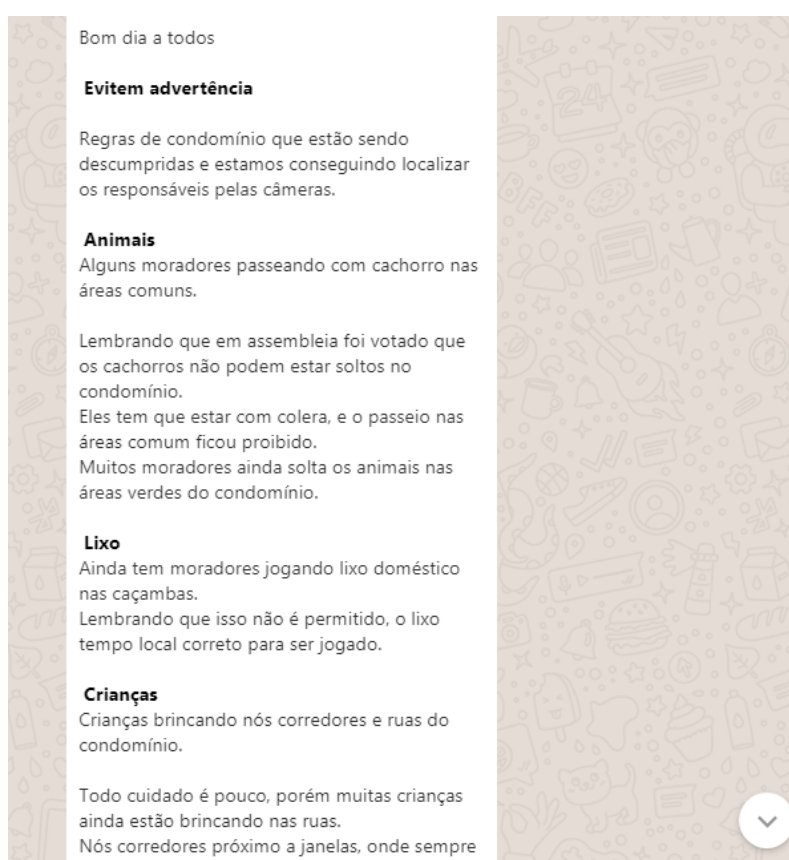
Característica importante deste grupo é o alto nível de escolaridade, sendo ensino médio, passando pelo nível técnico, até o mestrado.

Estabelecendo um paralelo, é possível dizer que este grupo apresenta características específicas que o inserem na categoria de "nova classe trabalhadora" desenvolvida por Singer e já mencionada, características essas observadas, por exemplo, entre uma parte dos participantes das Jornadas de Junho, que apresentavam alto nível de escolaridade assim como as pessoas aqui citadas.

3 O CONDOMÍNIO PARQUE SALÉ E ALGUMAS QUESTÕES DO COTIDIANO

Compondo o grupo de WhatsApp do condomínio Parque Salé, tivemos acesso a alguns dos principais temas presentes no cotidiano dos moradores, ao menos, dos membros do grupo, já que dele não participam todos os proprietários.

Figura 6 – Regras de convivência no condomínio



Fonte: Grupo de Whatsapp (2021).

Foram analisadas as conversas do período entre março de 2020 e junho de 2021, momento de plena pandemia mundial devido ao contágio do novo

Coronavírus (COVID-19)¹¹, estando este, entre os temas identificados nas conversas do grupo, como mostraremos adiante.

No condomínio, algumas pessoas mantiveram, dentro de alguns limites impostos pela quarentena, o andamento de suas atividades. Outras precisaram se adaptar à nova realidade de suas profissões, trabalhando em home office. Uma moradora, professora, se queixou, por exemplo, do barulho que atrapalhava o andamento de suas aulas. Houve também apelos por parte de alguns membros para que as pessoas reforçassem os cuidados com higiene, sobretudo em áreas coletivas, e se mantivessem em suas casas e respeitassem a quarentena, ao menos as que pudessem.

O uso de máscaras em áreas coletivas é uma questão também abordada ao longo das conversas. Os responsáveis pelo grupo reforçaram a necessidade do uso de máscaras no condomínio, inclusive com a aplicação de penalidades em caso de descumprimento da norma. Para ênfase a este caso, uma notícia foi publicada com menção ao decreto estadual¹² que tornou obrigatório o uso de máscaras, com previsão de multa e prisão.

Em relação aos assuntos cotidianos dos moradores do condomínio Parque Salé, classificamos os temas identificados nas conversas de Whatsapp em três categorias: “problemas”, “utilidade pública” e “temas diversos”.

Os “problemas” discutidos no grupo estavam relacionados, por exemplo, à sujeira dos animais de estimação e ao lixo depositado nas vias de acesso aos blocos; ao barulho, como conversas e música alta, e consertos e reformas fora do horário permitido; ao comportamento de crianças do condomínio em relação a barulho, brigas, xingamentos e danos tais como vidros quebrados. Há queixas também em relação ao desrespeito às regras do condomínio, especialmente, ao descumprimento da obrigatoriedade do uso de máscaras em áreas de convívio

¹¹ No início de março de 2020 o governo do estado de São Paulo apresentou, através do chamado Plano São Paulo, diretrizes para isolamento social. Marília, assim, como os demais municípios paulistas, começava a sentir impactos diretos da pandemia. Serviços considerados não essenciais como teatros, cinemas, museus, bibliotecas, shows, shoppings, academias, cerimônias religiosas, parques e escolas foram gradativamente interrompidos. Ver diretrizes da quarentena em https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/PlanoSP_vf5.pdf. Acesso em: 04 jul. 2021.

¹² Decreto Nº 64.959 de 4 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2020/decreto-64959-04.05.2020.html>. Acesso em: 03 ago. 2021.

comum, como já mencionamos. Para as reclamações vinham, normalmente, acompanhadas de um comentário sugerindo medidas de punição como notificações, multas e mesmo expulsões.

Ao longo das conversas do grupo de whatsapp, foi anunciada a conclusão do debate a respeito da implantação de um sistema de biometria nas entradas de cada bloco. Neste caso, cada morador, inclusive crianças, teria sua digital cadastrada, visando o controle do acesso ao condomínio e aos apartamentos. Uma espécie de convocação para o cadastramento biométrico foi publicada no grupo, informando local e horário, e ressaltando a importância da adesão de todos, já que, de acordo com a mensagem, o controle visaria a maior segurança dos moradores.

A instalação das câmeras de segurança também foi abordada nas conversas. De maneira geral, a presença de câmeras no condomínio é utilizada como meio para tentar coibir as ações que, para os proprietários, atrapalham a convivência, tais como o comportamento das crianças, o lixo em lugar indevido, o barulho, etc. Houve, através das mensagens, o incentivo para que os moradores que presenciassem essas e outras ações registrassem a data, horário e local para que pudessem posteriormente comparar com as gravações. Quando comprovadas as “infrações” poderiam cobrar providências, no caso, a aplicação de multas, por exemplo. Entre os moradores há a ideia de que “doendo no bolso” a mudança de comportamento de fato acontecerá.

Já a categoria “utilidade pública” contempla, por exemplo, avisos de veículos com faróis acesos ou de algum item danificado, como poste tombado dentro do condomínio, além de informes sobre o tráfego ou acidentes no bairro. Uma questão bastante comentada é a construção de garagens cobertas. Foi decidido em assembleia que as garagens seriam feitas por uma empresa previamente escolhida que oferecesse o melhor custo-benefício, de forma que o preço seria rateado entre os proprietários. No entanto, alguns moradores optam por não esperar e buscam, no grupo e com moradores que já instalaram a garagem, indicações de empresas que oferecem o serviço de forma individual.

A discussão gira em torno da estética e possíveis multas em caso de descumprimento dos padrões exigidos. É perceptível que a ação coletiva é motivada, além da demanda comum, também pela redução dos preços pagos pelos proprietários.

Outro tema são as dúvidas em relação aos procedimentos administrativos tais como reserva do salão de festas ou solicitação de manutenção pela MRV, por exemplo, que são esclarecidas por outros moradores membros do grupo.

Finalmente, entre os “temas diversos” estão questões como a demanda por indicação de estabelecimentos comerciais como lanchonetes e pizzarias, e também por determinados serviços como, internet, e acabamentos em geral como por exemplo, box para banheiro, entre outras coisas. Através do grupo, os moradores podem trocar favores e oferecer seus serviços e produtos, ainda que exista um outro grupo de WhatsApp exclusivamente para a atividade de compra e venda no condomínio. Os moradores podem ainda realizar empréstimos e doações entre si de ferramentas e utensílios em geral. Questões como perda de objetos e o desaparecimento e a localização de animais de estimação também são divulgadas no grupo e costumam gerar algum tipo de solidariedade e comoção entre os moradores.

Outra solicitação bastante comum diz respeito à locação de apartamentos, sobretudo se o contato for diretamente com o proprietário. No grupo, era comum perguntarem sobre apartamentos disponíveis para locação e venda, sem o intermédio da construtora ou de imobiliárias.

O tema das fake news também surgiu ao longo da análise das conversas. Alguns moradores julgaram algumas mensagens como inverídicas e pediram que houvesse a verificação da fonte antes de serem postadas e disseminadas.

A questão é importante, principalmente para o atual contexto político vivido pelo país, já que as fake news, ou seja, mensagens falsas, foram e são muito utilizadas pelo governo Bolsonaro e seus apoiadores como parte da estratégia para levar a população ao estado de desinformação.

Quadro 3 - Principais temas de discussões no grupo de WhatsApp

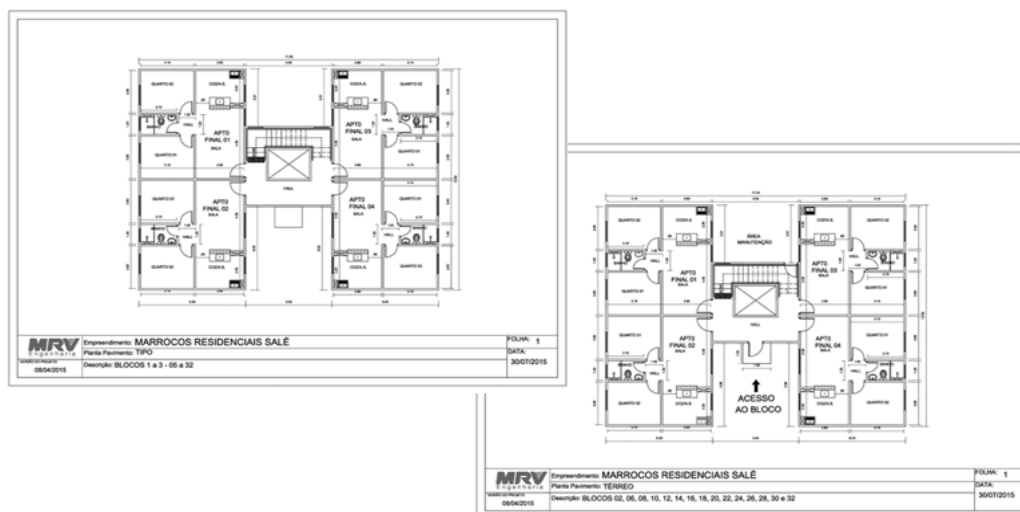
Problemas	Utilidade pública	Temas diversos
Pedidos de liberação de vagas (de serviços) sob pena de multa	Avisos como faróis de carros acessos	pandemia (isolamento, uso de máscaras, vacinação)

Reclamação com a sujeira dos animais de estimação	Informe de danos no condomínio, como um poste tombado	Solicitação de contatos de estabelecimentos comerciais e prestação de serviços
Queixas de barulho fora do dia e horário permitido	Informe sobre o tráfego nas redondezas do condomínio	Pedidos de orientações sobre serviços como instalação de internet
Queixas de desrespeito às regras do condomínio de maneira geral, com incentivos de multas direta e sem envio de notificações II	Discussão (preços) sobre a instalação da cobertura de garagens (via assembleias e síndico). O coletivo é considerado para reduzir o custo da ação.	Solicitação de empréstimos e doações de objetos como ferramentas
Queixas sobre as crianças do condomínio em relação a barulho e depredação (vidros quebrados). Um morador sugeriu que o responsável pela criança arque financeiramente no caso de estragos. Manifestação de uma moradora sobre a construção de espaços para crianças sob o argumento de que haverá muita manutenção.	Dúvidas sobre procedimentos de uso comum do condomínio, como por exemplo, o agendamento de salões de festas	Aviso de desaparecimento de animais
Queixas sobre lixo nas vias do condomínio	Pedidos de orientações sobre como solicitar manutenção pela MRV	Oferta e demanda de aluguel de apartamentos no condomínio
Queixas sobre o não uso das máscaras em áreas comuns do condomínio	Divulgação de cursos e vagas de emprego	Busca de orientações para a soluções de problemas domésticos.

		Solicitação dos horários de ônibus
		Dúvidas sobre funcionamento de serviços públicos, como o posto de saúde
		Fake News

Fonte: Elaboração própria.

Figura 7 - Planta baixa dos apartamentos



Fonte: Grupo de WhatsApp (2021).

Para fins de reformas e manutenção, a planta baixa dos apartamentos foi solicitada e prontamente disponibilizada algumas vezes ao longo das conversas do grupo de WhatsApp. As duas plantas são basicamente iguais: apresenta a entrada central de um bloco de quatro apartamentos contendo uma sala, uma cozinha (estilo americano pelo que pudemos observar nas visitas realizadas antes da quarentena), um banheiro e dois quartos.

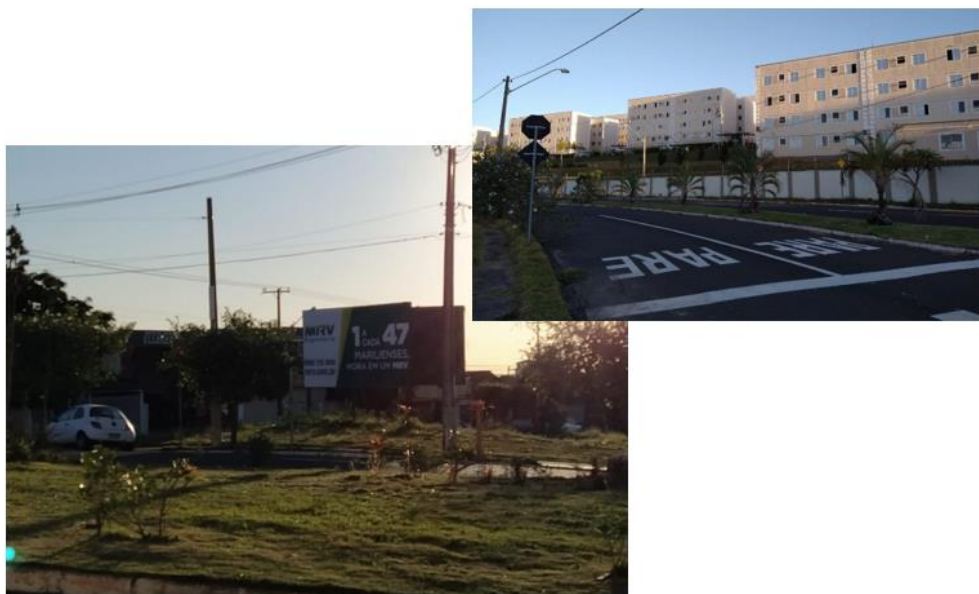
Figura 8 – Arredores do condomínio Parque Salé



Fonte: Elaboração própria.

Fotografia tirada em uma das visitas ao condomínio. Na imagem, capturada do outro lado da rua, vemos, em um dia ensolarado de domingo, a entrada e os blocos frontais do condomínio Salé.

Figura 9 – Arredores do condomínio Salé



Fonte: Elaboração própria (2020).

Figura 10 – Condomínio Salé e arredores



Fonte: Elaboração própria (2020).

Nesta imagem, obtida numa tarde de terça feira, podemos observar por de outro ângulo, características de alguns dos apartamentos, mais especificamente, as janelas possivelmente dos quartos e banheiro dos imóveis. Neste horário do dia o fluxo de veículos é relativamente pequeno, sobretudo

devido ao estado de quarenta vivido pelo município. Por volta das 17h, no entanto, pudemos observar grande movimentação de veículos e pedestres, pessoas voltando para casa após um dia de trabalho.

Figura 11 - Área interna do Condomínio Salé



Fonte: Elaboração própria (2020).

4 PERCEPÇÃO DOS MORADORES

4.1 Sobre o bairro

Dos 16 entrevistados, 9 são naturais de Marília. André (consultor de e-commerce, 34 anos de idade), por exemplo, conta que viveu sua infância e juventude no bairro Jardim Bandeirantes, localizado na zona oeste da cidade e se mudou para o bairro Campina Verde apenas quando se casou. Vivendo com os pais e a irmã, ele relata que nunca chegaram a passar necessidade, mas que a situação econômica da família sempre foi difícil.

É... minha infância foi assim é... em questão financeira bem difícil né. A gente nunca passou fome, mas foi uma situação, várias situações de bastante dificuldades, né? Como meu pai era dono de um bar, né, que ele acabou construindo na frente da nossa casa, esse bar era a fonte e sustento da nossa família, né? (André, morador do Campina Verde, 08 de setembro de 2020).

Após a morte de seu pai, a família não conseguiu administrar o bar, por isso alugaram o imóvel, de forma que o valor, somado à pensão por morte recebida pela mãe e o ganho dos salários de sua mãe e irmã, proveram o sustento da família. Apesar das dificuldades, André afirma que teve uma infância muito boa, com amigos que, segundo ele, alcançaram sucesso na vida enquanto outros não tiveram a mesma sorte, devido, por exemplo, ao envolvimento com roubos¹³ e prisões. Para André, a principal razão por ele não ter tido o mesmo futuro dos amigos foi a prática de esportes na juventude.

[...] alguns deram certo na vida outros não deram, é... o bairro onde eu cresci era um bairro um pouco até violento, é... até quando eu tinha os meus 14, 15 anos e depois de algumas prisões e envolvimento de roubos de alguns

¹³ O que André chama de “ir pro lado errado da vida” foi trabalhado em outro estudo por Pavez (2015) demonstrando um dilema vivido por jovens da periferia de São Paulo, relacionado a duas diferentes e opostas visões de mundo - do trabalhador e do ladrão. Neste caso, a autora apresenta um movimento de aproximação e ao mesmo tempo de afastamento em relação à identidade do trabalhador, gerando no sujeito um conflito sobre aderir ou não aos interesses do grupo social ao qual pertence. Tal comportamento estaria relacionado ao contexto de instabilidade social e exclusão do consumo vividos pelos pobres, levando o jovem a pender para a vida do crime e o que ela pode oferecer, no caso, seria o rápido acesso ao mercado de consumo, a prática da ostentação e, por outro lado, o risco de morrer, ficar inválido ou ser preso. (PAVEZ, 2015).

até amigos meus é... meio que diminuiu isso né? E... uma coisa muito importante que foi para eu não me envolver com esse tipo de pessoa errada foi a prática do basquete na minha escola. Eu comecei a jogar basquete e comecei a disputar campeonatos pela escola, então nas minhas horas vagas longe da escola era um momento que eu estava praticando esportes, ou treinando ou viajando pela escola pra disputar campeonatos, tanto é que meus amigos hoje é são amigos que cresceram junto comigo na época do basquete e não tiveram a oportunidade de ir pro lado errado da vida. (André, morador do Campina Verde, 08 de setembro de 2020).

Tal realidade não se aplicou à vida de André, que lembra-se de que a casa própria de alvenaria onde cresceu com a família foi construída lentamente, com trabalho e sacrifício dos pais antes mesmo de nascer. Segundo André, o imóvel era grande, possuía mais de dois quartos, mais de um banheiro, garagem com capacidade para dois carros, entre outros elementos.

A casa que eu cresci é uma casa alvenaria, né? É construção própria então meu pai e minha mãe construíram a casa com muito sacrifício e bem devagarinho ia construindo por etapas, né? Então, quando eu nasci eu já nasci na casa que eu cresci e morei até os meus 28 anos. Ah... ali é... era uma casa muito boa, tinha três quartos, dois banheiros, uma garagem razoavelmente boa, né? Que cabia dois carros, né? É... e na frente ainda tinha o bar, né? Que era o salão onde minha mãe e meu pai trabalhavam, né? (André, morador do Campina Verde, 08 de setembro de 2020).

Mesmo considerando o bairro relativamente violento, André o descreve como movimentado. A casa da família era situada em uma importante avenida do bairro, com acesso ao transporte coletivo e à escola por ele frequentada. Próximo à casa havia também posto de saúde e um parque. De maneira geral, o bairro oferecia, de acordo com o entrevistado, a infraestrutura necessária para atender as demandas dos moradores.

Ah o bairro onde eu cresci, a rua onde eu morava é uma avenida então o ônibus passava na esquina da minha casa. É tem a escola 4 ou 5 ruas pra baixo da minha casa que é onde eu estudei. É... um pouco pra frente da escola, tinha um parquinho de frente com o parquinho tem um posto de saúde, né? Onde eu me consultei bastante lá quando criança, então assim era um bairro razoavelmente bom onde tinha toda a infraestrutura necessária como posto de saúde, escola, parquinho, supermercado, tudo próximo da gente ali, né? Tanto é que um dos sustentos da nossa casa era porque o bar do meu pai não era só bar era mercearia e bar então ele vendia alimentos além de bebida, além dessas coisas então é... É um bairro muito bom, a minha casa também era uma casa muito boa. (André, morador do Campina Verde, 08 de setembro de 2020).

A respeito do bairro Campina Verde, onde vive com sua esposa, André afirma que o lugar é calmo em relação ao antigo bairro, mas ao mesmo tempo se encontra mais distante da cidade e dos seus serviços. Segundo ele, há uma

fazenda nas proximidades do bairro, que é um empreendimento novo, fato este que contribui para o sossego que descreve.

Onde eu moro hoje é graças a Deus, uma paz aqui é um bairro muito tranquilo, um bairro muito bom, é um bairro novo, né? Então, aqui antes era uma fazenda, né? Eles lotearam aqui e fizeram casas então o nosso bairro tem cerca de 314 casas, aqui por ser uma fazenda do lado do nosso bairro, né, que a continuação da Fazenda é bem tranquilo e é um bairro bem um pouco isolado da cidade, né, então assim particularmente aqui é muito bom é bem tranquilo. A casa onde eu moro também é muito boa, né? Então graças a Deus a gente tem que tá muito feliz aqui onde a gente mora. (André, morador do Campina Verde, 08 de setembro de 2020).

Outros entrevistados também moraram, assim como André, em bairros populares da cidade de Marília antes de receberem o benefício do Minha Casa Minha Vida.

Wagner, (montador de autos, 25 anos de idade), outro participante da pesquisa, também é mariliense e conta que sempre morou na cidade com os pais e duas irmãs mais novas no bairro Santa Antonieta, zona norte da cidade. Relata que aos cinco anos de idade seus pais se separaram, fato que os obrigou, ele, as irmãs e a mãe, a mudarem para o bairro Palmital, próximo ao Tiro de Guerra, também na zona norte de Marília. Se recorda da casa de madeira e da estrutura, em suas palavras “não muito legal”, já que as ruas não possuíam boa pavimentação e era comum a presença de lâmpadas queimadas. Em sua outra casa, ainda no mesmo bairro, relata que tanto a casa como o seu entorno eram melhores:

Mas a Gonçalves Ledo, ali que eu morei, ali perto do Tiro de guerra ali, as ruas ali sempre foi mais ruim, sempre tinha luz queimada, era difícil de arrumar, e a casa que eu morava ali na Gonçalves Ledo era de madeira e a estrutura não era tão legal. Agora na 16 de setembro já era melhor, a casa, até a casa que a minha mãe alugou na época era bem grande, eu tinha um quarto só para mim, minhas irmãs tinham um só pra elas, que elas era só menina, né, e tinha duas salas, uma sala de televisão, outra só de videogame. Tinha copa, cozinha, garagem para três carros, a casa ali era melhor. Até as ruas era mais movimentada, né? Porque era descida de pico ali, perto da creche, ali era melhorzinho. Na Gonçalves Ledo que foi o lugar assim mais, menos... porque é perto da 16 de setembro, só que a rua em si era ruim, até hoje é ruim, eu passo ali, às vezes, nas entregas ali é muito buraco, iluminação ruim... ali é estranho. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

Ali, de acordo com Wagner, ele e a família viveram momentos de maus tratos por parte do companheiro de sua mãe. Esta acabou terminando o relacionamento por não mais suportar a situação.

Aí, minha mãe conheceu outro cara e tal e aí esse cara também não deu certo acabou batendo nela, batia bastante na gente, cara meio doido e meu pai também, no entanto, nem fazia nada. Pegava a gente porque era obrigado, que a lei determinava ele pegar a cada 15 dias, então meu pai também não foi muito pai na época. E aí minha mãe acabou se separando dele, porque já não aguentava mais, tipo... até gostava dele, mas como ela viu que ele machucava bastante a gente, aí ela começou a enxergar com olho de mãe, né, aí largou dele. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

Tempos depois, a mãe conheceu alguém que Wagner considera como um segundo pai, que o ajudou a crescer. Naquele momento, habitavam o bairro Figueirinha, onde moraram por cerca de nove anos, como relata:

Aí ela conheceu um cara bem legal que eu considero ele como um segundo pai mesmo que foi ele que ajudou a criar a gente, que ela ficou por 9 anos, e a gente foi morar lá no Figueirinha. Aí, lá no Figueirinha, a gente ficou por 9 anos lá e passei praticamente a minha infância lá... até os 10, 12 anos. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

Para ele, o bairro era novo e ainda estava em formação, considerado até um tanto abandonado. Ainda assim, oferecia alguns elementos essenciais como iluminação urbana e ruas pavimentadas.

Ah, então, o Figueirinha na época era meio que começo né. Era como se fosse o Maracá hoje. Só que o Maracá é bem estruturado. Se for ver naquela época, o Figueirinha era meio que... meio que abandonado. Tinha tipo uma fazendinha lá com um campo, a gente ficava sempre lá né, brincando tal... mas não tinha cercado em volta do campinho, não tinha nada. O mato às vezes crescia, mas a gente tava lá brincando. Mas tinha iluminação nas ruas, o asfalto querendo ou não, era bom porque era recém feito, se for ver. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

Wagner conta que se mudou, indo viver com sua avó no bairro Lorenzetti, mas voltou a morar com sua mãe no bairro Palmital. Após um tempo e a ocorrência da separação de sua mãe do então companheiro, foi viver definitivamente com a avó.

Aí eu vim morar com a minha vó um tempo também, aí perto do Pedro Sola, no bairro Lorenzetti ali... fiquei um tempo ali. Aí depois minha mãe veio morar ali, de novo na Gonçalves Ledo, aí ela chamou eu pra morar com ela de novo, aí eu fui morar e... só que a casa era diferente. Aí depois ela foi morar ali na... perto de Tiro de Guerra também, só que na 16 de Setembro.

A gente morou ali um tempo e... aí foi onde minha mãe resolveu separa do meu padrasto e... conheceu outro cara. Aí foi onde eu saí de casa e vim morar definitivamente com a minha vó [...]. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

Wagner relata o envolvimento de sua mãe com as drogas, o que a deixou reclusa por um ano e meio. Neste período, por influência da avó, ele conta que passou a frequentar a igreja e a ter um comportamento diferente.

Aí, já comecei seguir outra... outra doutrina. Minha vó: “você não vai na igreja?”. Ai levava eu, com meu vô, meu tio. Aí na época que eu morava com a minha mãe eu não sabia o tanto de palavrão que eu falava, né? Quando eu fui morar com a minha vó que eles começou me corrigir, aí que eu comecei a ver quanto palavrão que eu falava. Aí comecei a me educar, eles me educou. Comecei a me vigiar nas palavras, aí fui tendo outro comportamento, outro pensamento. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

O contato com sua mãe foi retomado após um período de afastamento e lembra que, após um AVC, sua mãe veio a falecer. Relata que conheceu sua esposa na igreja e que casaram-se, habitando próximo ao bairro Pedro Sola até surgir a oportunidade de adquirirem o apartamento através do Programa Minha Casa Minha Vida.

E... aí depois que a gente foi casar eu não tinha comprado aqui ainda, a gente foi morar de aluguel ali perto da casa da minha vó mesmo, perto do Pedro Sola ali, na rua Aldo Mesquita. A gente ficou ali um ano morando de aluguel numa edícula no fundo. E aí foi onde apareceu a oportunidade de comprar o apartamento. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

O entrevistado adquiriu o imóvel pelo PMCMV quando estava solteiro, mas não conseguiu. Na segunda tentativa, já casado, foi contemplado pelo benefício, recebendo onze mil reais de subsídio pelo programa, sendo o restante do valor do imóvel financiado pela Caixa Econômica Federal. Conta que viveu cerca de seis meses na casa de seu sogro até que o imóvel fosse entregue.

Em relação ao endereço atual, Wagner conta que não imaginava morar no bairro onde mora hoje, já que sempre viveu e esteve familiarizado com a região norte da cidade. Ainda assim, relata que o bairro possui boa estrutura e atende basicamente todas as suas necessidades, com exceção da oferta de

lotéricas, escassas na região, o que o obriga a se deslocar para bairros mais centrais da cidade.

[...] graças a Deus, assim, o que eu preciso, que é o mercado, que tem dois mercados, o Preço Certo e o São Bento aqui... que é o que eu preciso... tem o açougue, a padaria, que eu sempre pego... Eu só vou mais pra lá porque eu trabalho pra lá é como eu já trabalho pra lá eu passo na lotérica lá, pago conta [...]. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

Laila (desempregada, 32 anos de idade), outra entrevistada, parece um pouco mais satisfeita com a cidade e o bairro. Para ela, que também nasceu em Marília, viver na cidade é algo bom e prazeroso, sobretudo porque não tem a vivência de habitar outra cidade. Segundo ela, Marília supre suas necessidades, exceto pelo fato de, em sua opinião, não oferecer tantas opções de lazer, de forma que precise se deslocar para outros municípios a fim de se divertir com a família, como relata:

Eu gosto de tudo, eu gosto da cidade. A única coisa que eu acho que Marília tinha que ter era um pouquinho mais de... é... lugar pra gente poder passear... lazer, né, que é uma coisa que a gente sente falta né. Quer fazer um lazer a gente tem que sair de Marília. Mas tirando isso, é uma cidade maravilhosa pra morar. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

Laila conta que nasceu e cresceu no bairro Vila Nova, situado entre a zona norte e a área central da cidade. Embora esteja nas imediações do centro comercial, está também próximo a uma das principais favelas de Marília, a Vila Barros. De acordo com Laila, o bairro sempre foi bom, mas a proximidade com a favela era um fator de desvalorização, até que, segundo ela, houve há cerca de sete ou oito anos atrás, uma ação que removeu a favela através da oferta de habitação para os moradores, fato que, para Laila, tornou o bairro melhor.

É... o bairro sempre foi bom. Sempre foi, é... pra baixo da minha casa tinha uma favela... e... que era assim, que fazia ser o bairro um pouco mais... como se diz ... como diz o povo, um pouco mais ruim, porque tinha uma favela perto, tudo, menos valorizado. Mas.. há um tempo atrás, eu acredito que deve ter uns... sete anos já, eu acredito, sete ou oito anos já, não sei, porque o tempo passa muito rápido, a gente não sabe. Eu acredito, tiraram a favela e... deram uma casa pro povo lá, não sei onde, e agora o bairro tem outro valor. Que não tem favela lá embaixo, então assim, mudou bastante. Ficou muito bom o bairro lá. É tudo asfaltado e é um bairro muito bom, muito bom. (Laila, moradora do Vila Nova Maracá, 25 de maio de 2020).

Laila nos conta que viveu no Vila Nova durante toda a sua infância e adolescência, em uma casa própria de alvenaria junto com o irmão mais novo e

os pais, mudando-se de endereço apenas quando se casou. Para ela, sua infância foi boa, com amizades que preserva até hoje, além da família, que lhe ofereceu educação e tudo o necessário.

Nasci em Marília né. Cresci em Marília. Eu tive uma infância, graças a Deus, muito boa, né. Tenho meu pai e minha mãe que sempre criou a gente com educação, sempre deu pra gente tudo que a gente precisava, pra mim e pro meu irmão. Eu tenho um irmão que é mais novo. E... sempre fomos criados na igreja. Temos muitos amigos né, até amigos de infância, desde a escolinha que são amigos até hoje. A gente sempre... tem uma relação muito boa. Cresci em Marília, estudei em Marília, me casei em Marília, tenho duas filhas e... é uma cidade assim...tive uma vida muito maravilhosa, graças a deus, né, tive meus empregos, graças a deus sempre... nunca fazendo nada de errado, no caminho certo... e é isso... uma infância maravilhosa, uma vida maravilhosa, graças a Deus. (Laila, moradora do Vida Nova Maracá, 25 de maio de 2020).

Em relação ao bairro Maracá, onde reside atualmente, Laila afirma ser melhor que o Vila Nova por se tratar de um bairro novo, sem buracos nas ruas e com mais silêncio e tranquilidade, por exemplo. Ela relata que há no bairro espaços para as crianças, com areia e escorregador, algo, segundo ela, pouco comum na cidade de Marília. Se queixa, porém, das poucas árvores e, conseqüentemente, sombras, constatando que isso se dá devido ao bairro ser novo.

Onde eu moro hoje, no Maracá é muito bom. Pra mim, assim, é bem melhor morar nele do que no Vila Nova. Por que? Porque é um bairro novo. É tudo, assim, tudo novo na verdade, as ruas, tudo, não tem buraco, não tem nada, então eu acho que em relação a isso é muito bom, e... é um bairro tranquilo, é um bairro que não tem barulho, um bairro que não tem muito movimento, né, de muitos carros passando, então é muito tranquilo. Gosto muito desse bairro. Por mim, eu não mudo mais daqui. Se depender de mim, do meu esposo, eu morro aqui nesse bairro, porque é muito bom morar aqui, é muito tranquilo, muito gostoso. (Laila, moradora do Vida Nova Maracá, 25 de maio de 2020).

Ao contrário de Laila, Kátia (professora de história, 25 anos de idade) conta que nasceu e viveu boa parte de sua vida na zona sul da cidade. Até os seis anos de idade morou com o irmão mais novo, o pai, pintor autônomo e a mãe, empregada doméstica, em um apartamento do CDHU, no bairro Nova Marília, um dos bairros mais importantes da cidade devido, entre outros elementos, ao número de habitantes e a forte participação da região no setor de serviços.

De acordo com Kátia, em determinado momento, o local onde morava com a família ficou difícil de viver, assim como a convivência com o pai, fatos que obrigaram a mãe a buscar outro local de habilitação. Se mudaram, então, para uma casa adquirida pela mãe através da Companhia no bairro Toffoli, também na zona sul de Marília.

O pai esteve pouco presente em sua vida, sendo praticamente criada por sua mãe, que trabalhou cerca de um ano em uma grande indústria da cidade e por isso, Kátia teve a oportunidade, através de uma bolsa de estudos, de estudar no Sesi, onde terminou sua educação básica.

Quando eu nasci até os meus 6 anos eu morei no CDHU. Minha mãe conseguiu um apartamento. Naquela época era por sorteio e tal, né. E ela conseguiu o apartamento no CDHU. Quando eu tinha 6 anos o CDHU começou a ficar muuuuito barra pesada, né. E aí meu pai começou a se envolver com um pessoal... foi bem complicado. Minha mãe, então, tentou se mudar. E aí nós fomos pra um conjunto habitacional, a COHAB, é... onde a mãe tem casa até hoje, que é no Tóffoli. É... é um bairro, assim, bem próximo à favela, mas é um bairro tranquilo, mas é casa popular, né, de COHAB. E aí minha mãe conseguiu, dando entrada com o apartamento dela do CDHU, e foi pagando ai financiamento, o resto né. E aí foi o bairro, né, um bairro bem simples, num bairro bem periférico, assim, muito próximo a uma favela bem grande aqui em Marília, que é a favela da Azaleia, mas é um bairro que... eu acho que por ser próximo da favela é um bairro muito seguro, nunca tivemos problema. (Kátia, moradora do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

Kátia se recorda de que quando morou no CDHU, as ruas não eram pavimentadas e o acesso ao bairro era difícil, de forma que o transporte coletivo não chegava ao bairro, obrigando os moradores a percorrer certa distância. Já vivendo na Cohab, em uma casa simples, segundo a entrevistada, com dois dormitórios, sala pequena, banheiro e quintal espaçoso, Kátia conta que o bairro era simples e a atuação do tráfico era algo muito presente, no entanto, nunca teve problemas com drogas ou violência. Além disso, afirma que o bairro possuía estrutura mínima como pavimentação e iluminação nas ruas, posto de saúde e escolas estaduais.

Kátia se lembra de que tinha o desejo de cursar a faculdade de História quando terminasse a educação básica. Sua mãe, porém, não tinha condições de arcar com as despesas do estudo fora de Marília, então Karen se mudou para a cidade Assis para estudar o curso que queria, indo morar na moradia da Unesp e se mantendo com o auxílio estudantil da universidade. Além da bolsa de

estudos, Kátia conta que trabalhava como garçõete nos barzinhos da cidade, a fim de complementar a renda.

Quando Kátia concluiu seu curso de graduação, voltou para Marília, mas conta que enfrentou dificuldade para encontrar emprego. Neste momento, ela cursava o mestrado em Educação na Unesp de Marília, porém, sem bolsa de estudo, precisando conciliar os estudos com o trabalho de garçõete, para ajudar na renda familiar. Depois de um tempo, Kátia conseguiu emprego em sua área, dando aulas tanto da rede estadual de ensino como também, na rede privada.

E... quando eu terminei o ensino médio, eu ... queria muito fazer História, então eu fui pra Unesp de Assis fazer História, né, aí lá... minha mãe não podia me ajudar porque ela mal conseguia sustentar meu irmão, então eu fui pra Assis. Lá em Assis eu morei na moradia, fui bolsista BAAE, e trabalhava de garçõete em barzinhos. Foi assim que eu fiz faculdade, mas consegui fazer uma excelente faculdade, assim. É... e aí me formei. Voltei pra Marília. Não consegui emprego de jeito nenhum!! Foi bem complicado, mas estava no mestrado, sem bolsa e também trabalhava como garçõete aqui em Marília para ajudar minha mãe, porque eu tava morando com a minha mãe nessa época. E aí, depois, quando eu consegui entrar numa escola particular, eu dou é... eu conseguir entrar no Estado, e uns meses depois eu consegui entrar em uma particular. Aí foi quando eu consegui vir pro apartamento. (Kátia, moradora do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

Karina (balconista, 27 anos de idade) contou que é natural de Marília e que nasceu e viveu na zona oeste da cidade, região onde vive atualmente. Até os seis anos de idade, viveu com os pais, quando, então, se separaram e ela passou a morar com a mãe e os irmãos. Karina afirma que gostava de onde morava por se tratar de um bairro tranquilo, onde podiam brincar na rua. Além disso, conta que moravam próximos de outros membros da família, tendo contato com os primos, por exemplo.

Ah gostava né, porque aqui é um bairro tranquilo né, então a gente sempre brincou na rua, a gente sempre... e a gente morava perto de todos os primos então, era bem divertido, bem legal né. (Karina, moradora do Parque Salé, 28 de maio de 2020).

Para a entrevistada, o bairro onde cresceu e ainda habita sempre foi bom por oferecer, no comércio local, o necessário aos moradores, como por exemplo, mercado, padaria, farmácia. Karina se queixa da falta de lotéricas no bairro, algo que outros entrevistados já haviam mencionado. Ainda assim, afirma estar acostumada com a região.

O bairro em si sempre foi bom porque tem tudo perto, tem supermercado, tem padaria, tem farmácia. O único problema daqui hoje em dia é que não tem uma lotérica nada disso, mas em si nunca, nunca foi ruim porque sempre teve mercado próximo, ou mercearia, farmácia nem sempre. Aqui, por ser uma coisa pequena, tem lugar que nem tem. Aqui tem três farmácias agora, então, sempre foi bom o bairro para mim. Por isso que eu nunca quis sair daqui, que eu sempre acostumei aqui, eu acho muito perto do centro, tudo muito perto. (Karina, moradora do Parque Salé, 28 de maio de 2020).

Eu ter saído de Marília me fez ver muita coisa muito diferente, porque eu viajei bastante, fui pra bastante lugar depois que eu saí de Marília, então eu acho que Marília ela foi muito boa [...]. Hoje em dia falta bastante coisa pra ela melhorar, em questão.. não assim, em questão de rua, porque rua sempre vai ter buraco, mas em questão de ter ambiente pra você sair, ambiente pra você frequentar. eu acho que falta muito a melhorar ainda, foi bem melhor Marília antes. E hoje em dia a cidade tá bem mais violenta. Que nem, eu tenho uma filha. A minha filha vai crescer. a juventude hoje em Marília, falta estrutura pra você dar pros jovens, porque os jovens hoje em dia, só quer ir pro lado errado e falta coisa pra eles ocuparem a cabeça sabe. (Karina, moradora do Parque Salé, 28 de maio de 2020).

Karina afirma que viveu na cidade a maior parte de sua vida, exceto por um período de três anos, quando se mudou para o sul do país para trabalhar. A experiência de sair de Marília por um tempo, permitiu, segundo a entrevistada, perceber Marília sob outra perspectiva. Neste caso, considera que a cidade foi boa há anos atrás, mas hoje, segundo ela, Marília não oferece, por exemplo, opções de lazer, sobretudo para os jovens, além de ser perigosa.

4.2 Sobre a casa própria

Para tentar alcançar a percepção dos entrevistados sobre a casa própria, buscamos conhecer um pouco de suas relações com esta ideia, através, por exemplo, da influência familiar. Neste caso, buscamos saber se viveram a maior parte de suas trajetórias em um imóvel alugado ou em uma casa própria.

Roberta (Enfermeira, 33 anos de idade) conta que até os 17 anos de idade morou com a família em uma área rural na cidade de Oscar Bressane, próxima a Marília. A casa onde viviam era emprestada, já que os pais trabalhavam na propriedade, a mãe com serviços gerais e o pai como administrador do lugar.

Os meus pais sempre trabalharam em sítio né, desde de pequenos, e eles sempre tiveram uma cultura de fazer um fundo financeiro né. E... praticamente a vida toda eles moraram no sítio. E quando eles decidiram ir

pra cidade foi um sinônimo de liberdade né. Eles queria se libertar daquela situação de viver no meio do mato, ficar vendo bicho, animal e queria ir para a cidade. Mas também ir pra cidade pra ficar refém de um aluguel não era uma situação que eles queriam também. Então ao longo da vida deles, eles também... eles trabalharam pra ter o... pra comprar a casa. Eles compraram a casa e a gente se mudou da fazenda pra cidade. Mas a gente só teve esse traslado, de mudar de onde tiveram todos os filhos, fizeram a vida juntos, pra ir pra cidade pra um lugar certo. (Roberta, moradora do Parque Salé, 28 de setembro de 2021).

Roberta relembra que com o dinheiro recebido pelos pais, referente ao acerto trabalhista, somado a anos de economias, conseguiram adquirir uma casa, onde morou por quatro anos. Com 21 anos de idade, se mudou da casa dos pais, indo morar em um imóvel alugado. Conta que pagou aluguel até adquirir o apartamento em que vive hoje.

De acordo com a entrevistada, sempre ouviu da família que casa era sinônimo de patrimônio e que o trabalho era importante para que pudessem manter este bem, fugindo, assim, da necessidade de pagar aluguel, pois acreditavam que o dinheiro gasto com o aluguel não teria retorno, diferente do que ocorreria com a posse da casa própria, vista como um investimento.

O que a gente sempre ouvia era assim: casa é sinônimo de patrimônio, né. A partir do momento que você tem algo próprio seu, você se engaja em trabalhar, em se esforçar pra ter aqui de pé, pra manter a qualidade de vida de uma casa. Quando você mora de aluguel, basicamente, digamos que a autoestima das pessoas, digamos que não é tão alta assim. Porque o aluguel, digamos, vamo fala a moda do pessoal né, é um dinheiro que vai e não volta. Porque você tem ali o resguardo de uma casa de te abrigar de um sol, de uma chuva, de um vento, de um frio, mas, se de repente o dono da casa vem e pede, todo o tempo que você pagou de aluguel você não tem um retorno. Agora já na casa própria, quando você investe um dinheiro de cara, que você quita essa casa, o dinheiro que entrar pra você é investimento, porque você vai mexendo numa coisa, já vai mexendo em outra. Então, quando os meus pais compraram a casa, a casa ela tinha quatro cômodos. E nós sempre fomos uma família bem numerosa. Então era cinco filhos mais o meu pai e a minha mãe. Então os cômodos da casa e a quantidade de móveis que a minha mãe tinha, ela adorava ter muitos móveis, a casa não comportava, então o dinheiro, o que que eles pensaram, que o dinheiro que você gasta num aluguel, era o dinheiro que você teve a possibilidade de mexer nessa casa e foi o que acabou acontecendo. Foi feito mais dois quartos, mais um banheiro, aumentou a cozinha, aumentou a sala e isso trouxe mais conforto pra gente. (Roberta, moradora do Parque Salé, 28 de setembro de 2021).

Para Roberta, assim como para a família, a casa própria é importante e repleta de significado, relacionado, por exemplo, ao descanso, reflexão e

proteção do perigo. Representa também a conquista, a liberdade e a segurança que o aluguel não oferece, já que em algum momento será necessário se retirar do imóvel, por exemplo, quando solicitado pelo proprietário.

O conceito de casa pra mim é... eu defino como o meu palácio onde eu consigo descansar, onde eu consigo refletir sobre os meus projetos, sobre as minhas ideias. É o lugar que eu tenho como o lugar santo né. É o lugar onde eu consigo descarregar todas as minha energias, fazer os meus propósitos, pensar muitas vezes em algo que eu esteja fazendo de bom ou de ruim, e... a casa é o refúgio da gente né. É onde tudo acontece e onde você se esconde. Então o conceito de casa pra mim é bem isso mesmo. É onde você tá resguardo de todo o perigo e de todo o conforto que a vida te proporciona. (Roberta, moradora do Parque Salé, 28 de setembro de 2021).

[...] é sinônimo de conquista, de libertação, porque você se sente seguro né. Quando você tem uma, você sabe que você nunca vai correr o risco de alguém pedir ou te expulsarem, qualquer coisa do tipo. Então pra mim é sinônimo de segurança né. Você tá seguro daquilo que você tem. (Roberta, moradora do Parque Salé, 28 de setembro de 2021).

Além de buscar conhecer a percepção sobre a casa própria, também consultamos Roberta sobre qual seria, em sua opinião, o papel do Estado nos processos de oferta e aquisição de habitação. Em sua percepção, o Estado tem a total função de intervir e mediar a oferta de moradia, a fim de facilitar o processo de aquisição. A participante menciona como exemplo, o Programa Minha Casa Minha Vida, política da qual é diretamente beneficiada, e afirma que se o acesso da população pobre aos programas habitacionais fosse mais fácil, o número de comunidades seria menor. Para Roberta, é dada demasiada importância para condição financeira do sujeito, pouco levando em consideração as dificuldades, inclusive econômicas, das famílias.

O Estado tem função de cem por cento nisso, porque se o Estado ele facilitasse a questão do Minha Casa Minha Vida ou até mesmo com outros programas habitacionais acredito eu que não haveria tanta comunidade né, como ainda existe. (Roberta, moradora do Parque Salé, 28 de setembro de 2021).

É muito avaliado a questão financeira e também a questão de score. Tem tanta gente aí que tem nome sujo na praça, mas ninguém procurou saber porque que essa pessoa tá com o nome sujo, ninguém procura resgatar essa pessoa, prefere deixar ela inadimplente do que dá uma oportunidade. (Roberta, moradora do Parque Salé, 28 de setembro de 2021).

Por outro lado, Roberta acredita que além da "ajuda" do Estado, as pessoas que se beneficiam das políticas públicas precisam arcar com seus

compromissos, tais como estar em dia com as parcelas do financiamento, por exemplo.

Mas também a gente tem que ver a outra vertente. O governo foi lá, ajudou igual hoje acontece muito e aqui onde eu moro tem acontecido muito isso também, o governo foi lá, ajudou é...deu um bônus no financiamento, porque o Minha Casa Minha Vida nada mais é do que isso, esse bônus né, e a pessoa não fez questão de ... ela não olhou pra tudo o que o governo fez pra ajudar. Simplesmente não pagou condomínio, não pagou a prestação ... é... que deveria ser paga, aí o governo veio e fez o que, tomou da pessoa. A gente tá aqui com quarenta apartamentos que foram retomados pela Caixa. Então assim, acredito eu que, nesse sentido, tem que ser uma faca de dois gumes. O governo facilitar e eu como pessoa ter consciência de que também tenho que pagar. Estão tem que andar junto. (Roberta, moradora do Parque Salé, 28 de setembro de 2021).

Então, pelo menos eu que tenho pagamento certo ele tem certeza de que ele vai recuperar o que ele gastou, mas e quem não tem né. Então por isso eu acredito que o governo, ele pensa muito antes de dar essas oportunidades né, pras pessoas. (Roberta, moradora do Parque Salé, 18 de fevereiro de 2020).

Podemos dizer, em certa medida, que Roberta atribui aos beneficiados pelas políticas de habitação, neste caso, parte da responsabilidade de o Estado oferecer ou não projetos que oferecem habitação, já que, segundo ela, falta responsabilidade no cumprimento dos pagamentos e prazos, o que pode interferir na decisão dos governantes aprovarem novas políticas. Roberta acredita que observando a quitação das parcelas do financiamento pelos contemplados pelas políticas públicas de habitação, por exemplo, o Estado irá recuperar o dinheiro investido e planejará criar novos programas, na mesma medida em que, não observando o pagamento devido das parcelas, pode decidir por não criar novas ofertas de moradia.

A entrevistada Talita (autônoma, 32 anos de idade) conta que quando os pais se casaram foram morar no fundo da casa de seus avós maternos, que era própria. Ali Talita viveu alguns anos de sua infância, até os pais adquirirem um imóvel próprio no Núcleo Habitacional Nova Marília, onde morou com a família até se casar. Antes de se mudar para sua atual residência no bairro Campina Verde, morou por quatro anos com seu companheiro em uma casa alugada.

Questionamos Tais se ela conhecia o significado da casa própria para seus pais e acredita, embora não tenha mais detalhes, que a principal motivação dos pais em adquirir a casa própria, foi sair do imóvel dos avós e ter o próprio

espaço para viver com a família. Já para Talita, a casa própria tem importante significado, representando estabilidade e a realização de um sonho antigo.

Ah eles moravam no fundo da casa dos meus avós então eles queriam uma casa pra morar e ter nossa casa né. Então foi muito bom eles terem conseguido. (Talita, moradora do Campina Verde, 29 de setembro de 2021).

[...] pra nós, a história de você ter uma casa, de você conquistar a casa própria, ela vale mais que isso. Então pra nós é relevante ter nossa casa entendeu... Porque pra algumas pessoas isso é banal, mas pra nós não, é importante, então desde de sempre, desde antes da gente casar A gente tinha esse sonho de ter a casa própria, embora hoje algumas pessoas falem que não compensa e tal ipante, para algumas pessoas a posse da casa própria não é algo tão significativo, de forma pra nós ainda é vantajoso. (Talita, moradora do Campina Verde, 29 de setembro de 2021).

Diferentemente do que pensa Talita e de acordo com a participante, alguns consideram vantajoso não precisar arcar com as despesas com manutenção, por exemplo, que um imóvel próprio acarreta, optando então, pelo pagamento do aluguel.

Em relação ao papel do Estado no processo de oferta e aquisição da casa própria, Talita afirma que reconhece que o Estado tenha sua participação na criação de oportunidades para aquisição do imóvel próprio, mas não consegue perceber esta relação de forma clara, ao menos enquanto compradora do imóvel.

Não vejo função nenhuma porque a gente depende da construtora que faça a casa e do benefício do governo, mas a gente acaba não vendo isso de forma direita. Então na minha parte eu não vejo relação. Sei que existe, mas eu não vejo relação direta pra falar: aí se não fosse o governo, tal, tal tal eu não teria conseguido. É claro que o benefício ele existe né e é graças a ele que a gente consegue, mas como comprador a gente não vê isso. (Talita, moradora do Campina Verde, 29 de setembro de 2021)

Assim como ocorreu com a família de Talita, os pais de André casaram-se e foram morar em uma casa nos fundos do imóvel dos sogros. André conta que os pais conseguiram comprar um terreno em que foi construída a casa própria onde o participante viveu a infância e adolescência.

André não se lembra de ter colhido de seus pais alguma referência em relação a importância da casa própria para eles, mas afirma que entende tal importância por ter crescido sem a experiência e necessidade de pagar aluguel.

Então nunca passei pela situação de aluguel, mas eu sei da importância porque o meu pai e a minha mãe quando casaram eles só tiveram a opção de morarem no fundo da casa da minha avó, né, que era o que dava naquele

momento. Então eu acho que a importância de sair do fundo da casa dos pais, comprar um terreno e construir a casa própria é bem importante, tem um significado bem importante, mas eu já nasci nesse mundo. Nunca participei de nenhuma conversa desse tipo entre os meus pais. (André, morador do Campina Verde, 29 de setembro de 2021).

De acordo com André, a casa própria representa o lar para se viver com a família, além de ser a realização de um sonho e uma conquista, alcançada através da independência financeira, necessária, segundo ele, para a aquisição de um imóvel próprio. Para o entrevistado, grande parte da população tem o sonho e o desejo de conquistar a casa própria e ele se inclui neste grupo. André compartilha de pensamento semelhante ao de Tais, quando afirma que muitas pessoas preferem pagar aluguel por ter, por exemplo, outras prioridades ou desejarem outras conquistas. Para ele, no entanto, a posse da casa própria tem importante significado para ele e sua família.

Uma casa é um lar pra você viver com a sua família. Então é um significado de conquista pra mim, de conquistar sua casa própria, ter a sua independência financeira, ter a condição pra comprar a casa própria né. A importância disso é de realizar um sonho né. Grande parte da população tem o sonho e o desejo de conquistar a sua casa própria e pra mim não é diferente. Eu sei que tem muita gente que considera que viver de aluguel, ter outros tipos de conquistas também legais e tal, mas eu considero que comprar a minha casa própria, ter o meu lar, o meu ambiente o meu cantinho tem um significado muito importante pra mim e pra minha família. É assim que eu penso. (André, morador do Campina Verde, 29 de setembro de 2021).

André considera importante e obrigatório o papel do Estado no processo de oferta de moradia para a população e estabelece relação com sua própria experiência enquanto beneficiado pelo Programa Minha Casa Minha Vida, reforçando a importância do programa para ele e sua família, sobretudo pela obtenção do subsídio, que reduziu o valor a ser pago pelo imóvel, de forma que as parcelas do financiamento coubessem no orçamento familiar. Além disso, André reconhece a dificuldade, para a classe trabalhadora, de adquirir um imóvel pago no ato da compra e se diz agradecido ao Estado/governo pelas condições que permitiram a compra da casa.

Eu acho que [o Estado] tem importância e tem obrigação sim de facilitar esse tipo de ajuda né, porque eu, nós conseguimos conquistar nossa casa própria com o benefício do Minha Casa Minha Vida. Então o PMCMV pra mim e pra minha esposa foi muito importante, primeiro porque a gente conseguiu um subsídio né, que reduziu o valor de compra da nossa casa e fez com que...

a nossa renda...fosse possível de pagar as parcelas da casa própria, porque hoje em dia ninguém tem condições de comprar uma casa própria a vista, muito difícil as pessoas que têm essa condição. E no nosso caso, no meu caso, eu tenho que agradecer muito o governo e as condições ofertadas pelo PMCMV, que foi graças a ele que nós conseguimos conquistar a nossa casa própria. (André, morador do Campina Verde, 20 de setembro de 2021).

Da mesma forma que Roberta, Talita e André, o entrevistado Rogério (subgerente, 23 anos de idade) conta que viveu a maior parte de sua vida na casa própria da família. Se recordando de alguns elementos do processo de aquisição do imóvel, conta que na época não havia a oferta de benefícios que a sociedade possui atualmente e foi um processo complicado, já que o pai precisou vender alguns bens para conseguir dar entrada no terreno e então iniciar a construção da casa. Rogério se recorda que, para os pais, a posse de uma casa era algo gratificante, porque não teriam que se preocupar em pagar aluguel, algo que envolve, segundo Rogério, a desvalorização e o gasto, por exemplo, com a reforma do imóvel, caso seja necessário a mudança de endereço.

Ah, eu lembro que eles falavam que era muito gratificante devido a questão de ter uma coisa que é sua, não ter que tá se preocupando com aluguel, é ... essa questão da desvalorização da casa, porque quando você mora de aluguel depois quando você sai você tem que reformar tudo. É uma coisa que é sua, você pode fazer mais ou menos o que você quiser né, então era muito gratificante. (Rogério, morador do Parque Salé, 04 de outubro de 2021).

Rogério acredita ter sido influenciado, em certa medida, pela percepção de casa própria dos pais, pois buscou, através do Programa Minha Casa Minha Vida, ter sua independência e seu próprio espaço. Nesse sentido, a casa própria representa, para Rogério, privacidade, conforto e descanso, além de ser sinônimo de luta, tanto para adquirir o imóvel como para mantê-lo, através do pagamento das mensalidades do financiamento.

[...] eu comprei minha casa própria, meu apartamento né, mas no pensamento de ... ter algo que é meu, ter o meu canto, aquela questão de independência né.

Para você o que é uma casa, um apartamento?

Ah, é conforto né, é descanso... privacidade. Mais ou menos isso.

Ah, pra mim ter a casa própria eu penso muito em questão de... é... como eu posso dizer... luta né, porque a gente luta muito pra isso e luta não só pra conseguir, mas luta também pra pagar, pra não perder né. (Rogério, morador do Parque Salé, 04 de outubro de 2021).

Na percepção de Rogério, a oferta de oportunidades de aquisição da casa própria é uma obrigação do Estado, algo importante já que, para ele, muitas pessoas não possuem condições de comprar um imóvel e os benefícios oferecidos pelo Estado através de políticas públicas como ocorreu com o PMCMV, facilitam o alcance do sonho da casa própria.

Tem obrigação e acho que a gente também tem um papel. E acho que é um fator muito importante, porque tem muita gente que não tem condições né, de efetuar a compra de um bem desse e o governo, com esses benefícios que ele dá, querendo ou não, acaba ajudando, auxiliando, facilitando pra que as pessoas consigam realizar o seu sonho de ter uma casa própria né. (Rogério, morador do Parque Salé, 04 de outubro de 2021).

Isaque (professor de educação básica, 34 anos de idade), assim como os demais entrevistados, viveu a maior parte da sua infância, adolescência e juventude, em casa própria. Conta que na década de oitenta os pais compraram, com recursos próprios, o terreno e financiaram, através da Caixa Econômica Federal, a construção do imóvel da família, quitando a dívida no início dos anos dois mil. Isaque se recorda que o bairro era vazio, apenas com terrenos e que se tornou residencial com o passar do tempo. A casa da família era grande, com medidas, segundo Isaque, que equivaleriam, hoje, a cerca de dois terrenos. Os cômodos também eram grandes, havendo três quartos, sala de tv, sala de jantar, cozinha, área com churrasqueira e garagem.

Quando eles fizeram a aquisição do terreno foi com recurso próprio né, aí a construção eles fizeram com o financiamento e era um bairro que não tinha quase nada lá ainda, virou um bairro residencial depois, mas era um bairro que não tinha muitas casas né, eram mais terrenos assim. E... era uma casa grande. Eu lembro assim, que era, pelas metragens da época dava o tamanho de quase dois terrenos assim, então era uma casa que tinha cômodos grandes né, eram três quartos, cozinha, sala de TV, sala de jantar, tinha uma garagem grande, uma área boa no fundo com churrasqueira, era uma casa bem legal. (Isaque, morador do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

De acordo com Isaque, o conceito de casa própria para a geração de seus pais era tradicional, dando ênfase à importância da casa própria, diferente do que ocorre hoje, segundo ele. Conta que a casa acima descrita foi vendida e os pais mudaram-se para a cidade de Bauru, para estar mais próximos dos filhos, Isaque e o irmão, que também reside em Bauru. De acordo com o entrevistado, o valor recebido na venda da casa foi aplicado e os pais atualmente residem em um imóvel alugado.

Acho que antigamente tinha uma visão um pouco mais tradicional né, de ser muito importante. Essa casa já foi até vendida, meus pais moram em Bauru hoje né, e o dinheiro da casa foi aplicado e vivem de aluguel hoje né. E até por conta de estar mais próximos à família e tal. Mas antes tinha sim uma preocupação um pouco maior, hoje já nem tanto, assim ter uma casa própria mesmo.

Então, eu acho que, talvez a forma como a sociedade via a casa própria né, como um bem, o primeiro bem a ser adquirido, em alguma coisa bem tradicional assim né. A família, meu pai e minha mãe sempre foram bem tradicionais nesse ponto né. Então assim, a primeira coisa que eles fizeram quando casaram ou antes de casar até, foi começar a construção da casa, pra depois poder morar junto e tal. E... eu acho que é, eu penso que é uma questão bem tradicional mesmo assim, do pensamento de como investir. A primeira coisa é ter a casa e depois, sei lá, um carro e depois outros bens. É uma forma de segurança imagino. Isaque, morador do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

Para Isaque, a importância antes atribuída pelos pais à posse da casa própria era fruto da sociedade da época, que via a posse de uma habitação tradicionalmente como um bem prioritário a ser adquirido por uma família. Sendo assim, Isaque afirma que seus pais foram diretamente afetados por tais ideias, de forma que a compra da casa própria já seria pensada, possivelmente, antes de se casarem.

Isaque afirma que foi influenciado pela forma como os pais pensavam a casa própria, porém, percebe que hoje os processos envolvendo as questões de habitação estão mais dinâmicos. Para o entrevistado, a aquisição da casa própria foi vista por ele e sua esposa como algo bom, sobretudo pelo subsídio oferecido pelo Programa Minha Casa Minha Vida, além do valor das parcelas que é menor que o preço do aluguel e de a casa estar situada em um condomínio, elementos considerados importantes por Isaque.

Então, eu cresci sendo formado por esse pensamento né dentro de casa né, mas assim, vendo depois, vejo que é muito dinâmico hoje né. E acho que a gente, quando comprou a casa, a gente viu que era um negócio muito bom pra gente por conta do subsídio mesmo do MCMV, da prestação que é um valor bem baixo se a gente comparar com o aluguel, é uma casa que tá dentro de um condomínio, tudo isso é importante né. (Isaque, morador do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

Mas assim, a gente não tem a preocupação hoje, pelo menos eu, se precisássemos fazer a venda dessa casa pra fazer um investimento com o dinheiro, morar um tempo de aluguel hoje, eu não teria problema nisso né, se fosse incluir pra gente algo mais ... se fosse uma coisa um pouco mais certa assim, mas, ter comprado a casa proporcionou pra gente a estabilidade que a gente tem hoje, de ter a casa própria, de ter a segurança e conseguir pagar bem tranquilo o valor do financiamento e tal. Representou

assim uma forma de estabilidade muito boa pra gente. (Isaque, morador do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

Ainda que a atual moradia de Isaque seja considerada importante por ter proporcionado estabilidade, ele afirma que não teria problema, caso necessário ou que a ação trouxesse algum benefício para ele e a família, em vender o imóvel, investir o dinheiro e morar por um tempo em uma habitação alugada. Para Isaque, a posse da casa própria representa a segurança, entre outras coisas, por se tratar de um bem com valor agregado, que pode ser resgatado ou mantido como forma de investimento. Além disso, a casa própria oferece a liberdade de ser modificada de acordo com a vontade do dono, como afirma o entrevistado.

Ah eu acredito que é sim essa questão do... de uma segurança, de uma estabilidade também. Porque o local da moradia, o local que você quer estar né, e além disso é... pensando assim por um outro lado, é também é uma fonte onde tem um valor guardado ali no nosso nome, se precisar, por algum motivo ela tá aqui no nosso nome e é um bem que a gente pode utilizar, vender, alguma coisa assim, a depender o que acontecer assim e, mais que isso, ela é assim, um ponto de referência nosso, é a nossa casa, é onde a gente pode construir da forma que a gente quer, a gente pode deixar da forma que a gente quer deixar. Então é algo assim bastante importante pra gente. (Isaque, morador do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

Para Isaque, assim como para outros entrevistados, a oferta da casa própria deve ser mediada pelo Estado, a exemplo de sua própria experiência através do PMCMV, que possibilitou, de acordo com o entrevistado, um processo de aquisição do imóvel de forma mais tranquila. Segundo Isaque, o Estado, enquanto representante dos interesses públicos, deve se voltar para a questão habitacional por se tratar de um interesse coletivo. Além disso, o papel do Estado se torna ainda mais importante quando vivenciamos situações como as que têm ocorrido na pandemia, de perda de bens, inclusive moradia, em virtude da grave crise econômica, política e social no Brasil.

Eu acredito que tem que fazer intervenção sim, né. Pela experiência que eu tive, que possibilitou, de uma forma muito mais tranquila, eu conseguir adquirir a minha própria casa né. Agora, entendo o Estado, o governo como uma fonte de representação dos interesses públicos, eu penso que a moradia é um interesse público, então sim, eu acredito que deva ter interferência através de realizações que auxilie nessa política pública. Eu acho que a intervenção do Estado é importante quando a gente vê situações que ... o número de usuários que, na pandemia, tem passado pelo processo de perda de bens, inclusive perda de casa né, eu acho que é uma obrigação

das políticas públicas fornecerem moradia, a meu ver né. (Isaque, morador do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

Algumas das percepções de Isaque estão presentes na conversa que tivemos com Márcia (editora, 39 anos de idade). Assim como ele, ela conta que viveu a maior parte de sua vida em uma casa própria com a família, embora tenha vivido também em imóveis alugados, sobretudo, quando se mudou para Marília a fim de estudar e trabalhar.

Assim como fez a família de Isaque, os pais de Márcia também financiaram o imóvel, no caso, um apartamento, através da Caixa Econômica Federal, na cidade de São Caetano do Sul, onde Márcia nasceu. Neste imóvel, Márcia conta que viveu com a família até próximo dos dezessete anos. Então os pais se separaram, ocorrendo a venda do apartamento. Neste momento, Márcia passou a morar em um imóvel alugado com a mãe e irmã.

Então, na verdade, os meus pais financiaram pela Caixa em São Caetano do Sul, que era onde a gente morava. Ai a grande parte, assim, da minha infância, até uma média dos meus dezesseis, dezessete anos a gente morou em São Caetano, neste apartamento. E aí meus pais se separaram e aí vendemos esse apartamento e foi quando a gente foi morar em alugado. (Márcia, moradora do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

De acordo com Márcia, moravam em um bom apartamento, com três quartos, suíte, banheiro e playground. Na época, o apartamento era considerado bom, por estar, por exemplo, situado em um bairro próximo ao centro da cidade. Porém, hoje, Márcia considera que o padrão de qualidade decaiu e atribui a mudança a instalação de indústrias e comércio, fato que, segundo a entrevistada, mudou a característica do bairro, que passou a ser industrial e não mais residencial.

Era um bairro bom, era em São Caetano do Sul, né. São Caetano é considerada um dos metros quadrados mais caros do estado de São Paulo. É... era um apartamento bom, eram três quartos, tinha suíte, banheiro, tinha playground. Era um apartamento que, na época, era considerado bom, mas hoje em dia, que eu acho que eu passei por lá, eu acho que hoje lá o bairro já não é considerado a mesma coisa, sabe. Era próximo ao centro, mas não é mais. Eu acho que não manteve esse padrão, sabe, de como era antigamente. (Márcia, moradora do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

Marcia, semelhante ao pensamento de Isaque, considera que o conceito de casa própria foi introduzido, sobretudo nas gerações mais antigas, como a de

seus pais, sendo forte a ideia da necessidade de obtenção da casa própria, através do trabalho. Para a entrevistada, portanto, a conquista da casa própria pelos pais foi regida por tal percepção.

Então, eu acho que esse conceito de casa própria é um conceito que é embutido mesmo na cabeça, ainda mais na geração deles, de que tem que ter uma casa própria, de que tem que ter a sua casa, então a primeira coisa que tem que fazer é comprar a sua casa, você tem que trabalhar pra comprar a sua casa. É... acho que é mais isso que vem na cabeça dos meus pais. Acho que sempre foi isso, o conceito que você tem que trabalhar e a primeira coisa que você tem que adquirir é a sua casa, entendeu, o resto cê vai atrás. (Márcia, moradora do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

A percepção de casa própria, para Márcia, não é tão rígida como a de seus pais. Para ela, por exemplo, casa não é sinônimo de lar, sendo este possível de ser alcançado mesmo em uma casa ou apartamento alugado, desde que corresponda às expectativas criadas. Márcia considera a casa própria como uma garantia de estabilidade, um patrimônio e um investimento, mas acredita também que habitar um imóvel alugado pode, em determinadas situações, ser mais econômico do que a posse da moradia própria, pensamento semelhante ao da entrevistada Talita, exposto anteriormente.

Então... [risos] hoje em dia eu já penso como um investimento, ou se vale a pena o custo benefício, cê entendeu, da compra dessa casa. Eu não tenho essa visão tão assim de... da casa própria como uma... eu queria usar uma palavra, mas não é referência... como eu iria te dizer... é... porque o lar não é a mesma coisa que a casa. O lar pode tá em qualquer lugar. Pode ser, por exemplo, como alugado... se ele corresponder ao que eu busco. As vezes sai muito mais barato, muito mais em conta, ter uma casa alugada do que ter uma casa própria. (Márcia, moradora do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

Ainda assim, na concepção de Márcia, a compra de sua casa se tornou mais lucrativa do que seria viver de aluguel, já que o subsídio e o valor acessível das parcelas do financiamento, oferecidos pelo Programa Minha Casa Minha, lhe permitiram possuir um bem que se tornou ativo, estando hoje, de acordo com Márcia, valendo o triplo do valor pago inicialmente.

No meu caso aqui, como é MCMV, por questões financeiras mesmo, uma análise financeira, vale muito mais porque se tornou... não se tornou um bem passivo, se tornou um bem ativo, porque na época a gente comprou a sessenta mil e hoje ela foi avaliada em 180 mil reais, cê entendeu. Então ela já triplicou, na verdade, o preço que a gente pagou. Então vale como um bem mesmo, como um patrimônio sabe. (Márcia, moradora do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

Márcia, da mesma forma que os demais entrevistados, acredita que o Estado seja fundamental no processo de oferta de moradia, através, por exemplo, de políticas públicas como o MCMV, capaz de reduzir, nas palavras de Márcia, as distâncias sociais e monetárias entre as classes. Para a entrevistada, se utilizando da própria experiência, foi possível alcançar a casa própria, mesmo ganhando pouco, como nos contou, mas esta realidade se deu via política pública de habitação.

[O Estado é] Fundamental... pra conseguir auxiliar na aquisição, pra por exemplo, poder diminuir as distâncias sociais, monetárias das classes, então esse tipo de assistência, de programa, eles conseguia possibilitar... uma época a gente ganhava bem pouco... eles conseguiram auxiliar a gente a ter um bem, ter uma garantia, a ter uma estabilidade, por exemplo, você tem a tua casa, aí na tua vida conforme você vai crescendo, vai trabalhando você tem um caminho a seguir, não fica tão afastado, se bem que a gente é bem afastado [risos], mas pelo menos encurtou um pouco mais né essa distância social. (Márcia, moradora do Moradas Marília, 29 de setembro de 2021).

O último entrevistado a nos conceder a segunda entrevista a respeito da casa própria foi Rafael (professor de inglês, 29 anos de idade), que afirma ter vivido a maior parte de sua vida em casa própria dos pais. Segundo ele, a família vendeu o carro que possuíam para então comprar o terreno na década de 1990. A casa, segundo Rafael, foi construída lentamente, de forma que por alguns anos o imóvel foi constituído de apenas por sala, cozinha e banheiro, sendo necessário utilizar a sala para dormir. O entrevistado recorda que após cerca de sete anos os pais concluíram a edificação dos dormitórios.

Então, eles compraram nossa casa... foi um terreno na verdade né? Eles compraram em 1990 e venderam um carro, na época era um fusca e compraram esse terreno e eles foram construindo bem vagarosamente a casa. De início, eles ficaram vários anos somente com dois cômodos, que seria, na verdade, a sala, a cozinha e o banheiro. Eles não tinham quarto ainda, eles moravam na... eles dormiam na sala, colocavam um colchão na sala, e depois, mais ou menos 7 anos, eles conseguiram construir os quartos. (Rafael, morador do Parque Salé, 04 de outubro de 2021).

Rafael conta que ele e os pais chegaram a conversar sobre a importância da casa própria que, para eles, tem muito sentido e significado, sendo algo que todos deveriam buscar, sendo mais importante que qualquer outra coisa, como viagens, por exemplo. Na concepção da família de Rafael, a casa própria e um veículo são itens considerados de importância.

Sim, já conversamos sim. Eles veem muito sentido, muito significado na casa própria. Pra eles é uma questão de vida que todo mundo deveria buscar. Eles veem dessa forma, mais importante do que viagem ou qualquer outra coisa, casa e veículo pra eles é muito importante.

Então eu acho... Eu não vejo tanto significado assim como pra eles. Eu acabei fazendo financiamento porque eu achei que era algo interessante, mas, com os problemas que eu encontrei, eu acho que hoje eu não teria feito. Hoje eu alugaria até conseguir, talvez um dia, comprar uma melhor ou ficar alugando mesmo porque, de todo o modo, eu vou pagar por 30 anos, né? Então vai ser a maior parte da minha vida. Então eu não sei se faz tanta diferença do que se eu tivesse alugando em algum lugar. (Rafael, morador do Parque Salé, 04 de outubro de 2021).

Já para Rafael, o significado de casa própria difere do entendido pelos pais, embora já tenha pensado da mesma forma. Ele afirma que obteve sua casa própria através do financiamento proporcionado pelo Programa Minha Casa Minha Vida por considerar a oportunidade interessante. Porém, levando em conta os problemas que encontrou no processo de aquisição e no próprio imóvel, comenta que hoje optaria por buscar uma casa ou apartamento com melhor qualidade, ou escolheria morar em imóvel alugado. Nesse sentido, a casa própria, para Rafael, é apenas um lugar para morar, o que dá espaço para que ele atribua importância para outras coisas, como viagens e relações sociais, por exemplo. Ao mesmo tempo, de acordo com o entrevistado, a casa própria pode ser pensada como algo que ultrapassa o aspecto físico, podendo ser considerada uma moradia, um lar, já que dela acaba passando mais tempo e nutrindo certo carinho.

Eu acho que pra mim [a casa] é simplesmente um lugar pra morar mesmo. Acho que eu dou mais significado para outras coisas como relações sociais, relacionamentos e viagens, do que a própria casa em si. (Rafael, morador do Parque Salé, 04 de outubro de 2021).

Ah eu acho que dá pra também pensar a casa no sentido de moradia, de lar. Acho que não somente algo físico, assim. Como é um lugar que a gente passa mais tempo, né, dentro, a gente acaba adquirindo um carinho.

Mas assim, é... no meu caso, não é algo que vai guiar a minha vida, sabe? Ah, nunca vou me desfazer do lugar onde eu moro, nunca vou buscar outro lugar, não vou mudar de cidade. (Rafael, morador do Parque Salé, 04 de outubro de 2021).

Para Rafael, a percepção da casa própria não é algo estático, como também afirmou o entrevistado Isaque anteriormente. Para Rafael, a noção de

casa própria não rege sua vida, de forma que nada o impede de, em algum momento, se desfazer do imóvel e buscar outro lugar para morar.

Ah eu acho que o estado deveria prover de meios de auxílio, de assistências, pra que a população adquirisse uma moradia. Eu acho que isso, inclusive, é constitucional né? O Estado tem dever de prover esse tipo de coisa. (Rafael, morador do Parque Salé, 04 de outubro de 2021).

Em relação ao papel do Estado na oferta de moradia, Rafael acredita que o poder público deveria oferecer os meios necessários para que a população obtivesse a casa própria, e destaca que esta oferta está prevista na constituição, sendo, portanto, um dever do Estado.

Diagrama 1 - Termos¹⁴ relacionados ao conceito de casa própria



Fonte: Elaboração própria.

¹⁴ Embora alguns termos pudessem, se substituídos, ser mais elucidativos, como no caso, por exemplo, da palavra “libertação”, optamos por manter os termos expressos pelos participantes ao longo das entrevistas.

Embora os sete entrevistados considerem o Estado responsável pela criação de políticas públicas voltadas para a oferta de moradia, apenas um deles, o Rafael, mencionou a Constituição, mas nenhum deles, ao menos de forma explícita, se referiu ao acesso à moradia enquanto um direito previsto por lei.

Baseado no diagrama presente no artigo de Junge e Tavares (2020)¹⁵, tentamos elucidar, através do esquema acima, os principais eixos temáticos identificados nas entrevistas. O quadro branco representa a temática e os quadros amarelos ilustram as percepções dos entrevistados em relação aos temas.

No diagrama exposto anteriormente, é possível observar as principais ideias expressas pelos participantes e associadas ao conceito de casa própria e, a partir disso, pudemos notar que a ideia relacionada a este conceito é ainda movida pela ideia tradicional de lar e estabilidade, entretanto, vale ressaltar que há também a ideia de patrimônio e investimento e um dos entrevistados não considera a ideia de casa própria importante.

4.3 Sobre o Programa Minha Casa Minha Vida

Além de identificar alguns elementos da percepção dos entrevistados sobre os bairros onde viveram e vivem atualmente, e do conceito de casa própria para eles, buscamos conhecer também a percepção das pessoas entrevistadas em relação ao Programa Minha Casa Minha Vida.

A entrevistada Karina (balconista, 27 anos de idade), por exemplo, considera que o PMCMV tenha proporcionado algumas facilidades como, por exemplo, a fuga do aluguel, o subsídio, considerado importante por reduzir o valor do imóvel, além da conquista da casa própria. No entanto, Karina acredita que a burocracia provocou lentidão no processo de aquisição e posse de seu imóvel.

O Minha Casa Minha Vida facilita algumas coisas, mas hoje em dia também... eu esperava mais, mas me ajudou bastante, sabe. Não foi aquele:

¹⁵ Embora em um outro contexto, a saber: a percepção da crise para motoristas do aplicativo Uber na cidade de Recife, o quadro elaborado pelos autores serviu como inspiração para a formulação do diagrama apresentado.

“nossa, nossa que ajuda”, porque demorou muito. Eu acho que é muita burocracia. [...] Então, hoje eu vendo assim, tudo ele representa... ele me deu oportunidade de eu ter minha casa, sair do aluguel né. Porque eles dão o subsídio para o banco, coisa que eu não teria para dar, porque para você conseguir financiar uma casa hoje você tem que dar uma entrada de 20, 10 mil... e eu não tinha mais FGTS... não tinha muito para dar entrada então me facilitou né. (Karina, moradora do Parque Salé, 28 de maio de 2020).

Embora tenha se decepcionado com o programa em relação aos prazos, Karina afirma que está satisfeita com o apartamento, por considerar de boa, por estar situado em um condomínio que, segundo ela, oferece um ambiente familiar e seguro para ela e sua filha.

Wagner (montador de autos, 25 anos de idade) também considera o PMCMV como algo positivo, sobretudo, porque quando se inscreveu para a seleção, sua renda era baixa. Sendo assim, seguindo o mesmo raciocínio de Karina, se não fosse o Minha Casa Minha Vida, teria que desembolsar uma entrada de cerca de 16 mil reais, dinheiro que não possuía naquele momento.

Ah, significa que, querendo ou não, é... ainda mais na época da renda, que não era muito, me ajudou bastante, porque se não fosse o MCMV eu teria que dar, na verdade, 16 mil de entrada. Eu só dei 5. Eu ganhei 11 e pouquinho de MCMV. Se eu não tivesse conseguido o MCMV eu só ia conseguir... ia ter que pagar 16 mil, aí eu não ia ter esse dinheiro também, não ia ter conseguido conquistar o apartamento. Então... o MCMV acabou me ajudando bastante. (Wagner, morador do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

Já para Isaque (professor, 34 anos de idade), o PMCMV foi importante porque contribuiu no processo de constituição de sua família, já que pode se casar. Além disso, o valor acessível das parcelas do financiamento coube em seu orçamento, sendo um fator de incentivo à adesão ao programa. Isaque afirma que não sabe se teria tido outra oportunidade de adquirir a casa própria, caso o PMCMV não existisse naquele momento.

Ah, acho que foi um processo muito importante para nossa vida por vários motivos, né. Primeiro porque possibilitou a gente no processo de a gente se casar, conseguir construir uma vida juntos, né. Também foi possível por conta do ... da forma como o financiamento é feito porque as parcelas acabam sendo baratas né, se a gente for fazer uma comparação até com o preço do aluguel na cidade né. Então a gente... dentro do orçamento que a gente tinha, que na época era menor do que hoje, já se enquadrava bacana para a gente, já dava pra gente pagar tranquilo, e acabou sendo um... como eu posso falar, um projeto né do governo, é um projeto né... [...] um programa do governo que ajudou bastante a gente conseguir construir a vida juntos que a gente tava planejando. Acho que talvez se não tivesse esse projeto no momento, esse programa no momento, talvez a gente não teria

comprado a casa naquele momento, não sei o que aconteceria, né, se a gente teria uma casa própria hoje ou não, mas foi muito importante para gente. (Isaque, morador do Moradas Marília, 28 de maio de 2020).

A entrevistada Rosa (repcionista, 58 anos de idade) conta que havia tentado adquirir um imóvel através do Programa Minha Casa Minha Vida em outras oportunidades, mas não obteve sucesso. Na última tentativa, porém, já sem muitas expectativas, foi contemplada com o programa. Diferente do caso de Karina, o processo de posse do apartamento de Rosa não foi demorado. A entrevistada comenta que utilizou seu fundo de garantia para abater parte do valor do imóvel. Ainda assim, nos conta que precisou arcar com diversas despesas que foram surgindo ao longo do processo de aquisição. Assim como ocorreu com Karina, Rosa se mostra decepcionada com o programa. Segundo ela, a qualidade do apartamento não corresponde ao valor que está sendo pago.

Assim, nós tentamos umas três vezes e não conseguimos, porque, por causa de renda né. Não sei, não dava certo. Um dia, por acaso, nós passamos lá, e falamos: “não, nós vamos fazer. Vamos fazer um sacrifício e vai dar certo”. Aí não foi demorado não. Aí eu consegui dar o meu fundo de garantia... assim, nós tivemos muitas despesas, porque eles não falaram antes e depois foram tendo. Mas nós conseguimos ir acertando aos pouquinhos. A entrega também foi rápida. (Rosa, moradora do Parque Salé, 18 de julho de 2020).

Não é tudo aquilo, em relação ao apartamento não é tudo aquilo que eles diziam né. É... a estrutura do apartamento não é aquilo tudo que foi prometido. Mas... eu acho que o preço foi assim, acima do valor. Acho que não era isso tudo não. (Rosa, moradora do Parque Salé, 18 de julho de 2020).

A agilidade vivida por Rosa ao longo da aquisição de seu apartamento foi, também, experimentada por Kátia, que se surpreendeu com a tranquilidade. Pretendendo deixar a casa da família, Karen passou a pesquisar os preços dos aluguéis, considerando, posteriormente, a possibilidade de comprar um imóvel. Conta que se inscreveu no programa quando sua situação financeira estava melhor, impulsionada também, pelo receio de que o PMCMV pudesse ser extinto na gestão de Jair Bolsonaro, o que de fato, aconteceu¹⁶. Karen, em contato com a MRV, obteve uma simulação dos valores, pouco tempo depois, soube da aprovação de sua renda. Conta que o valor da entrada do apartamento foi

¹⁶ Vale ressaltar que o PMCMV foi substituído em janeiro de 2021, sob a lei nº 14.118, que estabelece o Programa Casa Verde e Amarela como a nova política habitacional brasileira (SANT’ANA; POZNYAKOV, 2020).

dividido em cinco anos para quitação e que não foi necessário dispor de nenhuma quantia, a princípio, além das mensalidades do financiamento.

Foi muito tranquilo. Surpreendentemente tranquilo. É... eu comecei a... quando eu consegui emprego na escola particular. E aí eu tava com dinheiro um pouquinho melhor e pensei em sair, então, da casa dos meus pais, né, da minha mãe. E... nisso é... eu comecei a pesquisar aluguéis, e vi que os aluguéis estavam em torno de R\$700,00. Assim, alugueis de casas com 2 quartos, casa simples, casas populares [...]. Aí foi quando eu falei: ah vou dá uma olhada em comprar né. Por causa... eu lembro que foi bem no ano em que o Bolsonaro tinha sido eleito, eu tinha muito medo de acabar o Minha Casa Minha Vida. Eu falei: meu, tem que ser agora antes que esse cara tire esse negócio aí. Então fui e conversei com um cara da MRV. Eu lembro que eu conversei com ele, é... nós já conversamos, ele já fez a simulação no mesmo dia com meu holerite. Na época meu holerite tava em 2.400 reais, o líquido né, juntando as duas escolas, do Estado e a particular e eu lembro que foi aprovado muito rapidamente, foi aprovado em uma semana e aí para entrar aqui eu não tinha a entrada né, nunca tinha tido FGTS. Então aí a entrada eles parcelaram em cinco anos, em parcelas bem baixas de 250 reais. É... não tive que pagar nada pra entrar, nada, não paguei nenhuma taxa para entrar e eu lembro que eu comecei o processo em novembro, dia 5 de Janeiro eu tava mandando no apartamento. Foi muito rápido, muito tranquilo, assim, muito bom, muito positivo, assim, pra adquirir um imóvel, foi um processo muito, muito bacana. Consegui bastante subsídio também. (Kátia, moradora do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

[...] questão de lojas, questão de mercado eu preciso sempre estar indo ao centro, se eu quiser uma coisa um pouco melhor ou um pouco mais de opção, porque aqui no bairro tem poucas coisas. (Kátia, moradora do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

Kátia se mostra satisfeita com seu condomínio e com a estrutura do apartamento, porém, considera que o bairro deixa a desejar. Segundo ela, o comércio local não atende às suas necessidades, o que a obriga a recorrer ao centro da cidade.

De maneira geral, para Kátia, o Programa Minha Casa Minha Vida lhe proporcionou a realização de um sonho, tanto para ela como para sua família. A entrevistada afirma que se sente orgulhosa por, tão cedo, ter conquistado a casa própria a um preço acessível.

Nossa! É... significou a realização do sonho da minha família assim, né. Você conseguir uma casa própria, com 25 anos, com preço acessível, é... foi uma conquista gigante para mim e pra minha família, né, porque agora eu tenho um lugar para morar. Se eu sair daqui eu saio [...] daqui com o dinheiro, se eu quiser ainda ter outros planos né. Então, para mim foi uma segurança, foi uma conquista, foi um orgulho, foi algo que minha mãe nunca imaginou que conseguiria tão cedo. Então assim, foi motivo de orgulho assim, e tudo assim, acho que foi positivo, conseguir um apartamento, com

valor acessível que eu pago aqui é realmente maravilhoso. (Kátia, moradora do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

A entrevistada Luiza (do lar, 53 anos de idade) é natural de Presidente Bernardes, mas vivia em São Paulo antes de vir para Marília. Conta que veio para Marília em virtude de uma proposta de trabalho, recebida por seu esposo. De acordo com a entrevistada, o processo de adaptação à nova cidade foi difícil, pois não tinha conhecidos aqui. Por esta razão, encontrou dificuldades para encontrar e manter o emprego. Conta que morou por muitos anos na rua 24 de dezembro, centro da cidade e que gostava do bairro sobretudo porque estava próxima dos serviços que necessitava, inclusive, sendo possível se deslocar a pé para determinados lugares. Luiza conta que até ser contemplada pelo PMCMV moravam em uma habitação alugada, mas tinham suas economias pensando na oportunidade de adquirirem a casa própria. De acordo com a entrevistada, o imóvel demorou cerca de dois anos para ser concluído. Quando foi entregue, Luiza conta que fizeram algumas reformas, demorando mais alguns meses para se mudar.

Quando nós entramos com a papelada, com tudo ainda tava, ia começar a construir. Ai sempre a gente vinha lá do centro aqui pra olhar. Tava em fase assim, começando. Ai foi dois anos de espera.

Olha... [risos] no centro é outra coisa. Sabe por que? O que dificulta aqui pra gente... nós temos carro, mas o que dificulta é se a gente precisa de ônibus é muito pouco ônibus.

Até a gente ia ali no Tauste, no centro tudo a pé, um minuto, se resolveu pagar uma conta. Aqui não. Se não for aqui no bairro do lado, tem que ir no centro de carro tudo. (Luiza, moradora do Moradas Marília, 29 de maio de 2020).

Para Luiza, o condomínio onde mora é tranquilo e ela está satisfeita, porém, se queixa que o transporte coletivo deveria ser mais constante no bairro. Em relação ao PMCMV, a avaliação de Luiza é positiva, afirmando ter sido uma ótima oportunidade, já que pode abandonar o aluguel e viver em um imóvel próprio.

Ah eu achei uma oportunidade ótima, porque... ah, sei lá, a gente pagava aluguel. Hoje a gente tá numa casa que é da gente, que graças a Deus a gente já quitou... entendeu? É isso. (Luiza, moradora do Moradas Marília, 29 de maio de 2020).

Neste sentido, a partir das falas trazidas acima, podemos notar qual a percepção dos entrevistados em relação ao PMCMV e, de modo geral, a vemos como positiva. Segundo eles, o principal ponto para ser considerado está relacionado à questão do subsídio, pois com o desconto propiciado, a compra da casa própria tornou-se possível. Além disso, ressaltam a importância de saírem do aluguel e de possuírem um imóvel próprio.

4.4 Sobre a política

Refletir sobre a memória de voto, implica defrontar-se com diferentes perspectivas e histórias e, nesta pesquisa, ao serem questionados sobre o momento da votação, os beneficiados do Programa Minha Casa Minha Vida apresentaram diferentes visões quanto a optar por um voto em um candidato/partido que direcionasse suas tendências aos benéficos da classe alta ou que se dizia ser a favor dos trabalhadores.

Olhando para o conjunto dos dados temos os seguintes cenários: 1º) uma parte dos entrevistados (6) se manteve fiel a base lulista, apesar das críticas direcionadas ao PT e suas gestões, sobretudo, em relação aos escândalos de corrupção. 2º) Outra parte (4) compôs, no passado, a base lulista, mas abandonou o PT nas últimas eleições, apresentando, como principal motivação para a mudança de comportamento, os escândalos de corrupção e a expectativa pelas ações trazidas por alguém “novo”. Neste grupo, há os que cogitam votar novamente no PT nas eleições de 2022, principalmente se o candidato for o ex-presidente Lula. Há, em contrapartida, os que apresentaram forte sentimento de decepção e aversão ao PT, declarando que não voltarão a eleger o partido. Uma pessoa deste grupo não se posicionou sobre seu comportamento eleitoral, assim como não apresentou preferências políticas, mas não descartou a possibilidade de votar no PT, a depender das propostas de governo. Finalmente, temos o grupo (6) que diz não ter feito parte da base lulista, assim como não possuem a intenção de votar no PT em futuras eleições. Este grupo apresentou, além de sua preferência por candidatos de direita como Aécio Neves e Jair Bolsonaro, também o sentimento de anti-PT.

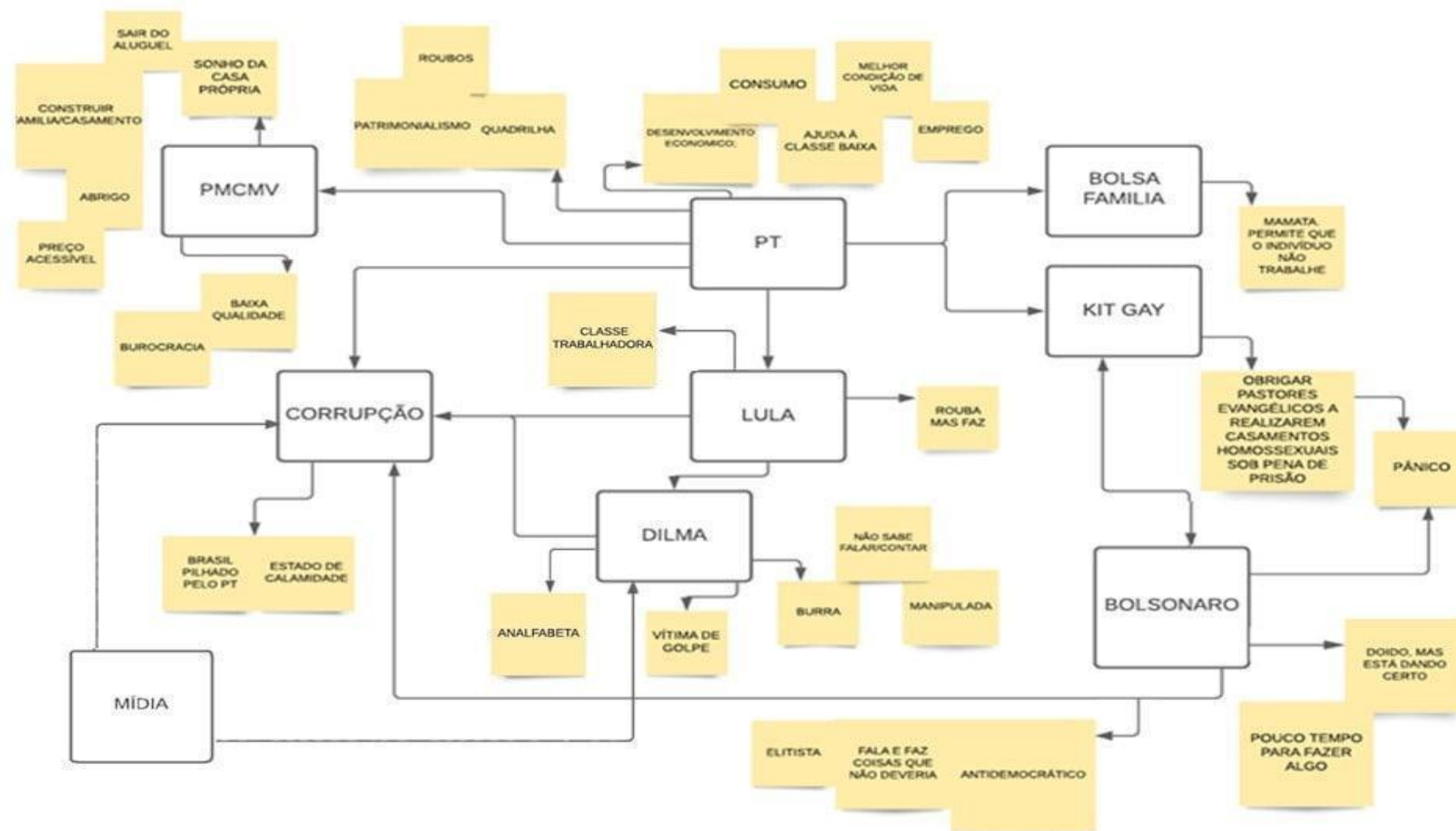
A este respeito, podemos dizer que o antipetismo surge em 2014, juntamente com o destaque para a questão da corrupção, fatos estes que foram

ampliados e incorporados às pautas conservadoras em 2018. Dessa forma, nos questionamos: por que os eleitores que votavam no PT deixaram de fazê-lo e por que razão houve os que se mantiveram fiéis ao PT?

Desta forma, pudemos dividir os 16 entrevistados em 2 grupos: 1) os que votaram e se mantêm apoiando o PT a ponto de darem seu voto nas urnas; e 2) os que rejeitam o PT e apoiam o governo Bolsonaro.

De acordo com as entrevistas, identificamos um elemento comum que perpassa as falas dos participantes, no caso, a questão da corrupção, que está presente em 14 das 16 transcrições. São citados, também, temas adjacentes, capturados ao longo das falas dos entrevistados e entrevistadas. Estas falas são representadas aqui por um diagrama que apresenta um esquema dos temas abordados nas entrevistas.

Diagrama 2 - Eixos temáticos das entrevistas



Fonte: Elaboração própria

Na centralidade da imagem, assim como na centralidade da discussão política brasileira dos últimos anos, está o Partido dos Trabalhadores, de onde ramificam temas secundários, porém, importantes para contextualizarmos alguns aspectos do cenário político brasileiro pós eleições de 2018.

Entre os temas temos os Programas Minha Casa Minha Vida e Bolsa Família, os políticos Lula e Dilma, a questão das Fake News expressas pelo Kit Gay e, por fim, os dilemas da corrupção no âmbito político do país. Vale destacar que estes temas secundários foram extraídos das entrevistas coletadas durante a pesquisa.

Aproximando um pouco mais dessas temáticas e focando inicialmente no Partido dos Trabalhadores, temos as percepções dos entrevistados sobre o partido. Vincularam ao PT as ideias positivas de “desenvolvimento econômico”, “consumo”, “ajuda a classe baixa”, “melhor condição de vida”, “emprego”, mas também ideias negativas como “roubos”, “quadrilha”, “patrimonialismo”.

Katia, professora de história na rede pública e privada de Marília, votou em Dilma nas eleições de 2014 e em Fernando Haddad em 2018 e se mostra favorável ao governo e as políticas petistas quando afirma:

[...] o PT eu vejo como positivo, no caso, uma consciência de classe né, por ver o quanto eles ajudaram as pessoas que são da minha classe né, o quanto é... tiro pela minha própria vida, pela minha própria história, pelo meu irmão, por exemplo, que hoje ele vai tentar ai, ele tá tentando um FIES então assim, fico vendo a questão do MCMV, fico vendo a questão do acesso né, da inclusão das classes mais baixas a uma melhor condição de vida né. (Katia, moradora do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

Assim como Katia, Isaque, também professor na rede pública de Marília, votou em Dilma em 2014 e em Haddad no segundo turno das eleições de 2018. Embora se mostre crítico aos governos petistas, no que diz respeito, por exemplo, à questão do consumo, considera que o PT tenha proporcionado desenvolvimento econômico e melhor condição de vida para a população, sobretudo pobre.

[...] eu percebi que a vida econômica da população através dos programas que foram criados nos governos dele [Lula] depois no da Dilma também, continuação no governo dele, auxiliaram muito para que houvesse desenvolvimento econômico de uma classe que até então não tinha tido esse acesso né. E daí é quando começa todo o discurso que o pobre começa a entrar na faculdade, começa a viajar, toda aquela história. Eu acho que teve um ganho muito grande e se eu posso fazer uma crítica a esse governo é que, na verdade, o que faltou a meu ver é que o governo, os governos petistas conseguiram transformar o... grande parte dos cidadãos em

consumidores, que até então eles não tinham esse acesso, não conseguiam ter esse acesso [...]. (Isaque, morador do Moradas Marília, 28 de junho de 2020).

Vanessa, desempregada quando realizada a entrevista, conta que não se lembra em quem votou nas eleições de 2014 para presidente, assim como, não se lembra em quem votou nas eleições de 2018. No entanto, afirmou que seu voto não foi em Bolsonaro. Para ela, a questão do desemprego se destaca entre os problemas atuais e, em comparação com os governos petistas, afirma que o cenário está pior.

[...] Então, na minha opinião, eu achei que os governos anteriores, pra mim, tavam melhores que esse né [...] pela questão do desemprego né. [...] É porque nessa época tem mais gente desempregado do que na época do PT né. No meu ponto de vista piorou bastante, porque tá aumentando mais o desemprego também né. Tirando por mim né, que fui mandada embora, e até agora não consegui arrumar serviço, porque tá difícil. (Vanessa, moradora do Parque Salé, 30 de maio de 2020).

Luiz, almoxarife, disse ter justificado seu voto para presidente nas eleições de 2014 e 2018. É um dos entrevistados que declaradamente apoiavam o PT, mas que abandonou a base lulista para apoiar a oposição, ainda que não tenha exercido seu voto. Em sua fala contra o PT, se destaca a questão da corrupção, e atribui ao partido o “sucateamento” do país.

Então, quando o PT chegou, ele chegou, assim, realmente para trabalhar com o povo para o povo né. Eu era petista, para você ter noção né. Porém a gente depois vem acompanhando a degradação do PT. Ele começou a se vender e ele começou a deixar o Brasil ser sucateado, vamos se dizer, pilhado e sucateado. Ao mesmo tempo que ele deu a mão, que fez a parte assistencial, ele abriu o cofre para pessoas que ficaram milionárias, para usufruto de si próprio, para suprir o próprio governo né. Ele começou a criar algo que não tinha precedente no Brasil né. Se a gente acompanha jornais, a mídia e ver que foi limpadão milhões. Aquelas construtoras né fazendo construções para fora do Brasil né e tudo que passou na mídia. A gente viu e falou: pô, estava dando certo podia dar muita mais certo né podia alcançar muito mais gente, só que não, eles se perderam né. Pallocci tinha uma articulação muito, muito grande e se corrompeu. Eu vejo algo bonito, algo exemplar né igual o SUS é né, sendo dilapidado por pessoas gananciosas. É a visão que eu tenho do PT hoje, algo, arcaico, velho, que precisa ser renovado né, ou extinto. A marca que ele vai carregar em si só fala por ele né, uma quadrilha né. (Luiz, morador do Parque Salé).

André, consultor de e-commerce, disse ter votado em Lula em 2006 e em Dilma em 2010. Seu abandono ao PT se deu em 2014, quando votou em Aécio

Neves. Reconhece que se beneficiou de políticas públicas e econômicas dos governos petistas tais como seu primeiro emprego, a possibilidade de cursar o ensino superior, ainda que sem acesso ao PROUNI ou FIES, e a aquisição da casa própria via PMCMV. No entanto, é um dos entrevistados que abandonaram o PT aderindo ao candidato de extrema direita Jair Bolsonaro, para quem votou em 2018. A principal razão da mudança em seu comportamento eleitoral são os escândalos de corrupção envolvendo o PT.

[...] durante o governo Lula onde é... eu tive oportunidade, só que o quê fala mais alto no governo petista são os escândalos, são os roubos, são os desvios, são os esquemas, né? Que realmente só, só prejudica a visão e a percepção das pessoas de fora do país sobre nosso país e também nos prejudica porque a nossa situação é de um país de um governo ladrão do governo corrupto de governo que só rouba e não faz nada pela população né? Essa é minha visão. (André, morador do Campina Verde, 08 de setembro de 2020).

Voltando ao diagrama e estando diretamente relacionadas à temática do PT, estão as percepções dos entrevistados em relação ao ex-presidente Lula, relacionadas a imagem de alguém que “rouba mas faz”.

Rogério, subgerente, se lembra de ter votado em Lula em 2006, mas não se recorda em quem votou nas eleições de 2014. Já em 2018, deu seu voto para Marina Silva. Por sua fala, percebemos que abandonou o PT após as gestões de Lula, porém, afirma que considera o governo do PT, sobretudo o de Lula, um dos melhores governos. Em sua fala também se destaca a questão da corrupção, e afirma que Lula roubou, assim como todos os demais governantes, porém, fez alguma coisa pelos pobres.

[o que você lembra da gestão petista, do Lula?] Eu votei no Lula na... minha a primeira votação foi a última eleição dele né, a última... a primeira vez que eu votei foi logo quando ele saiu, foi a última eleição dele. Mas eu votei nele, os meus pais votam nele, a gente é super a favor do Lula. [Por que?] Porque querendo ou não, é uma coisa que eu falo até para minha mãe, roubar todos eles roubam, todos. Não adianta falar que vai descer um santo do céu que não vai roubar, mas na minha percepção todos eles roubam, todos.

[...] em relação ao Lula né, ao PT eu vejo que foi um dos melhores governos, ao meu ponto de vista. Em 23 anos a minha análise que eu tenho, desde de quando eu nasci até agora eu vejo... aí depois entrou a Dilma, entrou agora o Bolsonaro... analisando esses três eu acho que quando era o Lula ainda era o melhor governo. É... porque eu vejo, eu falo muito porque a pessoa fala assim: “aí quem gosta do Lula, quem gosta do PT é o povo que gosta do Bolsa Família, que gosta disso, que gosta daquilo”. Eu acho que indiferente. Acho que roubar ele roubava? Roubava. Mas pelo menos ele fazia alguma coisa, pelo menos ele pensava nos mais carentes né, os pobres. Eu acho que é por isso que eu gosto, gostei bastante do governo

dele. Por ele pensar em quem tinha mais necessidade. (Rogério, morador do Parque Salé, 29 de maio de 2020).

Laila, desempregada no momento da entrevista, contou que não se lembra de ter votado em Lula e com certeza não votou em Dilma, afirmando com pouca convicção que deu seu voto em 2014 para Aécio Neves. Relatou, no entanto, que seus pais já votaram no PT, sobretudo em Lula, acreditando que ele seria bom para o povo justamente por sua origem na classe trabalhadora.

[o que você lembra desse governo, do PT, [...]] você se recorda de alguma coisa?] Tá. O que eu lembro bem no começo quando ele [Lula] tava fazendo lá, a propaganda eleitoral, que ele queria entrar é... ele, eu não lembro... Não, acho que... eu não sei se eu cheguei votar, não lembro se eu votei. Eu lembro pelo meu pai. Meu pai gostava muito do Lula e falou assim: o Lula ele vai mudar tudo, porque o Lula é né, trabalhador como a gente, tudo né, que era metalúrgico né, aquela história toda dele né. Então eu acho que ele ganhou assim ... eu lembro que quando ele entrou foi aquela festa... pelo motivo dele ser um trabalhador, ser uma pessoa comum como a gente ele conseguiu chegar lá. Então teve muito... e ele fez sim algumas coisas como o Minha Casa Minha Vida né, eu acredito que foi uma coisa muita boa né que ele fez pelo né... que ele falava que ele era trabalhador, tudo... eu acredito que os quatro primeiros anos dele assim foi bom. Não vamos mentir. (Laila, moradora do Vida Nova Maracá, 25 de outubro de 2020).

Quando questionados a respeito do que se lembravam em relação à gestão do ex-presidente Lula, as pessoas, na pior das hipóteses, relacionavam tanto a gestão como a imagem de Lula à questão dos roubos e da corrupção. Não houve ataque à pessoa de Lula, diferentemente do que aconteceu quando fizemos os mesmos questionamentos a respeito da ex-presidenta Dilma. A ela, alguns entrevistados vincularam as ideias de “vítima de golpe”, mas também a ideia de quem “não sabe falar/contar”, de alguém “burra” e “manipulada”.

Por exemplo, Márcia, editora de uma revista local, tem afinidade com o PT de forma a ter votado em Lula em 2006, em Dilma em 2014 e em Fernando Haddad no segundo turno de 2018. Para ela, Dilma foi, além de vítima de golpe político, também uma “coitada”, como afirma a seguir.

[você acha, por exemplo, que a Dilma foi um divisor de águas? Você acha que ela foi responsável, por exemplo, pela queda do PT?] Não, de jeito nenhum. Ela sofreu foi um golpe político, não, não tem o que dizer... ela não. Eu acho que ela não foi um divisor, eu acho que ela foi uma... um boneco, entendeu? Na verdade ela foi meio uma... ela foi uma coitada. (Márcia, moradora do Moradas Marília, 26 de maio de 2020).

Kátia, assim como Márcia, considera que Dilma tenha sido vítima de um golpe e afirma:

Nessa questão da redemocratização acredito que o governo do PT foi um governo muito bom. Especificamente o governo da Dilma acredito assim, que foi um golpe político que tirou ela né, totalmente um jogo político, infelizmente. (Kátia, moradora do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

Já Wagner, montador e instalador de autos que nunca foi eleitor do PT já que votou em Aécio Neves em 2014 e em Bolsonaro em 2018, afirma

[...] igual a Dilma por último que foi presidente antes do Bolsonaro, eu pra mim mesmo eu não sei o que a aquela mulher tava fazendo lá... porque não sabe nada, não sabe matemática, não sabe nem o que ela tá falando, não sabe nem ler o papel que o pessoal dá porque fala tudo errado. Não sei como a gente tinha uma presidente dessa governando o nosso país né. Ela mesma ela tava ali como um cone, que quem comandava mesmo era o Lula... ela não tinha estrutura. (Wagner, morador do Salé, 01 de junho de 2020).

Roberta, enfermeira, embora tenha votado em Dilma nas eleições de 2014, abandonou o PT em 2018 para dar seu voto para Jair Bolsonaro. Afirma que a imagem que Dilma transmitia era de que seu povo era analfabeto, já que ela “falava errado”.

A forma que ela nos representava, ela trazia pras outras pessoas, que o Brasil era analfabeto. Que uma mulher que foi militar, uma mulher que trabalhou mediante um exército, falar tão errado daquele jeito, porque tinha hora que ela ficava totalmente fora da casinha nos discursos. [...] Por ter sido a primeira mulher a governar o país, ela representa muito mal a classe feminina. Não falo nada de roubo, porque infelizmente no mundo da política é assim mesmo. (Roberta, moradora do Parque Salé, 18 de fevereiro de 2020).

André, entrevistado citado anteriormente, atribui a Dilma os rótulos de “burra” e “manipulada”. Acredita, assim como Wagner, que a ex-presidenta tenha sido conduzida por Lula, negando, assim, a capacidade de Dilma de gerir o país.

Dilma é burra, ela é teoricamente um pau mandado do Lula, então durante o governo da Dilma quem continuava o governando por trás o país era o Lula né? E ela simplesmente usou o poder que o Lula tinha pra dar sequência no nome dela por que o Lula que pois a Dilma como presidenta do Brasil, né? Então assim, o maior ponto que prejudica o PT é simplesmente a corrupção o tanto de corrupções como a lava jato, como enfim, vários esquemas, mensalão, corrupções na Petrobras, a má gestão na Petrobras onde a Dilma cresceu profissionalmente né, trabalhando lá. Enfim, são situações que mais levam em consideração por eu não gostar do petista, do petismo, do governo do PT. (André, morador do Campina Verde, 08 de setembro de 2020).

Laila, participante também já mencionada, acredita que a ex-presidenta não possuía aptidão para governar o país, entre outras razões, por causa de seu

jeito de falar e de falas supostamente sem sentido. Para Laila, teria sido melhor se Lula tivesse indicado a candidatura de outra pessoa.

[da Dilma, do governo da Dilma, o que você lembra do governo dela ou mesmo dela?] Olha, na verdade da Dilma eu não me lembro nada, assim se ela fez. De verdade, eu não lembro se ela fez alguma coisa. Eu acho que a Dilma, pelo jeito que ela falava, o jeito que ela pronunciava, ela falava muita coisa que não tinha nada a ver e... nossa, ela dava umas explicação que não, ninguém entendia. Eu acho que ela não era apta pra ser presidente... na minha opinião. Não tenho nada contra ela. Não sei, eu nem sei, na verdade o que ela fazia antes, o que ela era. Mas pelas coisas que ela falava era sem nexos. Eu lembro que ela ia dando umas explicação, fala umas coisas que ... "que que ela tá falando?" Sabe assim? Então eu acho que ela não era apta pra ser presidente. Talvez se o Lula tivesse colocado uma outra pessoa, não sei, uma outra pessoa no lugar dela, ... pra manter o PT na disputa, eu acho que talvez poderia ter sido um pouquinho melhor... se não fosse ela. Nada contra ela, mas na minha opinião ela... não sei... ela não, não passava confiança em nada que ela falava. Dava a impressão que ela não sabia nem o que ela tava fazendo lá. Essa... é o que eu penso. Talvez se fosse uma outra pessoa no lugar dela às vezes teria dado certo, melhor né, um pouquinho melhor. (Laila, moradora do Campina Verde, 25 de outubro de 2020).

Rogério, subgerente, não se lembra em quem votou em 2014 mas em 2018 deu seu voto para Marina Silva, embora tenha afirmado que já havia votado em Lula, assim como sua família, a mantém esse apoio. Porém, quando o questionamos sobre Dilma, sua resposta não foi favorável:

Eu acho que a Dilma era uma analfabeta [risos]. Eu acho que ela era uma analfabeta, sem estudo e entrou tipo, pra querer ser a primeira mulher presidenta, mas que ela não sabia nem quanto que era um mais um. E que entrando lá dentro, ela foi coagida [...]. Ela foi obrigada a fazer o que os outros queriam... por falta de conhecimento, porque conhecimento ela não tinha, por falta de conhecimento e por falta de caráter também, eu falo. Mas ela ... é mais ou menos isso. Mas eu falo que ela, o fim do governo PT foi com ela. [Por causa dela mesmo? Por causa de decisões que ela tomou?] Por causa de decisões dela. [...] E... eu falo que eu não tenho muito conhecimento, mas, se eu que tenho pouco conhecimento, cê imagina a Dilma que não tinha conhecimento nenhum. Ela entrou pra aprender. Eu penso dessa maneira. A gente não nasce sabendo, a gente aprende né. Tudo bem, ela entrou pra aprender, só que eu acho que, só que ela... tipo... não sei se ela tava com pessoas erradas ao lado dela, que não soube ensinar ou acabou fazendo a cabeça dela pra ela ir pra outro caminho. Se eu não me engano, ela fez alguma coisa também em relação aos mais carentes... não me recordo, mas eu acho que ela fez sim, mas mesmo assim, ainda acho que o Lula é o melhor presidente em relação a isso. Da mesma forma que eu tenho pontos contra né, pontos negativos dele, mas eu acho que em todos eles o que tem mais ponto positivo comigo é o Lula. Tanto pelo Bolsa Família, tanto pelo MCMV, por tantos programas que ele fez. Tanto pelo Bolsa Família, eu falo pelo Bolsa Família porque a minha mãe, quando a gente tava passando necessidade, ela recebia Bolsa Família. Era 50 reais mais ajudava a comprar uma fralda, alguma coisa em casa.

Mas foi o melhor governo que eu falo. (Rogério, morador do Parque Salé, 29 de maio de 2020).

A forma como Dilma é vista pelos entrevistados ilustra o forte movimento de oposição, ainda mais intenso do que em 2010 (ANDERSON, 2019), vivido por ela na transição para seu segundo mandato, o que culminou no processo de impeachment em agosto de 2016. (DEVULSKY, 2016).

Como é possível notar na fala dos participantes, os ataques a Dilma ultrapassaram a esfera das críticas à sua maneira de conduzir a política brasileira. Se utilizando de um senso comum, a grande mídia escolheu uma narrativa que, no lugar de dar ênfase à independência, firmeza e resistência de Dilma enquanto primeira mulher a assumir o mais alto cargo de governo, destacou sua suposta fragilidade para enfraquecer sua imagem. (DEVULSKY, 2016).

Outra temática em destaque nas entrevistas diz respeito à avaliação do governo de Jair Bolsonaro. Nicolau (2020) considera que entre os vários eventos que antecederam as eleições de 2018, como o impeachment da ex-presidenta Dilma e a prisão do ex-presidente Lula, por exemplo, o mais surpreendente foi a ascensão e, posteriormente, a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 para presidente.

Considerado por muitos como uma figura excêntrica, Bolsonaro¹⁷ apresentou, desde suas primeiras aparições em programas de TV, suas ideias em defesa do uso da tortura, da liberação do porte de armas, da disposição para participar de pelotões de fuzilamento em caso de aprovação da pena de morte (NICOLAU, 2020). Através de tais atos, Bolsonaro intensificou o sentimento de antipetismo que já vinha sendo alimentado pela mídia brasileira e, em algum grau, uma parte dos entrevistados se identificou com o discurso empregado em campanha e fora dela, pois os participantes que votaram em Bolsonaro nas eleições de 2018 não se mostraram insatisfeitos com o governo atual, de modo a atribuir a ele ideias como a de que teve “pouco tempo para fazer algo”, de que é “doido mas está dando certo”. Ao contrário, os entrevistados que não apoiaram

¹⁷ Sem mencionar a fama de misógino, racista e homofóbico, que reproduz os marcadores da diferença de maior destaque para as políticas de identidade no Brasil: gênero, raça e orientação sexual, de acordo com Cesarino (2020).

o governo Bolsonaro relacionam a ele a ideia de “corrupção”, “elitista”, “antidemocrático” e alguém que “fala e faz coisas que não deveria”.

Karina, balconista, disse não se lembrar em quem votou em 2014 mais sabe que não foi em Dilma. Já em 2018, votou em Bolsonaro e pretende, em 2022, votar novamente, pois não vê sentido na volta do PT/Lula à presidência, já que, segundo ela, nada foi feito além de “roubar muito”. Quanto a avaliação do atual governo, disse que não está satisfeita, mas ele ainda não teve tempo suficiente para trabalhar.

O Bolsonaro pegou agora. Tem muita coisa a melhorar, porque o Lula, ele fala que fez coisa boa, fez, mas ele roubou muito. Se ele não tivesse roubado, o Brasil não taria nessa calamidade que tá hoje, né. Então eu acho que, que nem eu falei pra você, tem muita coisa pra ser feita, então a gente não tá satisfeito mais. Vamo espera, acho que ele [Bolsonaro] tem mais três ou dois anos pra ver o que será feito né. (Karina, moradora do Parque Salé, 28 de maio de 2020).

Já Luiz, participante mencionado anteriormente, embora tenha afirmado que não votou nas eleições de 2018, é adepto de Bolsonaro e aprova seu governo.

(Risos) Você quer falar do Bolsonaro? O cara é doido mas é algo que está dando certo, porque ninguém é presidente sozinho. A partir do momento em que você traz pessoas capacitadas, pessoas com moral, com dignidade para comandar cê tá fazendo a coisa certa né. Porque o PT tinha Pallocci, tinha lá os “enfins” né, que eram pessoas estudadas, capacitadas, só que desviaram né. E o Bolsonaro tem, tirando o Sérgio Moro, porque eu nunca acreditei naquele cara. Sabe, ele tá indo bem, tirando a parte que ele fala umas coisas que ele não devia, que ele toma umas atitudes que não devia, ele tá indo pelo caminho certo. A gente tem um supremo que tá tentando corromper não sei o que, não sei o que que eles ganham com isso, mas eles querem sair da... do que é a existência deles que só legislar né, e o Senado com a velha política como sempre né, com a velha política. Fora isso, eu acho que tá indo pro eixo. Né, não vai ser hoje, não vai ser amanhã, talvez o ano que vem, mas acho que as coisas vão voltar a dar certo novamente. (Luiz, morador do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

Questionamos Luiz sobre o horizonte político para as eleições de 2022 e sua resposta foi positiva para Bolsonaro. Neste caso, afirmou entusiasmado que faria, inclusive, campanha¹⁸ para presidente.

¹⁸ Antônio Flávio Pierucci, em “Ciladas da diferença” (1999), identificou, enquanto buscava compreender o voto conservador de membros da classe média baixa na cidade de São Paulo e no contexto das eleições municipais da década de 1980, o que chamou de ativistas de campanha. Ao fenômeno estariam vinculados os indivíduos que tentavam “[...] convencer algum outro eleitor de que o voto em Jânio Quadros, ou em Paulo Maluf, era o melhor voto que um morador de São Paulo poderia dar naquele momento”. (PIERUCCI, 1999, p. 91).

[E assim, pensando também na eleição de 2022, o senhor acha que se o Bolsonaro se candidatar o senhor acha que ele tem chance de ganhar, o senhor daria o seu apoio a ele?] Eu daria meu voto a ele. Eu iria a urna... dessa vez eu iria a urna pra ele. E faria campanha pra ele sim. (Luiz, morador do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

André, está satisfeito com o atual governo porque o considera menos corrupto e preocupado com a saúde, emprego e qualidade de vida da população.

Eu acho que é um governo menos corrupto que não se ouve falar de corrupção no governo Bolsonaro, né? Então assim ao meu ver é um governo bom que prima pela ética e pela qualidade de vida dos brasileiros, né? Onde se preocupa muito com saúde, se preocupa muito com o trabalho, preocupa com o emprego, com a geração de renda, com o desenvolvimento do país, então eu vejo como um governo bom. (André, morador do Campina Verde, 08 de setembro de 2020).

Já a fala de Roberta se dá de maneira contraditória. Ela afirma que não gosta da figura de Bolsonaro pelos ataques que faz contra a população negra, as mulheres e as empregadas domésticas. Ainda assim, demonstra certa satisfação com a condução da política brasileira, ao menos no âmbito econômico.

Bolsonaro. Particularmente eu não gosto dele porque eu acho que ele como brasileiro ele é um homem que ele denigre muito a imagem do negro, da empregada doméstica, da mulher. Ele é um cara que se você for olhar bem pra ele, ele foge até da imagem do machismo. Ele se acha deus. Mas é um cara que tem mexido os pauzinhos e o país tem saído, bom... falando economicamente tá... o país tem saído da zona de alerta que estava, meio que ficando numa zona de conforto, tá começando a andar. (Roberta, moradora do Parque Salé, 18 de fevereiro de 2020).

Wagner, eleitor de Bolsonaro, se mostrou satisfeito com seu voto e com a gestão do atual presidente. Neste caso, o entrevistado se diz a contento não apenas com as decisões tomadas no âmbito da administração, mas sobretudo, quanto à postura do presidente.

É mais pelo que eu vejo, assim, e agora também, com o Bolsonaro... eu até votei no Bolsonaro... gosto da postura dele, da sinceridade dele, do jeito que ele fala... é... na verdade é... tem mais tempo né, mas... eu votei nele pelo que ele apresentou. E ainda não me arrependi do meu voto... de ter votado nele. Não me arrependi é... ainda gosto dele, gosto do que ele propõe, do governo que ele fala, né. E... agora... mas tem mais água pra rolar, né, mais chão, não sei. Pode ser que mude alguma coisa, mas por enquanto, tô contente com meu voto. (Wagner, morador do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

Katia, eleitora do PT, considera o governo Bolsonaro antidemocrático, se referindo, por exemplo, aos ataques e ameaças ao Supremo Tribunal Federal por parte de Bolsonaro e seus eleitores, ocorridos desde o primeiro semestre de

2020. Katia também classifica o atual governo como elitista, como veremos abaixo:

Sem palavras assim. Eu acho um governo muito ruim, muito negativo né. O primeiro ponto que acho negativo é porque o Bolsonaro vai contra a democracia, né. Então ele pedir pra fechar o STF, pra mim é uma coisa que, eu como historiadora, eu como cidadã brasileira, olhando pra história do Brasil, que é uma história muito recente, me dá enjoo, me dá revolta né, desse discurso dele de fechar o STF. Pra mim isso é o que tá mais me revoltando, na atual conjuntura é isso o que mais me revolta né. [...] e também a... eu também acredito que é um governo elitista, né é um governo que não, não, não atende a maior classe brasileira que é a classe mais baixa, então pra mim é um governo elitista também que vai continuar atendendo aí as classes mais altas [...], então para mim é um governo muito negativo mesmo, assim, não tenho elogios ao governo Bolsonaro, muito pelo contrário eu tenho críticas. (Katia, moradora do Parque Salé, 01 de junho de 2020).

Os entrevistados adeptos de Bolsonaro demonstraram certa expectativa de que sua gestão pudesse tomar rumos diversos, como o combate a corrupção e o controle da economia, por exemplo. Já para os entrevistados com certa identificação com o PT, se mostraram contrários ao governo de Jair Bolsonaro, destacando, como no caso de Kátia, acima mencionado, que se trata de um governo elitista e corrupto. O posicionamento de Kátia, assim como de outros entrevistados como Marcia e Ivan, por exemplo, possivelmente está relacionado a formação que receberam ao longo de suas trajetórias acadêmicas. Todos, além de Rafael cursaram, ao menos parte de seus estudos, em universidade pública, com influência do pensamento de esquerda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo estudado na presente pesquisa foi composto por homens e mulheres que, de acordo com algumas de suas características, como a renda, as ocupações exercidas e o alto nível de escolaridade, por exemplo, integram a "Nova Classe Trabalhadora", categoria proposta por André Singer (2012) para se referir a considerável parcela da população brasileira, que pôde ascender socialmente graças às políticas implantadas durante as gestões do Partido dos Trabalhadores (PT) no âmbito federal.

Entre as políticas mencionadas e da qual os participantes foram diretamente beneficiados, está o Programa Minha Casa Minha Vida, muito presente em cidades médias como Marília, onde o estudo foi realizado.

Buscamos conhecer a percepção dos participantes, de forma a responder algumas indagações, tais como: se o grupo pesquisado entendeu a conquista da casa própria como uma política social ligada à habitação ou apenas como mercadoria; se para os participantes houve significado na posse da casa própria e qual seria ele; finalmente, o que pensaram sobre o Programa Minha Casa Minha Vida e como votaram nas eleições de 2018 para presidente da república.

De maneira geral, o grupo pesquisado considera a posse da casa própria como uma realização importante para suas vidas, para a constituição de sua família, como é o caso ilustrado, por exemplo, pelos entrevistados Isaque, André, Talita e Laila. A posse do imóvel se mostrou importante, sobretudo, porque permitiu que os participantes abandonassem a despesa do aluguel, elemento frequente nas falas dos sujeitos.

As informações coletadas ao longo das entrevistas nos permitiram considerar que a habitação é importante para o perfil dos entrevistados, mas é possível que já não faça tanto sentido ou tenha o mesmo significado como para as gerações anteriores. Dessa forma, podemos considerar que houve um movimento, uma mobilidade, de maneira que investimentos antes considerados importantes para uma geração já não são para outra.

A percepção da casa própria apresentada pelos sete participantes que nos concederam a segunda entrevista difere da percepção de seus pais. Os entrevistados Isaque, Márcia, Rogério e Rafael, por exemplo, expuseram que

seus pais veem a casa própria como uma prioridade. Para eles, no entanto, a necessidade da posse de um imóvel próprio não é tão grande, ainda que represente uma conquista, um ponto de chegada com segurança. Isaque, por exemplo, afirmou que não teria dificuldades em se desfazer do imóvel e viver em uma casa alugada, desde que isso trouxesse algum tipo de satisfação. Já para Rafael, a casa própria, embora se possa ter consideração e carinho, configura basicamente um lugar para morar. Podemos dizer que a geração dos pais possuía elementos, por exemplo, de sair do campo e ir para a cidade, tinha um conceito de cidade em que a conquista da casa própria fazia sentido. Havia uma relação com a casa, e que, pelo que pudemos perceber através das falas, essa relação mudou. Alguns significantes podem permanecer, mas os significados se alteram para essas pessoas.

De acordo com as entrevistas, a relevância da casa própria está relacionada, sobretudo, ao seu caráter patrimonial, enquanto um bem, um investimento passível de resgate, venda, quando assim necessário. Existe a ideia de mobilidade, no sentido de o sujeito poder se mover, não estar “preso” no mesmo lugar. A casa própria, como dito por Marcia, configura um bem ativo e não passivo, de forma que oferece estabilidade, mas já não se trata de um elemento estático, ao contrário, é uma segurança num mundo que se move.

Consultamos os entrevistados sobre a participação do Estado no processo de oferta da casa própria com o intuito de coletar elementos que ligassem a discussão à questão dos direitos. Embora os entrevistados considerem o Estado responsável pela criação de políticas públicas voltadas para a oferta de moradia, apenas um participante, Rafael, mencionou a moradia estando prevista na constituição. A ideia de moradia enquanto um direito, porém, não está exposta pela maioria dos entrevistados, tendo destaque, no caso, a noção de casa própria enquanto patrimônio.

Nesse sentido, podemos considerar possível que os entrevistados não reconheçam tanto o papel de um governo, no caso, Lula ou PT em uma política habitacional por considerarem a aquisição da casa própria como um esforço sobretudo individual. Embora tenhamos tentado abordar a percepção também do ponto de vista dos direitos, vimos que os entrevistados não operam neste conceito, mas sim no de conquista. Eles, em certa medida, reconhecem a

importância e o papel do governo/Estado na oferta do subsídio/desconto na aquisição do imóvel, mas não veem a iniciativa como uma política pública habitacional, e sim como o primeiro passo, um *start* para uma conquista.

Em relação a percepção dos participantes sobre o Programa Minha Casa Minha Vida, todos os entrevistados avaliam o programa de forma positiva, e afirmaram que foi decisivo para a conquista da casa própria, sobretudo por causa da quantia liberada como subsídio. Para alguns como Wagner, Karina e Luiz, o valor abatido no preço do imóvel foi importante, pois não teriam, segundo eles, a quantia necessária para o investimento. Alguns entrevistados como, Rosa, Karina e Rogério, por exemplo, se mostraram decepcionados com alguns aspectos do programa, tais como, a qualidade do imóvel e a demora na entrega do apartamento.

Quanto a relação dos beneficiados pelo Programa Minha Casa Minha Vida com a política, identificamos dois cenários: o primeiro referente a uma parte dos entrevistados, que se mostrou fiel a base lulista, ainda que com críticas, especialmente relacionadas a corrupção. O segundo cenário diz respeito ao grupo que abandonou o lulismo nas eleições de 2018, sob o argumento dos escândalos de corrupção, passando, então, a apoiar Jair Bolsonaro.

Através da história de vida dessas pessoas, das influências familiares que possuem, de suas trajetórias pela cidade, podemos perceber que são protagonistas, agentes de sua história, de forma a refletir na maneira como operam suas escolhas políticas, decidindo, ainda que em meio a contradições, e atribuindo sentido as diversas leituras que possuem.

Explorar tais ideias pode ajudar a entender melhor as percepções de políticas de governos e políticas públicas. Entender também o que essas pessoas estão pensando e fazendo em relação as opções políticas, já que se trata não apenas de uma visão de mundo, mas também de um lugar no mundo de onde se opera e fazem suas escolhas.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. O Brasil de Bolsonaro. **Novos Estudos**, CEBRAP, São Paulo, v. 38, n. 01, p. 215-254, Jan./Abr. 2019. Disponível em: http://novosestudios.com.br/wp-content/uploads/2019/06/12_anderson_113_p214a256.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.
- ANTUNES, Ricardo. As rebeliões de junho de 2013. **Revista Observatório Social de América Latina**, Delegación Coyoacán, ano XIV, n. 34, p. 37-49, nov. 2013. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/osal/20131107012902/osal34.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- ARAUJO, Ana Cristina da Silva. **Programa Minha Casa, Minha Vida: antigos e novos dilemas da habitação de interesse social e o caso de Marília**. 2013. 225 f. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-07052014-152618/publico/Tesefinal.pdf>. Acesso em: 09 set. 2021.
- BALESTRIERO, Geraldo Élvio. **Capital da alta paulista: uma história do município de Marília**. 1984. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1984. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/278628/1/Balestriero_GeraldoElvio_M.pdf. Acesso em: 08 set. 2020.
- BARTELT, Danilo Dawid (org.). **A “Nova Classe Média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.
- BELLO, Carlos Alberto. Percepções sobre pobreza e Bolsa Família. In: SINGER, André, LOUREIRO, Isabel (org.). **As contradições do lulismo: a que ponto chegamos**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 157-183.
- BISPO, Thiago Henrique de Almeida. **O cinema na cidade: o pioneirismo no interior paulista, Marília-SP (1927 – 2000)**. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150148/bispo_tha_me_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 23 maio 2020.
- BRAGA, Ruy. As jornadas de junho no Brasil: Crônica de um mês inesquecível. **Revista Observatório Social de América Latina**, Delegación Coyoacán, ano XIV, n. 34, p. 51-61, nov. 2013. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/osal/20131107012902/osal34.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- CARVALHO, Aline Werneck Barbosa; STEPHAN, Italo Itamar Caixeiro. Eficácia social do Programa Minha Casa Minha Vida: discussão conceitual e reflexões a partir de um caso empírico. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 283-307,

abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cm/v18n35/2236-9996-cm-18-35-0283.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

CARVALHO, Marcus Vinicius de Souza Perez de. **Feira Livre na cidade de Marília-SP: tensões e cotidiano**. 116f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190858>. Acesso em: 29 jul. 2021.

CASSETI, Valter. **Geomorfologia**. [s.l.]: [2005]. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~santos/Geomorfologia_Geologia/Geomorfologia_ValterCaseti.pdf. Acesso em: 12 set. 2021.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: A ascensão do populismo digital no brasil. **Revista Internetlab**, n. 1, v. 1, fev. 2020, p. 91–120. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%C3%A7%C3%A3o-sem-sair-de-casa.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Rev. antropol.**, São Paulo, Online, v. 62 n. 3, p. 530-557, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232/158421>. Acesso em: 06 dez. 2020.

COSTA, Henrique. Entre o ‘home office’ e a vida loka: o empreendedorismo popular na pandemia. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Reflexões na Pandemia, Rio de Janeiro, p. 1-19, 2020.

DEVULSKY, Suzana Brito. **Imprensa no contra-ataque: discurso machista e o impeachment da presidenta Dilma**. 61f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6446/1/SDevulsky.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

DUMONT, Tiago Vieira Rodrigues. **Os efeitos do Programa Minha Casa, Minha Vida para população de baixa renda em Marília – SP: a construção de uma ilusão**. 2015. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123160/000823390.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 jul. 2019.

FERREIRA, Heloísa Mariz. Política habitacional e produção do espaço urbano: uma análise da formação de novas áreas centrais na cidade de Marília-SP. **GeoAltos**, Presidente Prudente, v. 1, p. 1-21, 2016.

FREITAS, Rosana de Cavalho Martinelli. O governo Lula e a proteção social no Brasil: desafios e perspectivas. **Rev. Katál. Florianópolis**, v. 10, n. 1, p. 65-74

jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000100008&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 18 set. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: 2017.

INSTITUTO Datafolha. **Desejo de mudança e rejeição ao PT alavancam candidatura de Bolsonaro**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/10/1983550-desejo-de-mudanca-e-rejeicao-ao-pt-alavancam-candidatura-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 14 fev. 2021.

INSTITUTO Datafolha. **Lula mantém liderança, com 51%, 11 pontos à frente de Alckmin, que tem 40%**. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2006/10/1193374-lula-mantem-lideranca-com-51-11-pontos-a-frente-de-alckmin-que-tem-40.shtml>. Acesso em: 14 fev. 2021.

JUNGE, Benjamin; TAVARES, Álvaro Prado Aguiar. Subjetividades móveis: Sentidos de periferia e percepções da crise entre motoristas de uber em Recife. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 103-123, abr. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002020000100103&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 dez. 2020.

KERSTENETZKY, Celia Lessa; UCHÔA, Christiane. Moradia inadequada, escolaridade insuficiente, crédito limitado: em busca da nova classe média. *In*: BARTELT, Danilo Dawid (org.). **A “Nova Classe Média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 16-30.

MARINGONI, Gilberto. Jessé Souza: a noção de nova classe média é ilusória. **Desafios do Desenvolvimento**, ano 12, n. 85, p. 10-16, 2015. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/images/stories/ed85/pdfs/160120_desafios_85.pdf. Acesso em: 12 jul. 2020.

MINISTÉRIO do Desenvolvimento Regional. **Programa Minha Casa Minha Vida**. Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/habitacao/programa-minha-casa-minha-vida-pmcmv>. Acesso em: 16 jul. 2019.

NERI, Marcelo Cortes (coord.). **A nova classe média**. Rio de Janeiro: FVG/IBRE, CPS, 2008. Disponível em: https://www.cps.fgv.br/ibrecps/M3/M3_ANovaClasseMedia_Port_2.pdf. Acesso em: 18 jul. 2019.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. [São Paulo: Rio de Janeiro]: Zahar, 2020.

PARAIZO, Maria Angélica Chagas. **Populismo e o projeto de desenvolvimento do governo Lula**. 117f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/148913/paraizo_mac_me_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 25 out. 2019.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo; Editora 34, 1999.

QUADROS, Waldir José de; GIMENEZ, Denis Maracci; ANTUNES, Daví José Nardy. O Brasil e a nova classe média dos anos 2000. **CESIT Carta Social e do Trabalho**, n. 20, out./dez. 2012. Disponível em: <http://cesit.net.br/wp/wp-content/uploads/2014/11/Carta-Social-e-do-Trabalho-20.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RIBEIRO, Rosely Cristina da Rocha. **Na capital nacional do alimento**. 1996. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 1996.

SANT'ANA, Matheus; POZNYAKOV, Karolina. Levantamentos de manifestações patológicas em edificações de interesse social. **Revista Boletim do Gerenciamento**, n. 20, 2020, p. 34-44. Disponível em: <https://nppg.org.br/revistas/boletimdogerenciamento/article/view/508/321>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SANTOS, Caio Augusto Marques dos. **O relevo e o sistema de afastamento e tratamento de esgoto da cidade de Marília-SP**. 2009. 200 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96676/santos_cam_me_prud.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 05 jan. 2020.

SANTOS, Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos. **A quebrada: o processo de autoconstrução na favela da Vila Barros – Marília/SP**. 2008. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

SCHMIDT, Naiara Conservani. **Cidadãos privados: uma investigação sobre o processo de fortificação do interior paulista**. 2013. 149f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88753/schmidt_nc_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 jul. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2014. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf. Acesso em: 12 set. 2021.

SINGER, André. **O lulismo em crise**: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SINGER, André. 'Os miseráveis que receberam um auxílio se tornaram lulistas de carteirinha', diz André Singer. [Entrevista concedida a] Mariana Sanches. **BBC Brasil**: São Paulo, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44621186>. Acesso em: 08 nov. 2019.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINGER, André. Raízes sociais e ideologias do lulismo. **Revista Novos Estudos**, CEBRAP, n. 85, p. 83-102, nov. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/n85/n85a04.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SOUZA, Amaury; LAMOUNIER, Bolívar. **A classe média brasileira**: ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília: CNI, 2010.

SOUZA, Jessé. A Parte de Baixo da Sociedade Brasileira. **Revista Interesse Nacional**, v. 14, p. 33-41, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1197366/mod_resource/content/1/Desigualdade%20brasileira%20por%20Jess%C3%A9%20Souza.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

SOUZA, Jessé; ARENARI, Brand; OLIVÉRIO, Djamilla *et al.* **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Loteamentos fechados em cidades médias paulistas Brasil. *In*: SPOSITO, Eliseu; SPOSITO, Maria Encarnação; SOBARZO, Oscar. (org.). **Cidades Médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 175-197.

TEM NOTÍCIAS 1ª edição. **Confira como foi a votação em Marília e Borá**. Exibição em 29 out. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7122171/programa/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

VALERA, Mariana Franzolin. **Dinâmicas de uma política urbana**: tensões na implantação de um conjunto habitacional na cidade de Marília/SP. 2017. 73f. Relatório de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020.

VERDI, Aline Martins. **Deus e o diabo nas pontas de um pé-de-veludo**: estudo de uma personagem contraditória no imaginário popular mariliense. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/verdi_am_me_mar.pdf. Acesso em: 24 out. 2020.

VIEIRA, Alexandre Bregamim; NUNES, Marcelo; GUIMARÃES, Raul Borges. Desigualdade e exclusão em cidades médias brasileiras. *In*: MELAZZO,

Everaldo Santos; GUIMARÃES, Raul Borges (org.). **Exclusão social em cidades brasileiras:** um desafio para as políticas públicas. São Paulo: Ed. Unesp, 2010. [p.?].

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Entrevista 1

1º bloco – Dados para identificação

Nome, idade, sexo, estado civil, bairro, cor, nacionalidade, nível de instrução, religião, ocupação, ocupação já exercida, local de votação.

2º bloco – História de vida

- Conhecer um pouco a história de vida, infância e adolescência.
- Saber um pouco sobre o bairro onde morou.
- Saber um pouco sobre como é morar no atual endereço.
- Saber como foi o processo de aquisição da casa própria via Programa Minha Casa Minha Vida.
- Saber o que o Programa Minha Casa Minha Vida representou.

3º bloco – Memória de voto e opinião política

- Saber um pouco sobre a lembrança das gestões de Lula e Dilma.
- Saber o voto nas eleições de 2014 e 2018.
- Saber a opinião sobre a política federal atual.
- Conhecer a expectativa para as eleições de 2022.

Entrevista 2

Percepção sobre a casa própria

- Viveu a maior parte de sua vida em casa própria ou alugada?
- No caso da casa própria, como se deu o processo de aquisição?
- O que significou a posse da casa própria para sua família?
- Para você, o que é uma casa/apartamento?

- O que significa ter uma casa/apartamento?
- Para você, qual o papel do Estado no processo de obtenção de uma casa/apartamento?

APÊNDICE B – DADOS DE RENDA E VOTO

Nome	Renda	Local de votação	Memória de voto	Intenção de voto (2022)	Teve acesso
Roberta	R\$2.200,00	Zona:070 Seção: 0384	2014: Dilma 2018: Bolsonaro	Lula	MCMV
Fabiana	R\$1.800,00	Apenas justifica	2014: Justificou 2018: Justificou	Bolsonaro	MCMV
Karina	R\$1.700,00	EMEF Geralda Vilardi	2014: não lembra mas não foi Dilma 2018: Bolsonaro	Bolsonaro	MCMV BF
Rogério	R\$1.300,00	Zona: 070 Seção: 0403	2014: não lembra 2018: Marina	Lula ou Moro	MCMV FIES BF (mãe)
Rafael	R\$2.500,00 R\$5.000,00	Escola Micácia Garcia Gil Zona: 070	2014: Dilma 2018: Haddad	Lula/PT	MCMV

Vanessa	R\$1.500,00	Escola Mônico Zona: 070 Seção: 355	2014: não lembra 2018: não lembra (não foi Bolsonaro)	Não sabe, mas não em Bolsonaro	MCMV
Rosa	R\$1.600,00 R\$4.500,00	Abel Augusto Fragata Zona: 070 Seção: 0130	2014: não lembra 2018: Bolsonaro	Bolsonaro	MCMV
Luiz	R\$1.900,00	Vota em Oriente	2014: justificou 2018: justificou	Bolsonaro	MCMV ProUni
Wagner	R\$1.800,00	Maria Estela	2014: Aécio 2018: Bolsonaro	Bolsonaro	MCMV BF (irmã)
Katia	R\$2.400	Emei Pingo de Gente Zona: 70 Seção: 0330	2014: Dilma 2018: Haddad	Lula/PT	MCMV FIES (irmão)
Marcia	R\$1.800,00 R\$7.000,00	Zona:400 Seção: 0140	2014: Dilma 2018: Haddad	Lula/PT	MCMV FIES (irmã)
Isaque	R\$1.600 R\$3.000	Zona: 400 Seção:0140	2014: Dilma 2018: Haddad	Lula/PT	MCMV
Luiza	R\$3.000,00	Colégio Bezerra	2014: Dilma 2018: Haddad	Lula/PT	MCMV

Talita	1.800,00	EMEF Mário Covas Zona: 400 Seção: 0272	2014: Aécio 2018: Bolsonaro	Bolsonaro /Moro	MCMV
André	R\$3.300,00 R\$3.000,00	EMEF Mário Covas Zona: 400 Seção: 0272	2006: Lula 2010: Dilma 2014: Aécio 2018: Bolsonaro	Bolsonaro /Moro	MCMV
Laila	R\$2.000,00 R\$2.800,00	Creche Roda Pião Zona: 400 Seção:157	 2014:Aécio 2018: Bolsonaro	Bolsonaro	MCMV

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE C - MEMÓRIA E INTENÇÃO DE VOTO DOS ENTREVISTADOS

Roberta: Em 2014 votou na Dilma e em 2018 votou no Bolsonaro. Em 2022 pretende votar em Lula, caso ele se candidate.

Fabiana: Desde que mudou de cidade para estudar não vota, apenas justifica. Nunca daria seu voto para o PT e cogita fugir de seu padrão e ir às urnas em 2022, desde que ajude a eleger Jair Bolsonaro.

Karina: Não se lembra em quem votou em 2014 mas disse que não foi em Dilma. Já em 2018, votou em Bolsonaro e pretende, em 2022, votar novamente.

Rogério: Não se lembra em quem votou em 2014 mas em 2018 deu seu voto para Marina Silva. Em 2022 pretende votar em Sérgio Moro, caso ele se candidate.

Rafael: Votou em Dilma em 2014 e em Fernando Haddad no segundo turno de 2018, para não votar em Bolsonaro. Em 2022, tem intenção de votar em Lula ou em algum candidato do PT, caso haja candidatura.

Vanessa: É a única entrevistada a fornecer pouca precisão sobre seu comportamento eleitoral. Disse não se lembrar em quem votou nas eleições de 2014 para presidente, assim como, também não se lembra em quem votou nas eleições de 2018. No entanto, afirmou que não votou em Bolsonaro. Em 2022, não sabe ainda em quem votar, mas afirmou que não pretende apoiar Bolsonaro. Um dos elementos identificados na sua fala para justificar esse posicionamento é o desemprego vivido por ela na atual gestão.

Rosa: Não se lembra em quem votou em 2014, mas em 2018 deu seu voto a Bolsonaro e em 2022 pretende votar nele novamente.

Luiz: Seu local de votação é na cidade de Oriente. Disse sem muita convicção que justificou seu voto para presidente nas eleições de 2014 e 2018. Ainda assim, disse que pretende votar em Bolsonaro em 2022. Afirmou ainda que fará “campanha eleitoral” em seu ciclo social para que ele vença as eleições. Neste contexto, é possível estabelecer um paralelo com a pesquisa realizada por a Pieriucci. Nesta pesquisa, o autor menciona, entre outros aspectos, o fato de algum dos seus entrevistados fazer, por opção, campanha/propaganda política para determinar o candidato (Maluf/Jânio) no período eleitoral de 1980 para prefeito de São Paulo.

Wagner: Votou em Aécio Neves em 2014 e em Bolsonaro em 2018. Disse, até o momento da entrevista, estar satisfeito com a postura de Bolsonaro a ponto de dar novamente seu apoio nas urnas em 2022.

Katia: Nas eleições de 2014, votou em Dilma e em 2018 em Fernando Haddad tanto no primeiro como no segundo turno das eleições. Acredita que Dilma tenha sido vítima de golpe político e que Bolsonaro promove um governo corrupto. Pretende, em 2022, votar em Lula ou em algum candidato do PT, caso haja candidatura do partido.

Marcia: Tem afinidade com o PT de forma a ter votado em Lula em 2006 e Dilma em 2014 e em Fernando Haddad no segundo turno de 2018. Em 2022 pretende votar em Lula ou em algum candidato do PT.

Isaque: Votou em Dilma em 2014 e em 2018 deu seu apoio em Ciro Gomes no primeiro turno e a Fernando Haddad no segundo turno. Acredita que o PT poderia ter feito mais pela população pobre brasileira, porém, ainda assim, votaria em Lula ou no candidato do PT para as eleições de 2022.

Luiza: Sempre votou no PT, inclusive em Lula nas eleições de 2002 e 2006, e em Dilma em 2010 e 2014. Em 2022 tem certeza de seu apoio a Lula ou a outro candidato do PT.

Talita: Não possui identidade com o PT e nunca deu seu apoio ao partido. Nas eleições de 2014 votou em Aécio Neves e nas eleições de 2018 deu seu apoio a Bolsonaro. Sua intenção de voto para as eleições de 2022 é em Bolsonaro ou em Sérgio Moro.

André: Disse ter votado em Lula em 2006 e em Dilma em 2010. Reconhece que se beneficiou de políticas públicas dos governos petistas, como seu primeiro emprego, a possibilidade de cursar ensino superior, ainda que sem acesso ao PROUNI ou FIES, e a aquisição da casa própria via PMCMV. No entanto, é um dos entrevistados que abandonou o PT, aderindo ao candidato de extrema direita como Jair Bolsonaro, para quem votou em 2018. A principal razão da mudança em seu comportamento eleitoral são os escândalos de corrupção envolvendo o PT. Em 2022, tem a intenção de apoiar Bolsonaro ou Sérgio Moro.

Laila: Com certa incerteza disse ter votado em 2014 em Aécio Neves. Disse não se lembrar mas achava que era isso. Em 2018 deu seu apoio a Bolsonaro e em 2022 tem a intenção de repetir o apoio a ele ou votar em Sérgio Moro. Disse que não entende, nem se interessa, por política, e que votou em Bolsonaro por que “todos” iriam votar. Relatou que seus pais já votaram no PT, sobretudo em Lula, acreditando que ele seria bom para o povo. Em 2022 a intenção de voto é em Bolsonaro.